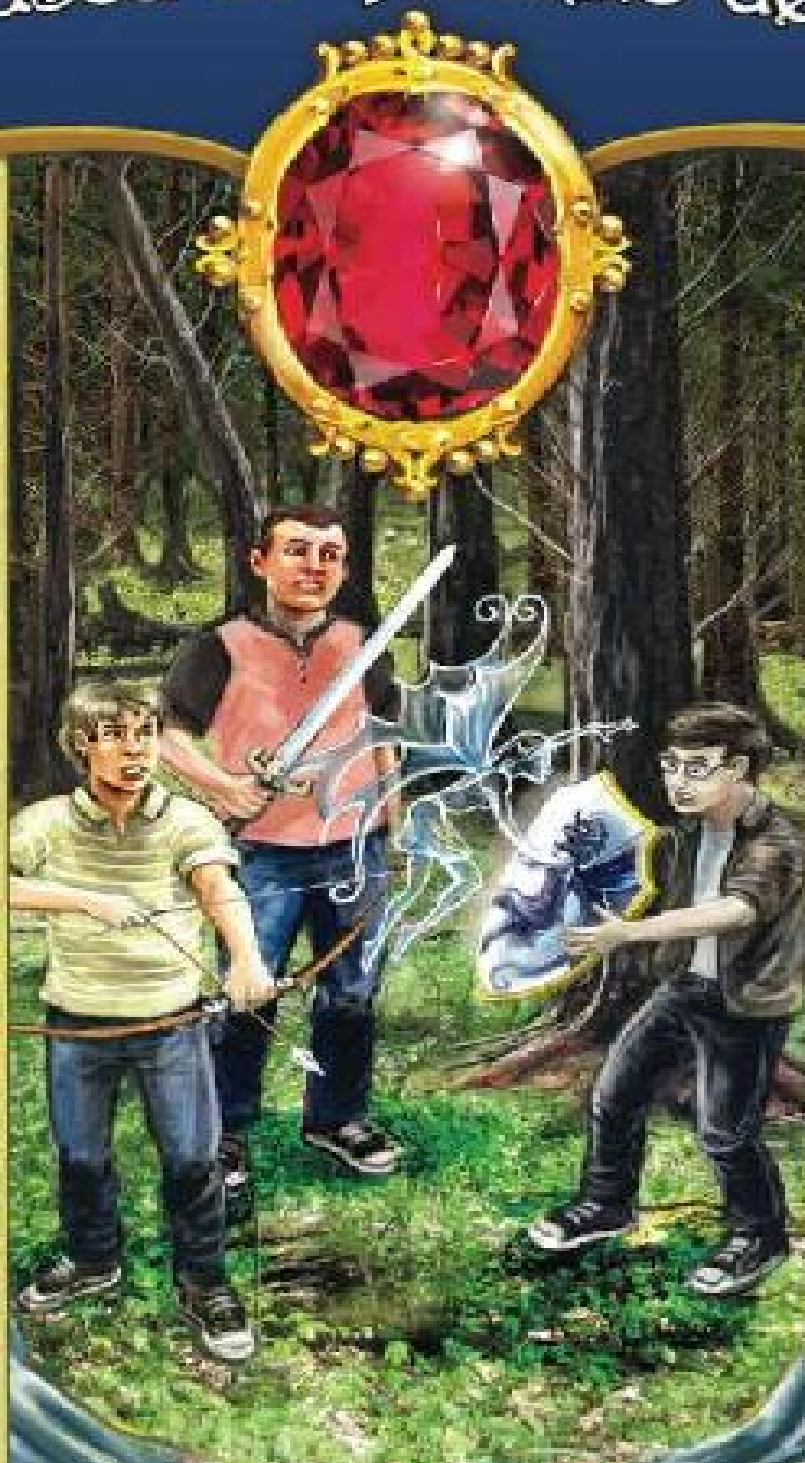


As Quatro Portas do Tesouro
Em Busca do Amuleto de Aloni



2a. Edição

E. Samuel

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



As Quatro Portas do Tesouro
- Em Busca do Amuleto de
Aloni -

E. Samuel

2ª. Edição

As Quatro Portas do Tesouro
Em Busca do Amuleto de Aloni
Segunda Edição
Copyright © 2016 E. Samuel.
Todos os direitos reservados
ISBN 9781539848318

www.asquatroportasdotsouro.com

Proibida a reprodução dessa publicação, no todo ou em parte, através de quaisquer meios, sem a autorização prévia do autor.

Capa: Gary McCluskey
Revisão: Camila Silvestre

Para os meus filhos...

Índice

Índice

Notas da segunda edição

Não chegamos mais perto que isso...

Como é possível não ser visto de canto nenhum?

Tá vendo... você criou um monstro!

Se tornaram amigos inseparáveis!

Podemos ir lá na sexta-feira...

Contando mais um de seus casos?

Teremos sorte se sairmos vivos daqui!

Isto é o que eu sei...

Que diacho foi isso?

A luz do dia parecia brilhar lá dentro agora...

É tudo meu! Preciso de tudo!

Temos uma chance!

Nós realmente precisamos do amuleto...

O amuleto que o protege é o que procuram...

Eu meti a gente nessa encrenca...

Entramos nessa juntos e vamos sair juntos...

Vamos ficar sem luz já, já!

Grande mágico!

Não abram a não ser em caso de extremo perigo...

Tem alguma coisa errada...

A floresta tem olhos e ouvidos!

Tio Colimo nos convida a entrar!

Mais uma gracinha...

Não é isso o que procuram?

Começaram a girar, cada vez mais rápido!

Pegou o amuleto... e saiu correndo!

Agora é a nossa vez de contar uma história!

O Resgate de Althea

E. Samuel

Notas da segunda edição

Nem acredito que esta já é a segunda edição de ***Em Busca do Amuleto de Aloni!*** Como o tempo passou rápido!

Gostaria de aproveitar esse momento para agradecer a todos aqueles que estiveram comigo durante esse percurso, apoiando, ajudando e, principalmente, acreditando! Sem vocês, isso não seria possível! Muito obrigada!

Fico muito feliz de apresentar a vocês essa nova edição, totalmente revisada, com páginas amarelinhas (atendendo a inúmeros pedidos) e nova diagramação.

Me diverti muito preparando essa nova edição e espero que vocês se divirtam muito lendo!

Boa leitura!

E. Samuel

- 1 -

Não chegamos mais perto que isso...

“E

spero que ninguém encontre a gente aqui! Minha mãe me mata se souber que estou longe desse jeito...” – Daniel pensou enquanto pedalava sua bicicleta. – “Também, que me importa? Mais vale levar uma bronca do que ficar mofando em casa.”

Olhou ao redor e rapidamente virou o pescoço para trás. Viu as casas da cidade se afastando aos poucos, o asfalto dando lugar à rua esburacada de terra. Um sorriso brotou no canto de seus lábios enquanto se levantava do banco para pedalar com ainda mais força. Sentia a poeira da rua grudando no seu rosto suado. A subida era íngreme e o reflexo do sol o fazia franzir os olhos para enxergar o que havia mais à frente.

— Tá cansado? – Marcelo gritou, olhando ironicamente da outra bicicleta.

— Onde estamos indo? – Daniel perguntou, já sem ar.

— Você vai ver quando a gente chegar lá! – Marcelo respondeu, dando uma olhada rápida para Júlio.

— Acho melhor a gente voltar! – Júlio exclamou, limpando o suor da testa.

— Tá com medo do quê, Júlio? – Marcelo riu.

— Não tô com medo de nada, você sabe que a gente não devia vir pra esses lados! – Júlio respondeu, se esforçando para alcançar os outros dois.

Daniel pedalou mais rápido e se distanciou um pouco. Foi se afastando rapidamente, até que de repente parou e desceu da bicicleta. Levou a mão acima dos olhos para tampar o reflexo do sol.

— O que é aquilo? – perguntou quando Marcelo e Júlio se aproximaram.

— Esquece, vamos embora daqui! – Júlio respondeu, já virando sua bicicleta para voltar.

— Embora nada! Vocês me trouxeram até aqui, agora quero saber! – exclamou Daniel.

— Mata do Anatema – interrompeu Marcelo com ar sério, olhos fixos à frente.

— O quê? – Daniel perguntou, sem entender o que ele havia dito.

— Aquilo ali é a Mata do Anatema! – Marcelo repetiu mais devagar.

— Mata do Anatema? Mas o que é isso? Um parque? – Tornou a perguntar Daniel, que não sabia se olhava para Marcelo, para Júlio ou para a floresta.

— Não exatamente... – respondeu Marcelo.

— Esse lugar é fria e é melhor a gente sair daqui! – disse Júlio.

Daniel olhou novamente para a floresta, que parecia brotar no meio do nada, destoando de todo o resto da vegetação ao seu redor. Ele se virou e viu o olhar apreensivo dos amigos. Sorriu ao perceber que ali havia algum mistério, algo não estava certo. Sentiu os pelos dos braços se eriçarem.

— Nossa! Esse lugar deve ser o bicho! Vamos até lá! Por que vocês nunca tinham me falado sobre essa Mata do Anatema? – Daniel exclamou, já subindo na bicicleta para seguir em frente, quando olhou para seus amigos e percebeu que os dois não estavam tão animados com a ideia.

— Como é que é? – Insistiu. – Vão ficar aí parados com essa cara de quem viu assombração? Qual é o problema com vocês? Estão com medo de quê?

Marcelo olhou rapidamente para Júlio, como que pedindo conselho, e respondeu:

— Nós não chegamos mais perto do que isso desse lugar!

— Por quê? – Daniel perguntou.

— Porque a Mata é mal-assombrada! – Júlio explicou. – Muitas pessoas desapareceram aí dentro, é perigoso. Ninguém entra ali, na verdade ninguém chega nem perto e nós já estamos perto demais!

Daniel continuava olhando encantado para a Mata. Não parecia ser tão perigosa. Era meio esquisita, é verdade, mas o que poderia haver lá dentro que fosse tão ruim?

— Qual é a desse lugar? – ele perguntou, virando-se.

— Não sabemos muito bem – Júlio respondeu. – Sabe essas coisas que vão passando de geração pra geração? É mais ou menos isso. As pessoas dizem que tem algum tipo de assombração aí e que quem entrar pode não voltar mais, como muitos nunca voltaram.

— Mas isso só pode ser bobeira, coisa de gente antiga, lenda! – falou Daniel.

— A lenda é realmente antiga e muitas pessoas entraram pra provar que isso tudo é besteira, mas nunca saíram e os poucos que saíram estavam sem memória, ou loucos... – Marcelo falou, sério. – Eu não entro aí.

— Nem eu! – Júlio concordou.

Os três ficaram em silêncio. Um vento forte passou por eles. Daniel percebeu, pela atitude de seus amigos, que não estavam brincando.

— Eu só queria te mostrar um lugar novo! – Marcelo disse, interrompendo bruscamente o silêncio. – Não passamos daqui. Vamos embora!

O tom de Marcelo não deixava margem para discussão. Subiram, então, em suas bicicletas e começaram a pedalar, em silêncio, em direção à cidade. Daniel virou-se ainda uma vez para dar uma última olhada na Mata e seus olhos brilharam.

Como é possível não ser visto de canto nenhum?

N

o dia seguinte, Daniel acordou com a claridade entrando pela janela de seu quarto. Era domingo e ele havia esquecido a cortina aberta de novo. A luz do sol refletia na janela e caminhava lentamente pelo quarto até bater bem em cheio no seu rosto às seis horas da manhã. Durante a semana, até que ele achava bom, pois o ajudava a acordar para ir à escola, já que ele sempre se esquecia de colocar o despertador para tocar. Mas no final de semana, bem no domingo, que era o único dia que ele podia aproveitar para acordar mais tarde! Daniel não era uma pessoa matutina. Acordar cedo, para ele, era um sacrifício.

Levantou-se e cambaleou até a janela. No meio do caminho, tropeçou nas roupas que havia deixado no chão na noite anterior. Fechou a cortina e voltou para cama, tropeçando, dessa vez na mochila. Deitou-se resmungando e puxou as cobertas até o pescoço. Colocou o travesseiro em cima da cabeça e tentou voltar a dormir, mas não adiantou: já tinha perdido o sono.

Virou-se de costas e afofou o travesseiro. Olhou para o teto do quarto e começou a se lembrar da Mata do Anátoma.

“Aquele lugar é muito estranho!” – Pensou. – “E, obviamente, Júlio e Marcelo levam muito a sério aquela história de assombração. Mas não pode ser tão ruim assim! O que pode ter ali dentro, além de um monte de mato?”

Saiu da cama, foi novamente até a janela, dessa vez tomando o cuidado de desviar de tudo o que estava no chão, e olhou para fora. O dia estava ótimo! Ensolarado, sem nenhuma

nuvem no céu. Virou-se e olhou para seu quarto, onde parecia que um terremoto havia passado.

— Alguém tem que dar um jeito nessa bagunça! — resmungou para si mesmo enquanto passava pela porta.

Não fazia muito tempo que Daniel morava naquela casa. Ele gostava do espaço e da liberdade que tinha ali. Bem diferente do apartamento apertado de antes. Adorava o fato de ter um quarto só para ele e não ter que o dividir com a irmã, que, segundo ele, era uma chata metida a besta. Gostava de ter um quintal com árvores em que ele podia subir quando voltava da escola e gostava, principalmente, da portinhola de vai e vem que havia na porta dos fundos da casa, por onde Bob, o cachorro, podia entrar e sair como bem quisesse. Daniel nunca havia visto algo parecido com aquilo, só em filmes, e achava um barato ver Bob passando por ali. Estava só esperando o dia em que ele ia entalar na porta.

A mudança tinha sido um grande ajuste para toda a família, saindo de uma cidade grande e agitada, para ir morar numa cidadezinha pequena e pacata. Antes, Daniel gastava praticamente todo o tempo livre que tinha se metendo em confusão, ou jogando vídeo game. Já havia sido expulso de duas escolas e seus pais tinham decidido mudar para o interior como uma última alternativa.

Daniel desceu as escadas devagar, pois todos ainda estavam dormindo e não queria fazer barulho e acordar alguém. Na cozinha, viu que sua mãe havia deixado um bolo de cenoura, o seu preferido, em cima da mesa. Resolveu comer e aproveitou que estava perto da geladeira para pegar um copo de leite. Colocou um pouco de leite e de bolo para o cachorro, que estava ao seu lado, e continuou comendo. A mãe não gostava que ele desse comida para o cachorro que não fosse sua ração, mas Daniel vivia desobedecendo e Bob, cada dia mais gordo, vivia atrás dele, com sua língua arfante de fora, esperando quando ia ganhar alguma coisa. Sabia que tinha que parar com essa mania, mas não resistia à cara de pidão do bichinho.

Não demorou muito e a casa começou a se movimentar. Seus pais tinham certamente acordado, pois ouvia o barulho do chuveiro

lá em cima e a mãe falando com a irmã. Daí a pouco ouviu passos na escada e a mãe apareceu na porta da cozinha.

— Caiu da cama? – ela perguntou, estranhando ver Daniel de pé tão cedo.

— Esqueci de fechar a cortina de novo! – ele resmungou, desanimado. – Acho que vou ter que mudar de quarto! Nunca consigo dormir até tarde!

A mãe riu e começou a fazer o café. O pai e a irmã tinham descido e já estavam se preparando para comer. Daniel levantou para colocar a louça suja na pia e Bob o seguiu, na esperança de ganhar mais alguma migalha.

— Daniel, você pode colocar a ração pro Bob, por favor? Ele deve estar com fome – o pai pediu, enquanto colocava o pão na mesa.

Daniel pegou a tigela com desenhos de ossos, encheu com a ração e colocou no chão, mas o cachorro nem chegou perto. “Já deve estar cheio de bolo!” – Daniel pensou.

— O que será que ele tem? – perguntou a irmã.

— Deve estar de regime! – Daniel respondeu, olhando com ar zombeteiro para a irmã, que vivia dizendo que estava de regime.

— Idiota! – ela respondeu, empinando o nariz e indo ajudar a mãe.

— Vamos sentar para comer! – disse a mãe, colocando o café na mesa.

— Eu já comi, vou dar uma volta. – Daniel falou e deu um beijo na mãe. – Volto mais tarde.

— Você já arrumou seu quarto? – a mãe perguntou, enquanto Daniel caminhava em direção à porta.

— Eu vou arrumar quando voltar! – ele gritou, batendo a porta.

Assim que saiu, respirou fundo e sentiu o ar fresco da manhã. Olhou ao redor e viu as ruas ainda desertas. A imagem da Mata ainda estava muito viva em sua cabeça. Começou a andar pela calçada pensando no que poderia fazer. Sabia que tinha que voltar àquele lugar, mas seus amigos haviam sido bem específicos a respeito de não chegarem nem perto dali.

Daniel parou por um segundo, como se uma ideia tivesse vindo à sua cabeça. Virou-se e correu para a garagem. Pegou sua bicicleta, montou, e saiu pedalando em direção à saída da cidade.

Pedalava o mais rápido que podia. Tentava lembrar exatamente o caminho que haviam tomado no dia anterior, porém as ruas eram todas muito parecidas e não tinha estado ali muitas vezes. Conseguiu chegar até um certo ponto, mas logo se perdeu.

“Devo ter pegado alguma rua errada!” – pensou, parando à beira de um barranco. Olhou ao redor e não viu nada sequer parecido com a Mata. Como era possível um lugar daquele tamanho se esconder no meio da paisagem? Montou novamente na bicicleta e pedalou em outra direção, subindo sempre que achava uma oportunidade. Novamente, olhando lá de cima, não via nada, nem sinal do lugar. Depois de tentar ainda mais algumas vezes, resolveu voltar para casa. Andou sem rumo por várias horas até conseguir achar uma rua conhecida e entrar novamente na cidade.

“Que lugar esquisito é esse?” – se perguntou. – “Como é possível não ser visto de canto nenhum? Ah, mas eu vou descobrir o que tem lá, ah se vou!”

Daniel sentiu seu estômago roncar e olhou no relógio. Já havia passado muito da hora do almoço, não era à toa que estava com fome. Pedalou vagorosamente de volta para casa.

— Onde você estava? – a mãe perguntou assim que ele entrou. – Nós já almoçamos, tem comida pra você no forno.

Daniel assentiu com a cabeça e foi para a cozinha. Retirou o prato de dentro do forno e sentou-se à mesa para comer. Assim que sentiu o cheiro da comida, sua cabeça esvaziou-se e só conseguia pensar em quanto estava com fome. Comeu como se estivesse faminto há dias.

Só voltou à realidade quando sua mãe colocou a cabeça na porta da cozinha e lembrou:

— Não se esqueça de arrumar a bagunça do seu quarto!

Tá vendo... você criou um monstro!

N

o dia seguinte, logo na primeira aula, o professor de matemática aplicou um teste surpresa. Daniel não conseguia se concentrar e mal completou todas as questões. O período da manhã demorou séculos para passar. Queria que o intervalo chegasse logo! Queria saber mais sobre a Mata do Anátoma!

Assim que bateu o sinal, todos saíram correndo para o pátio. Daniel, Júlio e Marcelo foram se sentar embaixo de uma velha árvore que ficava nos fundos da escola, próximo à divisa com um terreno baldio. Aquele era o lugar preferido dos três.

Daniel queria perguntar um monte de coisas, mas não sabia por onde começar.

— Ontem fiquei pensando muito naquele lugar que fomos... — falou casualmente, como se não fosse algo importante e estivesse só querendo puxar assunto.

Júlio olhou de canto de olho para ele com ar de reprovação.

— Na verdade...— Daniel continuou, com cara de culpado. — Eu tentei voltar lá.

Marcelo e Júlio olharam surpresos para ele.

— Estou curioso pra saber o que tem ali! — ele protestou antes que os outros pudessem contestar.

— Você não devia ter ido lá! — Júlio falou sério. — Pode ser perigoso.

— Bom, eu não consegui chegar, não achei o caminho. Andei por tudo e não há meio de achar aquele lugar. Vocês têm que me levar lá de novo.

Júlio suspirou e virou-se pra Marcelo:

— Tá vendo o que você fez? Criou um monstro!

— Nós não vamos voltar lá, Daniel. – Marcelo falou calmamente, enfiando uma mão cheia de salgadinhos na boca.

— Mas então pelo menos me contem qual é o problema com esse lugar! – pediu Daniel.

— Bom! – Júlio coçou o nariz. – Como comentei antes, não sabemos muito a respeito da Mata, pois sempre ouvimos as pessoas falarem que era perigoso, mas nunca realmente vimos nada acontecer. Eu me lembro do meu pai contando que quando ele era mais novo, um homem foi encontrado caído próximo à Mata. Ele ficou em coma por uns dias e quando acordou, diziam que não falava coisa com coisa. Tentaram tratar ele no hospital, mas nada adiantava. Ele vivia tentando fugir e tiveram que internar ele. Dizem que até hoje ele está no hospício de Monte Formoso. Todos acham que ele entrou na Mata e lá dentro alguma coisa aconteceu com ele. Na época esse caso deixou todos aqui na cidade muito nervosos e contribuiu ainda mais pra fama do lugar.

— Houve outros casos como esse, a maioria há muito tempo, mas as pessoas não se esquecem e todo mundo tem medo – Marcelo completou enquanto comia um sanduíche de queijo com presunto maior que a sua cabeça.

— Mas como eles sabem se o homem realmente entrou na Mata? Alguém viu ele lá? – Daniel perguntou.

— Não sei! – Júlio respondeu, abrindo uma barrinha de cereal. – Acho que como encontraram ele nas proximidades, concluíram que ele tinha saído de lá.

— E as outras histórias, o que dizem? – Daniel tornou a perguntar.

— Não sabemos – falou Marcelo. – É tudo meio mal contado, um ouviu do outro e no final ninguém sabe mesmo o que é verdade e o que não é. Daí, sabe como é, por via das dúvidas... O meu avô talvez saiba contar alguma coisa pra gente, mas também não podemos confiar plenamente no que ele disser, porque ele já não está batendo muito bem da cacholeta!

— Ah, vamos falar com ele assim mesmo! – sugeriu Daniel, animado com a possibilidade de ter mais informações. – Não temos

nada mesmo pra fazer e essa história parece bem legal!

— Tudo bem, mas já vou avisando que ele vai querer contar como eram as coisas no tempo que ele era moço, vai dizer que hoje em dia nós temos tudo muito fácil e blá, blá, blá. – Marcelo avisou.

— Tudo bem, a gente ouve!

Os três riram e Júlio mudou de assunto, perguntando se eles tinham ido bem no teste de matemática.

— Eu acho que deve ter dado pra ficar dentro da média. – Marcelo respondeu, terminando com o sanduíche.

— Eu fui bem! Aliás, achei até fácil demais! – Júlio arrumou os óculos no nariz.

— É por isso que às vezes você leva uns cascudos! – Marcelo disse, dando um croque na cabeça de Júlio. – Tem uma boca grande demais!

Daniel não estava mais prestando atenção na conversa, estava entretido pensando na Mata e no que o avô de Marcelo poderia lhes contar.

Se tornaram amigos inseparáveis!

D

aniel havia conhecido Marcelo e Júlio na escola, na aula do professor Astrogildo, que ensinava ciências. A turma costumava chamá-lo de Astrô quando ele não estava por perto. Era um sujeitinho baixo e gordo, com um aspecto meio ensebado. Já havia perdido praticamente todo o cabelo no topo da cabeça, mas insistia em deixar uma das laterais crescer e penteava por cima da careca, dando a volta até o outro lado. Dava a impressão que passava horas arrumando cada um dos fios no lugar. Nunca saía da sala se estivesse ventando muito. Uma vez, chegou até a cancelar uma excursão por causa do vento. Depois de levar uma chamada da direção da escola, passou a andar com um chapeuzinho no bolso, que colocava cuidadosamente na cabeça todas as vezes que o vento ameaçava desmanchar suas madeixas.

Estavam no laboratório e Daniel, que era novo na escola, tinha se sentado na mesma bancada que Júlio, por ser o único lugar vago. Marcelo estava sentado no fundo da sala, como de costume. O professor distribuía uma folha explicando qual seria a experiência do dia e todos se preparavam para começar. Daniel notou dois garotos na bancada de trás, um com um boné vermelho virado de lado e o outro com uma pinta no nariz, que cochichavam e riam. O problema era com Júlio, o melhor aluno da sala, que sempre era vítima de piadinhas.

Depois de entregar todas as folhas, o professor foi para a frente da sala, alisando os cabelos no alto da cabeça, e já estava quase se sentando quando alguém bateu na porta. Ele foi até lá e a secretária lhe entregou uma mensagem, endereçada a Júlio,

juntamente com uma caixa. Depois de ler o nome no envelope, Astrô foi até a bancada de Júlio e colocou a caixa à sua frente. Os dois da mesa de trás riam mais ainda e Daniel percebeu que alguma coisa ia acontecer. Júlio, sem pensar, abriu a caixa e, assim que tirou a tampa, houve um estouro, jogando uma montanha de talco para cima, cobrindo Júlio, a bancada e tudo que estava por perto. A classe toda caiu na risada e Júlio, vermelho igual a um pimentão, não sabia o que fazer.

— Você é muito tonto mesmo! O que achou que era? Presentinho da mamãe? – perguntou o do boné virado, rindo.

— Ou achou que era uma cartinha de alguma admiradora secreta? – disse o da pinta.

Júlio foi ficando cada vez mais vermelho e irritado. O sangue foi subindo para sua cabeça.

Todos na sala riam. Daniel olhava sem saber o que fazer. Não estava achando graça na brincadeira. Além do mais, o talco tinha espirrado nele também.

Júlio estava tão nervoso que se esqueceu que normalmente tentava resolver essas situações com calma, se esqueceu que aqueles dois não passavam de uns idiotas e, principalmente, se esqueceu que eles eram praticamente o dobro de seu tamanho. O sangue saiu de seu rosto e foi direto para suas pernas. Júlio gritou e partiu para cima dos dois engraçadinhos, esmurrando tudo pela frente.

Júlio não era muito grande, pelo contrário, era pequeno, magrinho, tímido e pagava para não ser notado. Em geral se dava bem com todo mundo, mas esses dois sempre pegavam no seu pé. Dessa vez tinha decidido, no calor da situação, agir de forma diferente. Quem sabe assim o deixassem em paz de uma vez por todas!

Daniel viu que Júlio ia ser massacrado pelos outros dois e resolveu se meter, afinal de contas, eles eram realmente muito folgados. Deu um pulo e foi para cima dos outros, entrando na confusão. No mesmo instante, Marcelo veio correndo do fundo da sala e também entrou na briga.

Marcelo, ao contrário de Júlio, era muito grande para sua idade, era um pouco desbocado e não perdia uma briga ou encrenca por nada nessa vida. Sempre copiava os deveres mais chatos de Júlio e pagava para não ter que ler um livro que tivesse mais letras que figuras. Embora fosse completamente diferente de Júlio, pois nunca tirava boas notas e ninguém ousava fazer piadinhas com ele, eram bons amigos desde que se conheciam por gente.

O pau comia solto e o professor, ao perceber a confusão, se viu obrigado a entrar também na briga para poder separá-los. Acabou levando uns sopapos antes de conseguir acalmar os ânimos.

A classe toda se juntou ao redor da bagunça, torcendo e gritando. No meio de tanta confusão, não dava para entender bem o que se passava ou o que diziam, mas parecia que a torcida gritava mesmo é para que acertassem o professor.

No fim, Astrô conseguiu apartar a briga e segurar os mais afoitos. Mas infelizmente, seu cabelo não foi tão bravo e não resistiu. Uma enorme franja cobria sua cara enquanto a careca reluzia à luz branca do laboratório.

— O que está acontecendo aqui? — ele gritou com voz esganiçada, ainda recuperando o fôlego e tentando arrumar o cabelo de volta no lugar.

— Esse tonto do Júlio que acha que pode brigar com alguém! — respondeu o garoto da pinta, limpando o sangue do nariz.

— Eles me pregaram mais uma peça! Nem bem o ano começou e já é a terceira! Mas dessa vez eles levaram umas boas também! — gritou Júlio ainda nervoso e tentando se soltar para voltar à briga.

— Calma aí, mocinho! — disse o professor, segurando Júlio pela manga da camisa. — Vocês vão todos para a diretoria, não quero saber desse tipo de confusão dentro da minha sala de aula!

E lá se foram os cinco, andando de cabeça baixa para a sala da diretora. Quem visse pensaria que estavam indo para o corredor da morte. E inocentes ainda por cima!

Ao chegarem, sentaram-se na sala de espera, enquanto aguardavam a diretora. Fábio e Eliseu, o do boné virado e o da

pinta, respectivamente, já eram figuras conhecidas por ali, pois não passava uma semana sequer sem que fossem mandados para uma visitinha à diretora. Não havia uma pessoa na escola com quem ainda não tivessem aprontado alguma. Viviam arranjando encrenca com todo mundo, mas sua vítima preferida era, sem dúvida, Júlio.

Se conheciam há muito tempo, desde a primeira série, quando começaram a pegar no pé dele por causa dos óculos. Júlio sempre tinha a esperança de que eles iam repetir de ano e deixá-lo em paz, mas, sabe-se lá como, eles davam um jeito de passar e no ano seguinte, no primeiro dia de aula, lá estavam os dois, prontinhos para atormentá-lo novamente.

O tempo foi passando e as brincadeiras, se é que se pode chamar assim, só foram piorando. Júlio nunca revidava, sempre saía de cabeça baixa, humilhado. Talvez por isso havia se tornado a vítima predileta. Marcelo falava que ele tinha que reagir e mostrar para aqueles dois que ele não era um tonto, mas Júlio achava melhor deixar por isso mesmo e terminar tudo sem confusão.

Mas dessa vez tinha sido muito diferente. Pela primeira vez, Fábio e Eliseu viram que podiam se dar mal também, que Júlio poderia não aceitar calado as gracinhas que eles quisessem lhe impor. Júlio havia percebido que uns sopapos doem muito menos do que a dor de ter sido humilhado na frente de todos. Aquilo fez nascer um sentimento novo dentro dele. Durante o tempo em que estava ali, sentado, esperando a diretora, pensou que daquele dia em diante, nunca mais aqueles dois, ou qualquer outra pessoa, iria tirar proveito dele.

A diretora abriu a porta e, olhando para Fábio e Eliseu, disse:

— Vocês de novo por aqui! Já estava achando que não vinham essa semana! O que foi que aprontaram dessa vez? – Ela olhou para Marcelo, Júlio e Daniel antes de continuar. – E hoje estão acompanhados?

A secretária explicou à diretora o que havia acontecido e ela pediu que todos entrassem na sua sala, onde levaram o maior sermão e quase foram suspensos. Tiveram que passar o resto do dia na sala de detenção, onde normalmente os alunos ficavam

quando se metiam em encrenca. No caminho, Júlio se aproximou de Daniel e disse:

— Obrigado.

Daniel olhou para Júlio e para Marcelo, que estava a seu lado, e sorriu. Ele bem que tinha gostado da confusão!

Desse dia em diante, se tornaram amigos inseparáveis.

Algum tempo já havia se passado desde esse dia e Daniel, Júlio e Marcelo continuavam cada vez mais amigos.

Podemos ir lá na sexta-feira...

D

aniel já havia quase se esquecido da Mata do Anatema, quando Marcelo chegou dizendo:

— Podemos ir lá na sexta-feira à tarde.

— Ir aonde? – Ele olhou espantado para Marcelo.

— Falar com meu avô!

— Ah! Legal! – Daniel se animou novamente. – Tinha me esquecido disso! Que horas?

— De tarde, depois da escola. Podemos almoçar lá.

— Você já falou com o Júlio?

— Já. Ele também vai, embora tenha dito que não quer saber de chegar perto da Mata. Disse que sua curiosidade é puramente científica! Além do mais minha avó cozinha muito bem, ele não ia perder uma boca dessas!

— Ótimo! Estamos combinados então. Na sexta-feira saímos da escola direto pra casa da sua avó.

Daniel voltou para casa animado com a ideia. Quando chegou, sua mãe estava na cozinha terminando de preparar o almoço. Ele avisou que ia almoçar na casa da avó do Marcelo na sexta-feira. A mãe concordou com a cabeça sem dar muita atenção, pois estava meio atrapalhada com a comida.

— Como foi a escola? – ela perguntou enquanto colocava uma panela que estava pegando fogo embaixo da torneira e ligava a água.

Daniel olhou para dentro da pia por trás da mãe e respondeu abanando a fumaça:

— Tudo bem.

A mãe se calou. Gostaria de algum dia receber uma resposta um pouco mais elaborada do que um simples “tudo bem”, mas era

sempre assim, Daniel nunca contava detalhes de nada, principalmente em relação à escola.

— Estou fazendo carne assada. – ela disse, mudando de assunto, sabendo que seria inútil insistir.

— Hum! Delícia! – Daniel esfregou a mão na barriga. – Tá pronto?

— Já. Pode ir chamar sua irmã que vamos almoçar – ela falou, colocando os pratos na mesa. – E não se esqueça de lavar as mãos! – gritou enquanto ele saía da cozinha.

Sentaram-se os três à mesa: Daniel, sua mãe e sua irmã. Começaram a comer, enquanto Alice, irmã de Daniel, contava alguma coisa que havia acontecido na escola. Daniel não estava prestando atenção, aliás, nunca prestava atenção no que a irmã dizia. Para ele, ela falava demais! Quando a irmã deu uma pausa, Daniel aproveitou para perguntar:

— Mãe, você acha que é possível que um lugar influencie fisicamente na vida das pessoas?

— Como assim, Daniel? – a mãe perguntou, sem entender o que ele queria dizer.

Daniel pensou um pouco antes de falar.

— Como o Triângulo das Bermudas, por exemplo, você acha que tem realmente alguma coisa errada com o lugar, alguma coisa que provoque os acidentes, ou será que é tudo besteira?

— Olha, meu filho, não sei! – a mãe disse, meio confusa, afinal, o que ela entendia de Triângulo das Bermudas? – Eu não conheço muito bem os fatos sobre o que aconteceu por lá, mas tenho certeza que deve haver alguma explicação lógica para que tantos acidentes ocorram no mesmo lugar. Não deve haver nenhuma força desconhecida, ou assombração, ou algo do tipo.

— Hum, sei – ele respondeu e ficou quieto.

— Mas por que você está perguntando isso? – interrompeu a irmã.

— Nada... Nada, estávamos estudando sobre isso na escola hoje – mentiu.

— Ah, sim, e como foi? – perguntou a mãe, esperançosa que pudesse obter mais alguns detalhes sobre o dia do filho.

— Tudo bem! — Daniel respondeu, enchendo a boca de comida.

Contando mais um de seus casos?

S

exta-feira chegou e Daniel mal podia se conter durante as aulas, ansioso para falar com o avô de Marcelo. As horas se arrastavam e cada minuto durava uma eternidade! Os professores falavam e falavam, e tudo passava como um murmúrio ao longe para ele.

O avô de Marcelo, Seu Nonô, era um velhinho muito simpático e falador. Tinha nascido ali e era conhecido por suas histórias. Ninguém sabia mais se o que ele contava era verdade ou fruto da sua imaginação. Seu Nonô, antes de se aposentar, tinha sido dono de um bar na cidade e lá ficava sabendo de tudo o que acontecia. As informações ali chegavam e eram passadas de uma pessoa para outra. Para cada um que Seu Nonô contava um acontecimento, aumentava um pouco para dar mais emoção. Se o "causo" não era muito interessante, ele criava umas novidades, assim o povo sempre tinha do que falar quando estava em seu bar, que era um ponto de encontro na cidade. Seu Nonô conhecia todo mundo e todos o conheciam. Ele já havia se aposentado há muitos anos, mas ainda continuava com seu jeito especial de saber as últimas fofocas e sempre dava um jeitinho de passar tudo adiante.

Finalmente o sinal tocou e eles saíram da escola em direção a onde moravam os avós de Marcelo.

Ao entrarem na casa, D. Clara, a avó de Marcelo, já deu logo um beijo e um abraço em cada um. Ela já estava acostumada a tê-los em casa, pois de vez em quando eles apareciam por ali para filar uma boia.

O almoço, como sempre, estava uma delícia! Daniel comeu tanto que quase se esqueceu do motivo principal pelo qual estavam

lá naquele dia.

— Essa comida está uma delícia, D. Clara! – ele disse com a boca cheia.

— Muito obrigada, meu filho! – Um sorriso se abriu de lado a lado em seu rosto. – Pena que não posso comer com vocês, porque daqui a pouco vou pra aula de ioga. – Ela olhou ao redor para ver se faltava alguma coisa. Sorriu satisfeita e saiu para a cozinha.

— Vô! – disse Marcelo entre uma garfada e outra. – Você se lembra daquela Mata lá pra cima das fazendas?

O avô parou com o garfo a meio caminho entre o prato e a boca. Olhou para Marcelo e disse:

— A Mata do Anatema?

— Sim... – disse Marcelo, já se arrependendo de ter perguntado. Era capaz do avô ficar bravo com ele por estar se metendo em um assunto que sabia que não era da sua conta.

Júlio e Daniel olhavam atentos, com olhos esbugalhados, para um e para o outro.

— Bom, me lembro sim, mas o que é que tem? – seu Nonô respondeu, cauteloso.

— Nada! – Marcelo tentou disfarçar a ansiedade. – Estávamos contando pro Daniel as coisas que ouvimos falar sobre a Mata e ficamos curiosos pra saber um pouco mais, aí pensamos que talvez o senhor pudesse contar alguma coisa interessante.

— Afinal – interrompeu Júlio –, ninguém conta histórias melhor do que o senhor!

Seu Nonô encheu o peito e tentou disfarçar o ar de orgulho. Adorava ser reconhecido por suas histórias. Disse, então, com olhar distante, como era de costume quando ia começar a contar alguma coisa:

— Vocês sabem bem que sou uma das pessoas que mais conhece as histórias dessa cidade e realmente posso lhes falar um pouco a respeito da Mata do Anatema, porém, não muito. O que sei são os fatos que chegaram até o meu bar com o passar dos anos e as histórias que ouvi das pessoas que viviam por aqui.

— O Júlio contou uma história que o pai dele se lembrava de quando era moço, sobre um homem que entrou na Mata e voltou

louco – disse Daniel.

— Sim, me lembro bem desse caso! – Seu Nonô coçou o queixo. – Se não me engano, o nome dele era Lúcio ou algo parecido. Eu cheguei a vê-lo pessoalmente. Um homem meio esquisito, parecia que estava sempre com medo que alguém o estivesse seguindo. Não falava coisa com coisa, coitado. Foi internado em Monte Formoso. Continua lá até hoje, dizem. Ninguém nunca soube o que aconteceu com ele.

D. Clara se aproximou trazendo a sobremesa, já vestida com suas roupas de ioga.

— Contando mais um de seus casos, Nonô? – Ela sorriu enquanto servia a todos.

Para ela, todas as histórias de Seu Nonô eram fruto de sua criatividade para entreter crianças e quem mais se dispusesse a ouvi-lo. Como já havia escutado tudo aquilo uma centena de vezes, não deu atenção e saiu dizendo que ia para a aula e voltava mais tarde.

— Não se esqueça de lavar a louça, Nonô! – ela disse antes de fechar a porta.

Seu Nonô torceu o nariz depois que ela saiu e continuou:

— Pois então, tudo que se conta sobre a Mata é assim, meio nebuloso. Não sei bem por que tudo isso começou e não sei de onde, exatamente, vem essa fama. O que sei é o que dizem, desde quando eu ainda era um menino do tamanho de vocês, que esse lugar é mal-assombrado. Muitos duvidaram dessa lenda, algumas pessoas entraram lá e não voltaram, outras voltaram assim – e ele girou o dedo ao lado da cabeça – doidos. Durante o tempo em que tive o bar, ouvi muita gente falar, ano após ano, sobre a Mata. Pessoas contando que conheciam alguém que tinha tentado entrar lá e que nunca mais se ouviu falar. A Mata passou a ser responsável por todos os desaparecimentos. A polícia não acreditava, porque uma ou outra vez acabaram achando os sumidos em outras cidades, então, nunca se soube ao certo a verdade.

— Mas nunca ninguém resolveu entrar lá e tirar essa história a limpo? – Júlio perguntou. – Afinal de contas, a polícia, por

exemplo, deveria se concentrar em fatos, não em contos e lendas da população.

— Na verdade, Júlio – seu Nonô respondeu, meio decepcionado, pois aquele pequeno detalhe ia tirar toda a graça de sua história –, há muitos anos, numa época em que a cidade estava muito agitada por causa dessa falação, a prefeitura mandou uma tropa de homens do exército entrar na Mata e ver se havia alguma coisa lá dentro. Os soldados entraram, varreram toda a área e não encontraram nada. Depois disso, a polícia nunca mais deu ouvidos às pessoas que vinham dizer que alguém tinha sumido na Mata. Porém, segundo contam, outros desapareceram lá dentro depois disso, então, a fama sobreviveu até os dias de hoje, embora ninguém realmente possa provar o que é e o que não é verdade.

— Quer dizer que o exército entrou lá e não encontrou nada?
– Daniel perguntou pensativo, como se falasse com ele mesmo.

— Sim! – respondeu seu Nonô. – Mas mesmo depois disso, o povo continuou acreditando que o lugar era mal-assombrado e isso persiste até hoje.

— E quanto aos que sumiram? E o tal do Lúcio, que ficou louco? – perguntou Marcelo.

— Veja bem, meu filho – disse seu Nonô. – Ninguém sabe se essas pessoas realmente entraram na Mata. Elas podem ter entrado, saído e ido pra algum outro lugar e ninguém viu. Quanto ao Lúcio, ele foi encontrado próximo à Mata, não se sabe se ele esteve lá dentro, isso foi tudo presunção de quem o achou. O fato de ele estar lelé da cuca também não explica muita coisa, já que ele podia muito bem já não bater bem da cachola antes.

Os três ficaram em silêncio olhando para seu Nonô. Este, percebendo que os meninos esperavam mais dele, disse:

— Como falei, não sei muito a respeito da Mata, mas sei de alguém que talvez possa contar um pouco mais sobre ela.

— Quem? – perguntaram os três ao mesmo tempo, pulando em suas cadeiras.

— Existe uma senhora muito velha, mais velha do que eu, que mora numa casa num lugar retirado da cidade e que talvez saiba lhes contar mais detalhes.

Marcelo e Júlio se entreolharam. Daniel não entendeu o porquê do olhar.

— O que foi? – Ele quis entender.

— O senhor está falando da bruxa, vô? – Marcelo perguntou.

— Sim. Quer dizer, você sabe de quem estou falando e ela não é uma bruxa! – replicou o avô, levantando da mesa para ir fumar seu charuto na varanda. – Se vocês querem saber mais, vão ter que ir até ela.

Seu Nonô não acreditava naquelas bobagens. Para ele, era só assunto para jogar conversa fora, mas achava que aquilo, na cabeça sonhadora do neto e de seus amigos, poderia render dias de diversão. Por isso incentivava.

— Que bruxa é essa? – Daniel perguntou assim que Seu Nonô saiu da sala.

Júlio e Marcelo respiraram fundo, já vendo aonde aquela conversa ia levar. Júlio foi o primeiro a falar:

— Tem uma senhora, muito, mas **muito** velha mesmo, que mora numa casa caindo aos pedaços na saída da cidade. Todo mundo lá na escola sabe da fama dela de bruxa.

— Ela detesta a molecada! – falou Marcelo, quase lambendo o prato com o restinho da sobremesa, antes de se servir de mais um pouco.

— Bom – Júlio empurrou os óculos –, se for parar pra pensar, eu também não gostaria se jogassem pedras na minha casa. Que é o que a “molecada” que você está falando aí faz.

Os três continuaram comendo a sobremesa, pensativos.

— Pro seu avô estar falando que a gente deveria ir até lá pra saber mais detalhes sobre a Mata, ela não deve ser tão má assim! – Daniel falou depois de um tempo.

— Pode até não ser, mas que parece, parece! – Marcelo riu.

— A gente podia ir até lá! – Daniel se empolgou.

Nesse momento, seu Nonô voltou da varanda, ainda cheirando a charuto. Veio todo animado, sentou-se à mesa e com seu olhar de costume começou a dizer:

— Vocês precisavam é de ver como eram as coisas no meu tempo de moço! Isso sim era vida! Nada era fácil como é hoje em

dia pra vocês!

Enquanto ele continuava falando, Marcelo olhou para Daniel como quem diz: "eu avisei". Não tiveram outra opção senão ficar ali ouvindo seu Nonô.

Durante todo o tempo, Daniel, mais uma vez, estava absorto em seus próprios pensamentos e sua mente estava longe, muito longe, na Mata do Anatema.

Teremos sorte se sairmos vivos daqui!

N

o dia seguinte, Daniel mal acordou e já pegou o telefone para ligar para Marcelo.

— Vamos lá? – perguntou assim que ele atendeu.

— Lá onde? – Marcelo respondeu, ainda com sono.

— Na casa da tal da bruxa!

— Ah! Hum, não sei não...

— Vamos lá! Larga mão de ser medroso!

— Não tô com medo, tô com preguiça!

— Passo aí em dez minutos, vou ligar pro Júlio antes. –

Daniel retrucou e desligou o telefone antes que Marcelo pudesse dizer alguma coisa.

Daniel ligou para Júlio, que não queria ir, pois estava com medo que a velha colocasse algum feitiço nele.

— Júlio! – disse Daniel. – Larga mão de ser tonto! Você já é tão azarado que qualquer feitiço que a velha te coloque só pode melhorar sua situação!

— Há! Muito engraçado! – Júlio resmungou do outro lado da linha.

— Te encontro na casa do Marcelo em dez minutos! – Daniel respondeu, desligando o telefone.

Dez minutos depois, Daniel estava tocando a campainha na casa de Marcelo, que saiu com um pirulito na boca.

— Tamanho marmanjo chupando pirulito! – Daniel zombou.

— Não enche! – Marcelo respondeu, enquanto pegava sua bicicleta – O Júlio vem?

— Já era pra estar aqui.

— Ele deve estar com medo, acho que não vem.

Nesse instante, Júlio dobrou a esquina. Chegou todo esbaforido.

— Eita! Por que demorou? – Marcelo perguntou, subindo na bicicleta.

— Resolvi vir na última hora... – Júlio respondeu. – Vamos embora logo antes que eu mude de ideia!

Os três saíram discutindo quemalaria com a velha. Nenhum tinha coragem, portanto, resolveram ir juntos. Júlio foi escolhido como porta-voz, por voto de maioria e sem chance de dizer não.

Ao chegarem perto, deixaram as bicicletas encostadas num canto e foram andando até o portão da frente da casa. Era um portãozinho baixo, que acompanhava a cerca. Antes de tomarem coragem para entrar, pararam para observar a casa pelo lado de fora.

Era um casebre de madeira, velho, todo pintado de verde, porém com a tinta já gasta e descascada. Era rodeado por uma varanda cuja madeira estava praticamente podre. Havia muitos vasos com plantas secas e o jardim da frente já havia sido tomado pelo mato. Na porta de entrada, uma argola de ferro enferrujada fazia as vezes de campainha. Alguns gatos dormiam preguiçosos nos batentes da varanda.

— Vocês já vieram aqui antes? – Daniel perguntou, ainda olhando para a casa.

— Não, nunca! – respondeu Júlio. – Você tá louco? O que a gente viria fazer aqui?

— Sei lá! – Daniel respondeu. – Já souberam de alguma bruxaria que ela tenha feito?

— O Márcio lá da escola jura que ela matou o cachorro do vizinho dele e o Artur falou que ela transformou o gato da prima dele em poeira! – Marcelo contou com olhar muito sério.

Daniel olhou novamente a casa. Tinha mesmo um aspecto de dar medo, mas pensou que Seu Nonô nãoalaria para que eles fossem até ali se houvesse algum perigo. Pelo menos ele torcia para que isso fosse verdade.

— Vamos lá! – Ele abriu o portão. – Vamos entrar!

Depois de respirar fundo, tomaram coragem e entraram pelo jardim. Quando chegaram próximo à escada que dava acesso à varanda, notaram que um dos degraus estava quebrado. Subiram em direção à porta com cuidado, praticamente colados uns aos outros e tremendo. Quando Marcelo esticou o braço para tocar a argola de ferro, a porta se abriu abruptamente e de lá de dentro saiu uma senhora com a aparência mais assustadora que eles já haviam visto. Era muito magra, com a pele seca e tão enrugada que era impossível pensar que tivesse menos de 100 anos. Estava vestida toda de preto com um grosso xale de lã cobrindo a cabeça e os ombros. Com o susto, os três ficaram parados, olhando como se estivessem vendo uma assombração. Ela também ficou ali, parada, olhando-os com curiosidade.

— O que vocês querem aqui? – a velha perguntou com voz ríspida, quando viu que os meninos não iam desempacar tão cedo.

Os três começaram a se agitar e um começou a empurrar o outro para perto da velha, até que por fim acabaram colocando Júlio à frente para que ele falasse com a mulher. O coitado tremia feito uma vara verde.

— B-B-Bo-boa ta-tarde se-senhora... – ele gaguejou. – Nós está-táva-mos passando p-po-por aqui-i e vi-vimos s-sua be-bela casa e resolvemos bater pa-para ver se havia alguém mo-morando por aqui-qui...

Daniel, percebendo que Júlio não ia conseguir falar o que deveria, resolveu interferir na conversa:

— Na verdade, senhora, estamos aqui porque gostaríamos de saber a respeito de algumas histórias antigas da cidade e soubemos que a senhora poderia nos ajudar.

— Não conheço nenhuma história! – ela disse, desconfiada. – E tenho mais o que fazer além de perder tempo com crianças bobas.

Dizendo isso, a mulher virou-se para entrar.

— É muito importante! – Daniel insistiu, antes que ela pudesse fechar a porta. – Nós temos que fazer um trabalho pra escola e tenho certeza que a senhora pode nos ajudar. Por favor!

A velha olhou-os de cima a baixo, como se tentasse adivinhar por que realmente teriam ido procurá-la, pois sabia que gozava da fama de bruxa pela cidade. Enfim, tomada também pela curiosidade, decidiu deixá-los entrar e se dispôs a ouvir o que tinham a dizer.

A casa não era tão assustadora do lado de dentro, embora fosse um pouco escura, por causa das cortinas que estavam sempre fechadas. Os móveis eram velhos, com o estofamento já rasgado, mas sua disposição pela sala tinha sido feita de uma maneira convidativa, fazendo com que o ambiente parecesse confortável. Havia muitas peças de madeira escura, cheias de quinquilharias, além de vários quadros com retratos de pessoas que pareciam ter vivido em outra era. A senhora indicou um sofá grande para que se acomodassem. Obedeceram prontamente, sentando-se tão juntos que bastaria uma pequena poltrona para os três.

— Então, o que gostariam de me perguntar? — a velha senhora disse, após sentar-se numa cadeira em frente ao sofá onde eles estavam.

Júlio, já um pouco refeito do susto, resolveu assumir seu papel de porta-voz e disparou com voz de locutor de rádio:

— Senhora, meu nome é Júlio e estes são meus amigos Marcelo e Daniel. Nós moramos na cidade, gostamos muito de andar com nossas bicicletas pelos arredores e sabemos da existência de um bosque chamado Mata do Anatema, local este que nossos pais nos proíbem de ir, dizendo ser muito perigoso. Porém, nós realmente não sabemos a verdadeira história deste lugar e por isso viemos procurá-la, pois sendo a senhora uma moradora antiga da cidade, provavelmente saberá nos contar tudo a respeito do referido local!

Júlio terminou de falar e empurrou os óculos para cima no nariz, respirando fundo. Seu rosto começou a ficar vermelho, todo cheio de manchas. Daniel e Marcelo se entreolharam e olharam para Júlio. De onde tinha saído aquilo?

— Muito bem! — a mulher respondeu, um pouco espantada com o discurso de Júlio. — Podem me chamar de Dona Aída. Realmente eu posso lhes falar a respeito da Mata do Anatema, mas

já vou adiantar que se trata de uma longa história e que aquele é realmente um lugar muito perigoso! – Ela olhou seriamente para os três por alguns segundos. – Como isso vai demorar um pouco – ela disse em seguida – gostaria que vocês aguardassem aqui enquanto termino alguns afazeres que deixei pela metade quando fui atendê-los. Volto logo.

Sem mais palavras, a velha senhora se levantou e dirigiu-se à cozinha.

Assim que D. Aída saiu da sala, os três começaram a cochichar.

— É fria! – falou Marcelo. – Tenho certeza que essa velha é mesmo uma bruxa! Estamos perdidos! Teremos sorte se sairmos vivos daqui!

— Será que ela vai fazer alguma coisa com a gente? – Júlio perguntou, meio assustado.

— Bom, agora já estamos aqui e não tem mais volta! – Daniel respondeu. – Mantenham a porta sempre à vista, por via das dúvidas...

Falavam baixo para que ela não os escutasse na cozinha. De onde estavam, não viam nada, só ouviam o barulho de panelas e talheres batendo.

Começaram a discutir um possível plano de fuga e já estavam começando a tumultuar quando ouviram D. Aída se aproximando.

Qual não foi a surpresa ao verem que ela vinha trazendo uma bandeja com leite e bolo de chocolate. Colocou tudo em cima da mesa de centro que ficava na frente do sofá onde eles estavam sentados.

— Podem se servir! – ela disse. – Tinha acabado de tirar do forno quando vocês bateram na porta.

Daniel, Júlio e Marcelo se entreolharam. Tudo estava com uma cara ótima! Não havia nada que os rendesse mais facilmente que comida! Os três riram e atacaram!

Enquanto eles comiam, D. Aída se sentou em sua cadeira e começou a contar o que sabia sobre a Mata do Anátoma.

Isto é o que eu sei...

“H

há muitos e muitos anos, quando esta cidade era ainda uma pequena aldeia onde todos se conheciam ou eram parentes, apareceu, um dia, um homem com sua mulher e dois filhos pequenos, um menino e uma menina. Era um homem pobre, que vinha em busca de um lugar para morar.

Cansados da longa viagem e com uma fome acumulada de vários dias, pararam na primeira casa que encontraram na vila e pediram ajuda. A pessoa que os recebeu se enterneceu com a dificuldade em que se encontravam e lhes deu água e comida. O homem, muito agradecido, disse que seria eternamente grato por tamanha generosidade. Antes de sair, perguntou se não saberiam de algum lugar onde pudessem se alojar. Sabendo se tratar de uma família sem posses, o dono da casa resolveu oferecer-lhes um pequeno casebre que ele mesmo possuía um pouco retirado do vilarejo. Disse ao homem que ele poderia ficar lá com sua família enquanto houvesse necessidade e que não haveria de pagar nada por isso. O homem, mais uma vez, agradeceu e retirou-se em direção ao endereço indicado pelo proprietário.

Ao chegar à sua nova casa, a família considerou-se imensamente afortunada, mesmo sendo aquele apenas um pequeno e velho casebre.

A casa era simples, com alguns móveis antigos que pertenciam ao proprietário. Havia uma cama de casal onde marido e mulher poderiam descansar e à beira desta cama havia um baú de madeira muito escura e maciça. Este baú era todo ornado com filetes de ouro e a madeira era entalhada, formando desenhos incompreensíveis. Havia também uma outra cama de solteiro, que acomodaria confortavelmente as duas crianças, e uma mesa com

cadeiras para fazerem suas refeições. Assim, o homem pôde instalar toda sua família. A esposa arrumou os poucos pertences que possuíam e começaram sua nova vida naquela cidade.

Logo no dia seguinte, ele saiu para procurar emprego e voltou contente por ter achado um trabalho como ajudante na sapataria. O salário não era muito, mas seria o suficiente para que não passassem mais fome.

Desta forma, viviam de maneira humilde, porém estavam muito contentes.

Os dias se passaram, aquele pequeno casebre se tornou um lar. Eram felizes ali. As crianças brincavam, corriam, tudo parecia perfeito. O homem continuava a trabalhar e trazer o pouco dinheiro para casa.

Um dia, a esposa estava arrumando a casa quando reparou naquele baú ao pé da cama. Já estavam vivendo ali há algum tempo e por incrível que parecesse, ela ainda não tinha tido curiosidade de saber o que havia ali dentro. Resolveu, então, abri-lo. Aproximou-se do fecho, que estava um pouco enferrujado e, com alguma dificuldade, conseguiu destravá-lo e abrir o baú. Dentro dele encontrou vários papéis que pareciam muito antigos e gastos pelo tempo.

Mais tarde, quando seu marido chegou do trabalho, a esposa mostrou-lhe os papéis. O homem, então, examinou-os atentamente e qual não foi seu espanto ao perceber que eram mapas e ilustrações a respeito de algum lugar. Lendo um deles, o homem viu tratar-se de algo relacionado a uma caverna onde havia sido encontrado um enorme tesouro. Os demais papéis mostravam desenhos do local, da caverna, e mapas de como se chegar lá. Como eram muito antigos, era difícil entender o que estava escrito e algumas partes já haviam sido apagadas pelo tempo.

O marido, então, ficou deslumbrado com a possibilidade de encontrar ele mesmo aquele lugar. Chegariam ao fim seus dias de privação, poderia fazer tudo o que tivesse vontade.

A cada dia ficava mais e mais obcecado com aquela ideia. Passava o dia pensando e imaginando como seria sua vida quando ficasse rico. Tinha dificuldade para entender o mapa, mas não

queria mostrá-lo a ninguém, para que não tentassem roubá-lo. Nem mesmo ao proprietário da casa onde morava quis mostrá-lo.

Preocupado em saber se o proprietário tinha conhecimento daquilo, foi um dia procurá-lo com a desculpa de saber se ele estava precisando daqueles móveis que havia deixado na casa. O proprietário, então, contou ao homem que aqueles móveis haviam pertencido à sua bisavó, que ele os havia recebido como herança. Nem sequer sabia exatamente o que havia lá, pois os móveis tinham sido entregues diretamente no casebre, já que para ele não teriam uso. Disse que eles poderiam se considerar donos de tudo aquilo. Feliz com aquela resposta, o homem teve certeza de que o proprietário não sabia nada sobre o tesouro e voltou para casa mais animado ainda com a ideia de se tornar um homem rico.

Todas as noites contava à sua esposa como seriam seus dias de fartura. Ela ficava feliz com aquela possibilidade, mas notou que o marido estava muito obcecado por aquilo e começou a temer pelo que pudesse vir a acontecer.

Depois de algum tempo e depois de muito pesquisar e estudar, ele finalmente sentiu-se preparado para ir atrás do tesouro. Arrumou roupas e provisões para alguns dias, despediu-se da esposa e de seus filhos e seguiu as indicações do mapa.

Naquela época, a cidade era muito diferente do que é hoje, mas aquela floresta que hoje conhecemos como Mata do Anátoma já existia e era praticamente a mesma. O mapa indicava que a caverna onde estava o tesouro se localizava no meio daquele lugar e para lá o homem seguiu. Estava determinado a encontrá-lo.

Dias se passaram e ninguém sabia o que havia acontecido com ele lá dentro. A esposa passou a ter que tomar conta da casa e dos filhos sozinha. Começaram a ficar sem dinheiro e o menino, filho do casal, teve que sair para trabalhar. A cada dia, as dificuldades aumentavam. As crianças foram crescendo e perguntavam o que havia acontecido ao pai. A mãe dizia que ele voltaria e que então teriam uma vida melhor. Enfrentaram muitas dificuldades. O tempo passou e o pai nunca voltou.

Com o tempo, o que havia acontecido com o homem se espalhou pela cidade e as pessoas acabaram ouvindo falar no tal

tesouro. Um dia, a esposa resolveu sair em busca do marido. Deixou um recado para os filhos dizendo que ia entrar na mata e voltaria quando o encontrasse. Nunca mais se ouviu falar dela. Alguns homens foram em expedição para tentar encontrá-la, mas também não voltaram.

O que se dizia naquela época era que o marido havia achado o tesouro, mas que, tamanha sua ganância, não conseguindo trazê-lo consigo, preferiu morrer sozinho na floresta a deixar sua riqueza para trás. Acreditava-se que as pessoas que entravam na floresta eram mortas por seu espírito, que achava que todos estavam ali para roubá-lo, inclusive sua esposa.

Esta história foi sendo contada por vários anos. Algumas vezes pessoas como vocês duvidaram que ela fosse verdadeira e se aventuraram a entrar na mata, mas muitas não retornaram.”

D. Aída fez uma pausa.

— Isto é o que eu sei sobre a Mata do Anatema! – ela concluiu.

Olhando em direção aos meninos sentados à sua frente, viu que estavam boquiabertos com tudo o que haviam escutado.

— Uau! – exclamou Marcelo.

— A senhora sabe o que aconteceu com os dois filhos do casal, D. Aída? – perguntou Júlio.

— Parece que foram criados por uma senhora que morava na cidade e, não tendo filhos, resolveu adotar as duas crianças – ela respondeu rapidamente.

— E o baú com os mapas? O que aconteceu com ele? – perguntou Daniel.

— Isso não sei dizer, deve ter se perdido com o tempo! – D. Aída se levantou. – Agora tenho mais coisas para fazer e já é hora de vocês irem embora.

Os três se levantaram, agradeceram a D. Aída e saíram.

Ela os acompanhou até a porta e fechou o trinco quando eles passaram pelo portão. Ao se virar, uma lágrima brilhou em seus olhos.

Que diacho foi isso?

N

o domingo, como de costume, encontraram-se na praça da cidade. Como o tempo estava meio feio, resolveram assistir a um filme.

— Que tal se a gente fosse ver lá em casa? – Daniel sugeriu.
– Meus pais saíram e só a minha irmã vai estar lá.

Acabaram optando por um filme de terror, daqueles bem pastelão, em que os olhos do monstro caem no meio da cena.

Gastaram o final da manhã e o início da tarde na frente da televisão. No meio do filme, na parte mais emocionante, Alice apareceu na porta.

— Só vim avisar que se estiverem com fome, podem ir até a cozinha se virar, porque eu não vou preparar almoço pra ninguém! – ela disse.

— Tá, pode deixar que a gente se arranja! – Daniel respondeu, mal-humorado com a presença da irmã.

Ele não pode deixar de pensar que, sendo a chata que era, a irmã só podia escolher os piores momentos para se intrometer.

— Ai, essa menina é mesmo uma mala! – ele comentou depois que ela saiu.

— Bom! – Marcelo falou, ainda de olho na televisão. – Pra falar a verdade, eu estou mesmo com um pouco de fome.

— Eu também! – Júlio concordou.

— Então vamos parar o filme e comer alguma coisa, depois continuamos! – Daniel apertou o botão de pausa do controle remoto.

Foram direto para a cozinha, fazendo comentários sobre o filme. Lá, prepararam alguns sanduíches e se sentaram à mesa para comer.

— Tem suco aí? – perguntou Marcelo, aproveitando que Daniel estava com a porta da geladeira aberta para pegar a mostarda.

Daniel voltou à mesa trazendo a mostarda e o suco. Júlio, que já estava comendo, perguntou:

— O que vocês acharam do que a D. Aída contou ontem?

— Difícil saber! – Marcelo respondeu com a boca cheia. – Mais um conto para se juntar a tantos outros. Como vamos saber se é verdade? A velha deve ter uns 300 anos, sabe-se lá se fala coisa com coisa!

— Come antes de falar, seu animal! – Daniel terminou de colocar a mostarda em seu sanduíche e jogou a tampinha em Marcelo.

— Ela parecia estar bem lúcida e sabendo exatamente sobre o que estava falando! – Júlio ignorou a brincadeira entre os dois.

— De toda forma, é só mais uma história! – Marcelo respondeu, jogando a tampa de volta em Daniel.

— Como será que ela sabe de tudo isso? – Júlio falou, mais para ele mesmo que para os outros.

— Ah, na época dela devia ter uma meia dúzia de habitantes na cidade, então todo mundo se conhecia. – Marcelo enfiou o último pedaço de sanduíche na boca.

— Que tal se a gente fosse até lá? – sugeriu Daniel, que até agora estava só comendo e encrocando com Marcelo.

— Fosse até onde? – Júlio olhou com cara de desaprovação.

— Até a Mata! – Daniel respondeu.

— Você tá doido! – Júlio exclamou. – Você já fez a gente ir até a casa da bruxa, agora quer que a gente entre naquele lugar? Sem chance!

— Olha só, a gente tava com medo de ir até a casa da D. Aída e no final acabou que ela é uma velhinha gente fina e filamos uma boia legal. – Daniel argumentou, tentando convencer os amigos. – Provavelmente essa coisa toda com essa mata é só bobeira, coisa de gente velha.

— Pois é, mas bem que a cara da D. Aída é bem assustadora! – Marcelo encheu novamente seu copo com suco. – E

o Júlio ficou morrendo de medo!

— Você é mesmo uma besta, Marcelo! – Júlio sacudiu a cabeça com um suspiro.

— Mas, falando sério! – Daniel tentou novamente. – A gente não precisa entrar na mata, vamos só chegar lá perto, pra ver como é.

— De repente, se a gente só olhar de fora, não deve ter muito problema! – Marcelo riu e olhou para Júlio.

Júlio já sabia que era voto vencido. Era sempre assim, ele pensava no que poderia acontecer, no que seria mais prudente e seguro. Daniel e Marcelo nunca pensavam em nada e sempre terminavam por convencê-lo a entrar nessas furadas. De toda forma, acabava sendo divertido e no fundo ele gostava. Concordou, desde que fossem rápido, e lá se foram os três.

Durante o caminho pouco se falaram. De vez em quando Marcelo fazia uma piada para quebrar o gelo, mas no fundo estavam nervosos. Embora fossem apenas dar uma olhada, sentiam como se estivessem prestes a entrar numa grande encrenca. De repente, Daniel resolveu desafiar os dois para uma corrida.

— Vamos ver quem chega primeiro! – gritou, já disparando na frente. – Aposto que não me pegam!

Claro que qualquer desafio, por mais besta que fosse, era sempre levado muito a sério entre eles, então, mais que depressa, Marcelo e Júlio apertaram o ritmo em suas bicicletas.

Distraídos com a competição, nem perceberam que haviam chegado muito rapidamente até a beira da mata. Se aproximaram e ficaram em silêncio, olhando. Não parecia nada de mais, uma mata como tantas outras que existem por aí. A única coisa diferente era que ela destoava do resto da vegetação da região, e o mais estranho: não se ouvia nada, nenhum som vindo lá de dentro. Não havia barulho de passarinhos, nem vento batendo nas folhas, nada. Completo silêncio.

Os três haviam tido a mesma sensação. Embora parecesse um lugar comum, uma energia estranha emanava de lá. Sentiram um frio na barriga ao se aproximarem mais. Ao mesmo tempo em

que tinham medo, era como se algo os atraísse, havia alguma força estranha que os puxava.

Marcelo andava de um lado para o outro, tentando enxergar alguma coisa lá dentro, mas a mata era tão fechada que não se via nada a mais de um metro de distância. Voltou ao encontro de Daniel e Júlio.

— E aí, o que vocês acharam? – ele perguntou.

— Não parece nada de mais vindo daqui de fora, mas tem alguma coisa esquisita que não sei o que é... – Daniel respondeu.

— Também acho! – Júlio concordou. – É muito estranho. Parece que alguma coisa está observando a gente. Mas o mais engraçado de tudo é que eu não estou com medo!

Os três riram.

— Tá vindo! Não falei que não tinha perigo? Que tal se a gente entrasse? – Daniel aproveitou a empolgação dos dois para sugerir como quem não quer nada.

Ele já estava esperando que os amigos retrucassem com um sonoro não, mas, para seu espanto, sabe-se lá por quê, o medo havia desaparecido.

— Talvez a gente pudesse entrar só um pouquinho. – Marcelo respondeu.

— Não precisamos ir muito longe! – Júlio completou. – Assim podemos voltar facilmente e ninguém precisa saber que estivemos aqui.

Daniel não acreditava em seus ouvidos. Júlio tinha concordado sem nem pestanejar! Talvez isso, sim, fosse um sinal para que ficassem onde estavam, mas ele não ia perder essa oportunidade de jeito nenhum!

Ao se aproximarem mais, antes de entrarem, observaram as árvores altas e tentaram ouvir alguma coisa. Nada, só o silêncio, ouviam apenas suas respirações ofegantes. Tomaram coragem e começaram a andar. O primeiro foi Marcelo, seguido de Daniel e depois Júlio. Caminhavam devagar, cautelosos. Era difícil andar, pois havia muitas plantas rasteiras que se enroscavam nos pés, como que tentando impedi-los de entrar naquele lugar. Andaram alguns metros e pararam. As árvores muito altas e a mata tão fechada

impediam de se ver o que estava à frente. Prosseguiram, sempre olhando para trás para não perderem de vista o lugar por onde tinham entrado. À medida que se aprofundavam mais, a mata se tornava menos espessa, mas a dificuldade para andar continuava a mesma. As plantas agarravam suas pernas e o silêncio permanecia.

— Tá vendo? – Daniel olhou ao redor. – Não tem nada de mais, não passa de um mato como outro qualquer.

De repente, nem bem Daniel tinha acabado de falar, ouviram um grito estridente e um pássaro enorme passou num voo rasante sobre suas cabeças. Os três se jogaram no chão para não serem atingidos.

Levantaram-se aos poucos. A ave havia sumido, não se ouvia mais nada. Como um pássaro daquele tamanho conseguia voar numa mata tão fechada e ainda mais sem fazer nenhum barulho?

— Que diacho foi isso? – Marcelo se levantou e olhou para os lados.

— Sei lá eu! – respondeu Júlio, assustado. – Vamos sair daqui!

A floresta parecia ter tomado vida, agora eles ouviam o som do vento soprando entre as folhas das árvores e o pio distante de algum pássaro ecoava no ar.

Não tinham andado muito e durante todo o tempo mantiveram à vista o lugar por onde haviam entrado, portanto não seria muito difícil sair dali. Mas quando se viraram para voltar, perceberam que estavam num lugar completamente diferente de onde tinham começado sua caminhada. Já não reconheciam mais nada. Nesse momento, Júlio se lembrou da lenda sobre as pessoas que entravam ali e desapareciam e começou a ficar desesperado.

— Calma Júlio! Temos que manter a calma se quisermos sair daqui! – Daniel tentou não transparecer que estava com medo. – Que horas são, Marcelo?

Queria ter ideia de quanto tempo teriam antes de anoitecer. Marcelo olhou em seu relógio.

— Essa droga tá parada! Tá marcando três horas, mas já deve ser mais tarde que isso! – Marcelo respondeu.

— Ótimo! – falou Júlio. – Agora, além de perdidos, estamos sem noção do tempo!

— Bom, acho que não temos muita escolha! – Daniel tentou manter a calma. – A única coisa que podemos fazer é andar e tentar achar a saída.

— Mas não consigo entender! – Júlio olhou ao redor. – A saída estava aqui atrás da gente, tinha uma árvore grande aqui do lado, com um cipó preso num galho baixo. Eu reparei bem quando entramos, estava marcando o caminho pra gente poder voltar, mas a árvore não tá mais em canto nenhum!

— Pois é, não sabemos o que aconteceu, mas não temos tempo a perder. Daqui a pouco vai começar a escurecer e vai ser ainda mais difícil sair daqui. É melhor a gente se apressar e tentar achar o caminho pra fora! – Daniel falou.

— Bom, teoricamente, nós viemos de lá! – Marcelo apontou para a direção oposta de onde estavam.

— Então é pra lá mesmo que nós vamos! – Daniel começou a andar. – Não podemos estar muito longe!

Andaram na direção de onde tinham vindo inicialmente. Pela lógica, como tinham vindo dali, a saída só podia ser por lá. Infelizmente, não havia lógica naquele lugar, quanto mais andavam mais perdidos ficavam.

— Estou reconhecendo esse lugar! – Marcelo gritou depois de algum tempo. – Nós já passamos aqui, devemos estar perto da saída!

Ele começou a olhar para todos os lados, andando para lá e para cá para ver se conseguia reconhecer o lugar por onde haviam entrado.

Júlio se sentou no chão, cansado e desolado.

— Vamos, Júlio! – Marcelo quis animar o amigo. – Nós estamos perto! Vamos sair daqui!

Júlio olhou para ele e respirou fundo.

— É a terceira vez que passamos por aqui! – Júlio levantou os braços, exasperado. – Estamos andando em círculos.

Marcelo parou e continuou olhando para o local onde estavam como se não acreditasse em seus olhos.

— Tem alguém aí? – gritou em desespero. – Socorro! Alguém! Socorro!

— Calma, Marcelo! – Daniel sentou-se, cansado, ao lado de Júlio. – Nós vamos sair daqui, é só uma questão de tempo, não podemos nos desesperar. Alguém vai achar a gente!

Marcelo também se sentou. Estavam cansados, com fome e, principalmente, com sede.

— Me lembro de um livro que li uma vez que dizia que no caso de alguém se perder numa mata, deve tentar encontrar um sulco mais profundo no chão e segui-lo na direção em que o terreno desce, pra tentar achar água. – Júlio falou depois de alguns minutos de silêncio.

— Se a gente conseguir achar água, ela deve correr pra algum rio ou lago e talvez fique mais fácil sair! – Daniel se levantou.

— Bom! – Marcelo disse num suspiro. – No mínimo a gente não morre de sede...

Continuaram caminhando e olhando o chão à procura de algum sulco que pudesse indicar a presença de água. À medida que iam andando, parecia que a mata se abria, ficava menos densa, como se estivesse mostrando o caminho por onde deviam seguir. Continuaram observando as árvores e escutando a floresta, que parecia cada vez mais viva. De repente, Daniel avistou uma luz, uma claridade que vinha um pouco mais além de onde estavam. Chamou Júlio e Marcelo e mostrou o que estava vendo.

— Pode ser a saída, vamos até lá! – disse Marcelo. – Mas também se não for, pior do que estamos não vamos ficar.

Os três correram em direção à claridade que viam. Conforme iam passando, uma passagem se formava, conduzindo-os, até chegarem em um lugar inacreditável. A floresta, que antes era fechada, agora se afastava em reverência àquele cenário. Pararam estarecidos e boquiabertos.

— Uau! – exclamou Júlio arrumando os óculos. Seus olhos pareciam que iam saltar para fora do rosto.

Alguns metros à frente, havia um lago de águas calmas, de um azul profundo. Ao redor, pedras e plantas formavam uma

moldura perfeita. As copas das árvores, tão altas que mal se via o final, fechavam-se bloqueando o céu. Embora pensassem que já era de noite, os raios do sol atravessavam por entre as folhas lá em cima e vinham refletir na água, formando diamantes reluzentes no ar.

— Cacilda! – falou Marcelo, tentando acordar do susto. – Eu acho que já devo tá mal... tô vendo miragens...

— Deve ser miragem coletiva então! – Júlio se aproximou.

— Eu não sei vocês, mas eu tô morrendo de sede! – Daniel gritou, correndo em direção ao lago.

Júlio e Marcelo saíram correndo também. Por um momento, esqueceram que estavam perdidos e que poderiam nunca mais sair daquele bosque.

Beberam água e deitaram-se na relva à beira do lago. Ali, no calor do sol e em meio a todo aquele brilho pairando no ar, acabaram adormecendo.

A luz do dia parecia brilhar lá dentro agora...

D

aniel acordou com o sol batendo em seu rosto. Virou-se para um lado e para o outro.

“Esqueci a droga da cortina aberta de novo!” – Pensou.

Abriu os olhos ainda se lembrando do sonho estranho em que estava preso no meio da mata. Quando conseguiu focar a visão, percebeu que não tinha sido um sonho, estava ali, perdido. De repente ouviu um barulho estranho e repetitivo:

— Dip, dip, dip, dip!

Ele se levantou rapidamente e olhou para os lados, mas não via nada. Continuava a ouvir o barulho, mas não conseguia ver de onde vinha. Acordou Marcelo e Júlio, que ainda dormiam pesado sobre a relva.

— Tem alguma coisa aqui! – ele exclamou, sacudindo os amigos.

Os dois acordaram assustados, perdidos e sem saber exatamente o que estava acontecendo. Levou alguns segundos até entenderem que continuavam ali, presos na Mata do Anatema.

— Dip, dip, dip, dip! – Novamente o barulho.

— O que é isso? – Júlio se levantou, arrumando os óculos, que tinham se entortado em seu rosto durante o sono.

Começaram a andar de um lado para o outro procurando de onde o barulho vinha. Parecia que mudava de lado a cada instante.

— Ali! – gritou Marcelo ao ver uma moita se mexer levemente.

— Dip, dip, dip, dip! – O barulho certamente vinha de lá.

Os três seguiram em frente, andando com cuidado, tentando cercar a moita. Por algum motivo, tentavam não fazer nenhum barulho, como se isso fosse espantar o responsável pelo ruído que ouviam.

De repente, um pássaro de pernas compridas e corpo muito pequeno, penas azuis e verdes, com bico longo e listrado, saiu correndo de trás do arbusto. O bicho corria feito um louco gritando: Dip, dip, dip!

Atordoado, porém curioso, Marcelo gritou:

— Vamos atrás dele!

O pássaro era muito ágil e parecia estar brincando. Parava um pouco, deixava que eles chegassem bem perto e quando menos esperavam, saía correndo novamente. Sem perceber, foram se afastando do lago. A corrida continuou até o pássaro entrar numa gruta. Daniel, Marcelo e Júlio, que vinham logo atrás, pararam abruptamente.

Era uma passagem que se abria em meio às pedras. A entrada era pequena, mas grande o suficiente para que se esgueirassem por ela. Não conseguiam ver nada lá dentro.

— Lembram do que a D. Aída contou sobre o homem que entrou na mata em busca de uma caverna com um tesouro? – Júlio perguntou, desconfiado.

— Aqui pode ser a tal gruta que ele veio procurar! – completou Marcelo. – O espírito dele ainda pode estar por aqui! – Ele sentiu um calafrio. – Assombrando o lugar!

Só de pensar nisso, já ficaram arrepiados. Entrelharam-se sem saber o que fazer. Tentaram ainda esticar o pescoço para dentro da caverna, na esperança de que conseguissem ver alguma coisa, mas não enxergavam nada.

— Eu não estou tão curioso assim para pegar esse bicho a ponto de entrar aí! – exclamou Júlio.

De repente tudo ficou escuro! Como se a noite tivesse caído em dois segundos. Como se alguém tivesse simplesmente desligado um interruptor, o dia tinha cedido lugar à noite.

Aproximaram-se uns dos outros e permaneceram ali parados, enquanto seus olhos habituavam-se com a escuridão. Não

conseguiam mais ouvir o pássaro.

— E agora? O que vamos fazer? – Daniel perguntou.

— Escuro desse jeito acho perigoso a gente tentar andar por aí! – Júlio falou, com medo.

— Mas também não sei se é uma boa a gente ficar aqui. Vai que o espírito do tal cara está por aí! – Marcelo olhou para os lados.

Nesse instante ouviram um trovão e um temporal desabou do céu.

— Ah! Só faltava essa! – exclamou Marcelo. – Esse lugar só pode estar de brincadeira!

— A gente não pode se molhar, ou vai morrer de frio! – Júlio lembrou.

Daniel e Marcelo se entreolharam.

— Não temos opção então! – Daniel falou, quase rindo. – Vamos ter que entrar na caverna se quisermos nos proteger.

Júlio entortou o nariz, mas vendo que não havia outra solução, concordou.

— Tá, mas só o suficiente pra gente se cobrir – ele avisou.

Estavam morrendo de medo e já começavam a tremer de frio.

— Ei! – Daniel chamou a atenção de seus amigos. – Olhem lá pra dentro. Está claro!

Marcelo e Júlio se viraram para observar. Era como se a escuridão lá de fora não tivesse atingido o interior da gruta. A luz do dia parecia brilhar lá dentro agora.

— Mas será o benedito! – Marcelo coçou a cabeça. – Esse lugar é mesmo doido!

Passaram pela abertura devagar e com cautela. Logo na entrada havia uma descida que levava a um salão maior, de onde vinha a luz. Ao chegarem lá embaixo notaram que a luminosidade vinha de aberturas ao redor das paredes do salão. Seus olhos demoraram um pouco para se acostumarem novamente com a luz, mas em pouco tempo viram que eram grandes portas douradas, cravejadas com diamantes e outras pedras preciosas, que brilhavam tanto que iluminavam todo o ambiente. O salão era grande e amplo e no chão havia uma areia fina e brilhante que

parecia ouro em pó. No meio do salão principal, havia uma elevação que ficava centralizada com a parte mais alta do teto. Bem embaixo havia uma pilha com moedas, joias, cálices e outras peças de ouro. Um arco formava a passagem para uma outra sala.

— Nossa! Olhem isso! – exclamou Júlio. – Deve ser o tal tesouro! Imagina quanto não vale uma porta dessas!

Olharam ao redor. Marcelo chegou perto de uma das portas. Era muito grande e parecia pesada e espessa.

— É, mas deve ter alguma coisa muito importante aí atrás, senão essas portas não estariam aí! – ele disse, passando a mão numa delas.

— Vamos dar uma olhada por aí pra ver o que mais encontramos! – sugeriu Daniel.

— Sim, e vamos ver se achamos aquele passarinho imbecil! – completou Marcelo.

Nem bem Marcelo terminou sua frase, ouviram o ruído do pássaro vindo da sala ao lado.

— Dip, dip, dip, dip! – Parecia que ele estava chamando.

Seguiram em direção ao barulho e passaram por baixo do arco que dividia as duas salas. Entraram num outro salão ainda mais iluminado que o primeiro. Olharam ao redor e viram o pássaro parado ao lado de uma grande pedra.

A pedra estava solenemente colocada em cima de um trono de ouro, cercado de pedras preciosas e pérolas. A sala era toda rodeada com tochas de ouro que nunca se apagavam, as paredes eram cravejadas de diamantes, esmeraldas e rubis, que refletiam à luz das tochas. O trono estava colocado em cima de um pedestal com alguns degraus para se chegar até ele.

Os meninos foram se aproximando devagar e o mais estranho é que dessa vez o pássaro não tentou fugir e nem parecia estar com medo. Estava ali parado, como se soubesse que estava protegido por alguém ou alguma coisa. Marcelo mais do que rapidamente avançou em direção ao bicho, pois estava louco para pegá-lo e agora tinha certeza que conseguiria.

— Ah! Safado! – ele exclamou, já quase tocando-o. – Agora te pego!

— Pare imediatamente! – bradou uma voz grossa como um trovão, no momento em que Marcelo esticou o braço.

Levaram um susto enorme! Juntaram-se no centro da sala, de costas uns para os outros, girando e olhando para todos os lados. Não sabiam de onde vinha aquela voz.

— Quem está aí? Apareça agora mesmo! – Daniel demandou.

Falava com tom imperioso, mas estava mesmo era morrendo de medo. Começaram a ouvir um barulho estranho e algumas pedras pequenas rolaram de cima do trono. Perceberam que a pedra maior estava se movendo, como que se desdobrando. Viram estupefatos que nela havia um rosto e que dali é que vinha a voz que tinham ouvido.

— Uau! A pedra tá falando! – Foi tudo que Júlio, com os olhos mais que arregalados, conseguiu dizer, abismado com o que estava vendo.

E para seu espanto ainda maior, a pedra respondeu!

— E o que você vê de tão estranho nisso? – ela disse. – Você também está falando até agora e ainda não disse nada interessante e nem por isso estou espantado com você!

Júlio ficou parado, sem saber o que fazer.

— Por que vocês querem pegar o meu Mordip? – a pedra continuou.

— Mordip? Que Mordip? – respondeu Daniel, confuso. – Nós não pegamos nada, não mexemos em nada!

A pedra riu, um riso que quase derruba os três no chão.

— Estou falando do meu pássaro. Mordip – ela disse.

— Ah! – falou Daniel. – O seu Mordip, seu pássaro... Bom, na verdade só estávamos curiosos, pois não encontramos nenhum outro animal nessa floresta e, seguindo ele, acabamos parando aqui. Não queríamos realmente **pegar** ele, estávamos só curiosos... – repetiu.

— Ô D. Pedra, desculpe a intromissão! – Marcelo falou. – Nós entramos aqui para...

— Eu sei! – a pedra interrompeu abruptamente. – Eu sei tudo o que acontece. Vi vocês desde o momento em que entraram na

mata.

— Mas como? Já sabia que estávamos aqui? – perguntou Júlio. – Como?

A pedra então explicou que, embora estivesse ali presa naquele trono, podia, através do pássaro Mordip, ver e ouvir tudo o que acontecia na mata.

— Eu guiei vocês até aqui! – disse a pedra.

— Se você nos guiou até aqui, pode provavelmente nos guiar de volta até a saída! – Daniel exclamou, animado com a possibilidade de ir embora daquele lugar maluco.

— É, eu posso... – respondeu vagamente a pedra.

— Mas então, por favor, mande o seu Mordip nos levar até a saída! – Júlio interrompeu.

— Poder, eu posso, mas não necessariamente vou – a pedra completou.

— Por que não? – gritaram os três ao mesmo tempo.

A pedra bocejou e olhou para os meninos.

— Sabe, essa vida de pedra é muito chata, nada acontece e esse bosque é muito parado! – ela falou. – Portanto, a minha vida é muito monótona e raramente aparece alguém por aqui. Se eu ajudar vocês a irem embora, vou ficar sozinho novamente e já estou cansado da solidão. Então, decidi que quero que vocês fiquem aqui comigo! – ela completou com o que parecia ser um sorriso. – Agora, se me dão licença, vou voltar ao que estava fazendo quando vocês me interromperam.

Assim dizendo, a pedra bocejou novamente, mexeu, remexeu, acomodou-se e, fechando os olhos, dormiu.

— Ei! Espera aí! Acorda! – Marcelo gritou, tentando empurrar a pedra. – Ah! Essa pedra tá me tirando do sério! Cadê aquele Mordip, que eu vou torcer o pescoço dele e quero ver se ela vai continuar aí dormindo!

O pássaro Mordip, ouvindo aquilo, correu e sumiu por uma rachadura na parede atrás do trono.

— Calma, Marcelo... – Júlio falou com ar muito superior, sentando-se aos pés do trono. – Deixa comigo que vou resolver esse assunto.

Daniel e Marcelo ficaram olhando perplexos para ele.

— O que você vai fazer? – Marcelo perguntou.

Ele se sentou, respirou fundo e começou a falar, dirigindo-se à pedra.

— Ô Dona Pedra, será que não tem mesmo jeito da senhora ajudar a gente? – ele perguntou. – Nós estamos cansados, perdidos e queremos sair daqui! Olha lá a responsabilidade que a senhora está assumindo! Depois não vai adiantar reclamar! Nós queremos ir embora, **precisamos** ir embora. Na verdade, eu quero tanto ir embora que já estou até com vontade de chorar.

Aos poucos seus olhos foram se enchendo de lágrimas. Júlio começou a chorar convulsivamente. Chorava tão alto e tão estridente que as paredes pareciam que iam vir abaixo. Daniel e Marcelo tamparam os ouvidos com as mãos. Dentro da caverna, com o eco, o choro ficava ainda mais alto. Era insuportável!

— Alguém, pelo amor de Deus, faça essa criatura calar a boca! – a pedra gritou de repente.

No mesmo instante Júlio parou de gritar, como se tivesse desligado um botão. Levantou-se com um sorrisinho no canto dos lábios. Não havia sequer uma lágrima em seu rosto.

Aproveitando que a pedra estava acordada novamente, Daniel se aproximou e perguntou se não havia nada que pudessem fazer para tentar convencê-la a ajudá-los a sair dali.

— Olha! Vocês são muito chatos! – a pedra respondeu, bocejando longamente. – Não estou acostumado com tanta conversa! Vocês falam demais! Faz muito tempo que estou aqui enterrado nessa gruta e não aguento tanto barulho! Aliás, Dona Pedra é a senhora sua mãe! – completou, olhando seriamente para Júlio.

Júlio ficou meio sem graça e respondeu:

— Desculpe, não sabia o seu nome e estava tentando ser respeitoso. Até coloquei um Dona na frente, pra ficar mais bonito! – ele falou, dando um sorriso meio amarelo.

— Pois podem me chamar de Seth – interrompeu a pedra. – Esse era meu nome antes de ser encantado.

— Encantado? – Daniel perguntou. – O que aconteceu com você?

— Sim! – Seth respondeu com pesar. – Mas essa é uma longa história!

— Pois então, pode nos contar! – Júlio se sentou novamente à beira do trono. – Tempo é o que não nos falta, já que estamos presos aqui! – E sorriu com todos os dentes.

Daniel e Marcelo também se sentaram e Seth, vendo que não teria outra alternativa, preparou-se para começar a contar sua história.

É tudo meu! Preciso de tudo!

S

eth se acomodou, se é que se pode chamar dar uma tremida e jogar uns pedregulhos no chão de acomodar-se, e começou a falar:

— Antes de virar isso que vocês veem aqui, eu era um homem comum, forte e saudável. Há muitos anos, nem sei quantos, pois aqui dentro a gente perde a noção do tempo, cheguei nessa cidade com minha mulher e filhos. Éramos uma família muito pobre e, graças à ajuda de algumas pessoas boas, pudemos nos instalar e viver dignamente. Eu trabalhava muito, mas mesmo assim vivia uma vida de privações. Até que, um dia, minha esposa encontrou, num antigo baú na casa onde vivíamos, uns mapas que indicavam a existência de um tesouro nesta floresta.

Daniel e seus amigos se entreolharam. Seth, não percebendo a troca de olhares, prosseguiu contando sua história.

“Fiquei muito animado com a ideia de me tornar um homem rico. Aquilo tornou-se o motivo de minha existência. Passava dia e noite sonhando como seria minha vida quando tivesse muito dinheiro. Por medo de ser roubado, nunca contei nada a ninguém, a não ser minha esposa, que era uma mulher muito boa e se preocupava comigo. Me tornei um homem ganancioso, que achava que dinheiro era a única forma de felicidade existente no mundo. Negligenciei minha mulher e meus filhos, apenas pensando nas riquezas que encontraria. Fiquei de tal maneira cego diante de tudo isso que não vi que meu grande tesouro era minha vida e minha família.

Depois de decifrar aqueles mapas, saí em busca do meu tão desejado tesouro. Entrei neste bosque decidido a voltar somente com todas as riquezas que julgava ter direito. Andei por dias e dias, perdido no meio da mata. Passava as noites acordado, sonhando

com o que faria com o dinheiro que teria. Sempre deixava bem claro em meus pensamentos que não dividiria nada com ninguém, pois tendo sofrido por toda a minha vida, tinha o direito de desfrutar sozinho de tudo aquilo que encontrasse. Os mapas mostravam que o tesouro estava localizado dentro de uma gruta, mas por mais que eu andasse, não conseguia encontrar.

Num certo dia, ao amanhecer, escutei um ruído engraçado. Era o pássaro Mordip que chamava minha atenção. Comecei a segui-lo, confiante de que me levaria até a fortuna dos meus sonhos. O pássaro me guiou pela mata até entrar nesta caverna. Entrei logo atrás dele e quase não pude conter minha alegria ao ver tudo o que encontrei aqui. Abracei todas as peças de ouro, joguei pérolas para cima e tentei de todas as formas arrancar estas pedras cravejadas nas paredes. Já havia planejado que levaria tudo o que conseguisse e faria um caminho marcando o local exato da caverna para que pudesse voltar e buscar o que havia sobrado até que não houvesse mais nada. Até as portas de ouro eu pretendia levar.

Num determinado momento, ouvi um barulho e me escondi atrás deste trono. Fiquei pensando por um minuto e logo cheguei à conclusão que só poderiam ser ladrões à procura do meu tesouro. Peguei uma pesada peça de ouro e fiquei à espreita, aguardando o bandido. Assim que ele entrasse teria uma surpresa! Ninguém levaria o que eu havia levado tanto tempo para conseguir! Como já disse, a ganância havia me deixado louco, seria capaz de qualquer coisa por todo esse ouro, até perder a minha vida. Para meu espanto, entrou na caverna uma pequena criatura, com pouco mais de um metro de altura. Um ser estranho, como um duende. Usava um manto azul com pedras vermelhas, suas mãos e pés eram grandes e os dedos, compridos. As orelhas pareciam as de um gato e os olhos eram enormes e muito expressivos. O pequeno ser aproximou-se de mim.

— O que faz aqui? – ele perguntou com voz calma.

Estava tão impressionado que não tive nenhuma reação de ataque.

— Vim buscar meu tesouro. Quem é você? – eu balbuciei.

— Meu nome é Komus. – ele disse. – Este é o seu tesouro? – Ele permanecia calmo.

— Sim! – respondi, plenamente convencido de que tudo aqui era realmente meu.

— Pois então, veio buscar seu tesouro! – ele continuou. – E pretende levar tudo o que aqui se encontra?

— Sim! – respondi rapidamente. – Pois é tudo meu e preciso de tudo, não posso dividi-lo com você. É melhor ir embora enquanto ainda estou calmo, e não tente pegar sequer uma única pedrinha, que não perdoarei!

O pequeno homem, ao me ouvir, dirigiu-se a esse trono e sentou-se.

— Pois bem, se é tudo seu, que leve! – ele disse. – Deixe apenas este trono para que eu tenha onde me sentar.

— De maneira nenhuma! – esbravejei. – Saia logo daí! Este trono me pertence, não admito que se sente no **meu** trono!

Aproximei-me rapidamente e, sem nenhuma dificuldade, arranquei-o de onde estava, jogando-o bruscamente para o lado, e sentei-me em seu lugar. O homenzinho ficou ali, no chão, me olhando. Por alguns minutos, parecia estar pensando no que fazer. Logo em seguida levantou-se e pronunciou algumas palavras estranhas, fazendo alguns gestos com as mãos. Percebi que era algum tipo de magia, que ele lançaria algum feitiço sobre mim. Quis fugir, mas quando tentei me mover, notei que estava paralisado. O homenzinho havia me transformado nesta pedra que vocês estão vendo.

Supliquei que ele desfizesse o feitiço, disse que seria capaz até de dividir minha fortuna com ele, mas nada adiantou.

— Você é a criatura mais gananciosa e mesquinha que já conheci e por esse motivo ficará aqui, encantado, juntamente com seu tão valoroso tesouro. – Komus me disse. – Não estou fazendo nada de mal, apenas realizando seu desejo. Ama tanto toda esta riqueza que agora poderá ficar com ela para sempre. Viverá aqui sozinho, pois como não quis dividir sua riqueza com ninguém, também não encontrará ninguém para dividir sua aflição. A única maneira que terá de comunicar-se com o mundo, será através deste

pássaro que o trouxe aqui. Verá através de seus olhos e ouvirá através de seus ouvidos. Terá o dom da fala e terá o dom de fazer desaparecer aquilo que julgar perigoso.

— Por favor, senhor! Por favor, Komus! – supliquei, desesperado. – Não me deixe aqui desta maneira, estou arrependido, dê-me ao menos uma chance!

Komus não estava convencido de que meu arrependimento era verdadeiro, mas tinha um bom coração.

— Existe uma única maneira de tirá-lo deste encantamento, mas para isso necessitará da ajuda de outras pessoas – ele falou. – Se souber respeitar e dar valor ao que realmente importa, sua salvação será concedida. Será necessário que encontre o amuleto de Aloni, que está em algum lugar atrás de uma daquelas portas. Quando conseguir encontrá-lo, terá sua forma humana de volta.

Instantes depois o pequeno homem desapareceu numa nuvem de fumaça.

Fiquei desolado com o que havia acontecido. Como poderia encontrar o tal amuleto se não podia nem sequer me mexer?

Muito tempo se passou, já havia até me conformado com meu grande infortúnio, quando vi, pelos olhos do pássaro Mordip, que alguém havia entrado no bosque. Pedi ao pássaro que guiasse a pessoa até aqui. Era Althea, minha esposa, que vinha a minha procura. Ela estava ali, na minha frente, porém sem saber o que se passava. Encantou-se diante de tanto ouro e pedras preciosas. Nunca havia visto nada assim. Deslumbrada, ela abaixou-se para pegar algumas pedras.

— Não faça isso! – gritei.

Assustada, ela deixou que as pedras caíssem.

— O que é isso? O que está acontecendo? – ela disse assustada, olhando para os lados.

— Sou eu, minha querida, Seth! – eu falei. – Fui transformado nessa pedra. Por favor, me ajude!

Althea, ainda assustada, aproximou-se lentamente.

— Meu querido! Como isso foi acontecer? – ela disse, me reconhecendo de alguma forma.

— Foi um ser do mal que me encantou! – menti. – Você pode me ajudar! Você pode me tirar daqui! É preciso que encontre o amuleto de Aloni. Ele está escondido atrás de uma daquelas portas no outro salão.

— O que há atrás destas portas? – perguntou minha esposa, confusa, olhando em direção à outra sala.

— Eu não sei! – respondi. – Você precisa me ajudar, precisa encontrar o amuleto e me tirar daqui!

Devo confessar que em nenhum momento me preocupei com sua segurança. Apesar do que havia acontecido comigo, não me preocupei para onde aquelas portas pudessem levá-la, eu só pensava em sair daqui!

Mas minha esposa era uma mulher amável, de bom coração e muito corajosa.

— Não se preocupe, meu querido, eu o ajudarei! – ela disse sem hesitar. – Vou encontrar esse amuleto e vamos sair juntos daqui!

Sem saber se me abraçava ou como se despedir, Althea afastou-se em direção ao outro salão. O pássaro Mordip acompanhou-a para que eu pudesse ver o que acontecia. Seguiu até uma das portas e parou, olhando-a longamente. Reuniu toda a coragem que possuía, pois não sabia o que encontraria do outro lado, e abriu-a. Uma densa fumaça saiu lá de dentro e Althea deu os primeiros passos em direção à escuridão. Após alguns instantes ela desapareceu lá dentro e a porta fechou-se abruptamente. Desesperei-me ao ver aquilo, mas não era capaz de fazer nada.

Esperei em vão, dias e dias, mas ela nunca mais retornou.

Continuei aqui vendo e ouvindo o mundo, ou pelo menos parte dele, através dos olhos e ouvidos do pássaro Mordip. Algumas pessoas entraram no bosque depois disso. Muitas vezes fiz com que desaparecessem sem que nem chegassem aqui, pois tinha medo que levassem meu tesouro. Algumas vezes me arrependi, mas já era tarde, não havia mais volta. ”

Seth terminou sua narrativa com um suspiro e o olhar distante.

Depois de alguns minutos de silêncio, Daniel contou a Seth que uma senhora chamada Aída, que morava na cidade, havia lhes contado uma história semelhante. Seth achou engraçado, mas não comentou nada com os garotos, pois Aída era o nome de sua filha.

Temos uma chance!

D

aniel, Marcelo e Júlio se afastaram, indo sentar no outro salão. O pequeno Mordip deitou-se ao lado do trono.

Marcelo estava mergulhado em seus pensamentos, brincando com seu relógio, quando notou que ele marcava três horas e cinco minutos.

— Que estranho! Acho que este relógio está maluco! – Ele franziu os olhos. – Eu tenho quase certeza que a última vez que olhei estava marcando três horas em ponto e agora está marcando três e cinco, mas continua parado...

— Provavelmente naquele susto você viu errado! – Júlio sugeriu.

— É, deve ser... – Marcelo chacoalhou o relógio, ainda não completamente convencido.

— O que vocês acharam do que Seth nos contou? – perguntou Daniel, jogando pequenas moedas de ouro dentro de um vaso.

— Nossa! Se a gente contar isso, ninguém vai acreditar! – Júlio respondeu. – Mas acho que deve ser verdade, pelo menos bate com o que a D. Aída tinha contado pra gente.

— É, pagou um preço alto pela ganância... – cochichou Marcelo, olhando em direção ao trono.

— Pois é, mas não tenho certeza se ele já entendeu o “espírito da coisa”. Com essa história de fazer as pessoas sumirem achando que vão levar o tesouro dele... – Júlio sussurrou, com medo que Seth pudesse ouvir.

— Pelo menos dessa vez ele está agindo diferente – disse Marcelo. – Ele não se preocupou que a gente fosse levar nada.

— E como nós vamos fazer pra sair dessa enrascada agora? – Júlio perguntou. – A gente nunca deveria ter entrado nesse lugar!

Instintivamente, Júlio e Marcelo olharam para Daniel.

— O que foi? – Daniel levantou as mãos quando percebeu o olhar dos amigos. – Por que estão olhando pra mim? Vocês queriam vir aqui tanto quanto eu! – Uma gota de suor escorreu pela sua testa e ele se levantou. – Acho que a gente pode continuar procurando a saída pela mata, tem que estar em algum canto!

— Daniel, Seth é a nossa única chance de sair daqui. Só ele e o Mordip conhecem o caminho de volta! – Júlio explicou. – Esse não é um lugar comum, a saída não está em “algum canto”.

Daniel se calou e voltou a se sentar no chão.

— Mas pro Seth não tem vantagem nenhuma em ajudar a gente! – Marcelo se deitou e encostou a cabeça na parede. – De toda forma, ele continua preso aqui. Se a gente fica aqui, pelo menos ele tem com quem falar quando estiver com vontade e se a gente encher muito o saco de pedra dele, ele some com a gente como fez com tantos outros. Em resumo: estamos perdidos!

— E o Mordip nunca vai nos ajudar sem que ele permita... – completou Júlio.

— Temos uma chance! – Daniel falou.

— Qual? – perguntou Júlio.

— Se a gente achasse esse tal amuleto de Aloni e ajudasse ele a sair daqui? Assim, automaticamente, sairíamos também! – Daniel falou, observando seus amigos para medir sua reação.

— Ah, Daniel, de novo com suas ideias! – disse Júlio. – Nós já estamos encrencados o suficiente como está!

— Além do mais, como vamos fazer isso? – perguntou Marcelo. – Nós não sabemos onde esse amuleto está, a esposa do Seth foi atrás dele e não voltou mais!

— Pois é, só que ela foi sozinha, nós somos três – Daniel se animou com a ideia. – Temos mais chance de encontrar do que ela. Acho que é mesmo a única forma que a gente tem de voltar pra casa, pois como vocês mesmos disseram, Seth não está muito disposto a nos mostrar o caminho de volta, ele não quer mais ficar

sozinho aqui. Se a gente conseguir o amuleto, podemos todos ir embora.

Ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Por que a gente tem sempre que dar ouvido a essas suas ideias? – Júlio perguntou, já percebendo que estavam prestes a fazer mais uma loucura.

— Porque agora não temos outra saída! – respondeu Daniel. – Você pode escolher: a gente acha o tal amuleto e vai embora, ou fica aqui o resto da vida! Você mesmo disse: esse não é um lugar normal, não vamos achar a saída sozinhos.

Júlio assentiu com a cabeça.

— Então? – Daniel perguntou – Topam?

Marcelo olhou para Júlio e depois para Daniel.

— Tá legal, mas essa vai ser a última vez que a gente se mete nesse tipo de encrenca! – ele disse.

— Claro! – Daniel sorriu.

— Vamos aproveitar então pra descansar! – Júlio sugeriu, deitando-se. – Precisamos estar bem-dispostos, pois não sabemos o que vem por aí. Daqui pra frente, agimos como se faz em tempo de guerra: dormimos sempre que der e comemos sempre que aparecer comida.

— Eu achava que esse sempre tinha sido o nosso lema! – Marcelo falou, se acomodando melhor.

Acabaram pegando no sono e mais tarde, quando acordaram, foram à sala do trono falar com Seth, decididos a fazer o que pudessem para sair dali.

Júlio aproximou-se de Seth.

— Seth! Acorda! – ele chamou baixinho. – Precisamos falar algo importante com você!

Nada. Seth nem se mexeu.

— Seth! Acorda! – Júlio tentou mais alto.

Nada. Júlio chamou ainda mais algumas vezes, e nada.

— Acorda, D. Pedra! – ele gritou, perdendo a paciência.

Dessa vez funcionou. Seth acordou, furioso.

— D. Pedra é a senhora sua mãe, menino mal-educado! – ele bradou. – Já estou ficando cansado dessa brincadeira, acho que

está na hora de vocês sumirem!

— Calma, Seth! – Daniel interveio antes que fosse tarde demais. – A gente estava tentando te acordar porque queremos te ajudar a encontrar o amuleto de Aloni!

Seth, que continuava esbravejando, ao ouvir a palavra amuleto, ficou em silêncio.

— Do que estão falando? – ele perguntou, cauteloso e desconfiado.

— Estamos dispostos a entrar por uma dessas portas, achar o amuleto e trazê-lo de volta pra você, assim você fica livre desse encanto e podemos todos sair daqui. – Daniel respondeu.

Seth pensou um pouco. Aqueles meninos eram um pouco menores do que seu filho quando havia deixado sua família.

— Vocês sabem que pode ser muito perigoso. – Ele olhou para os três. – Althea entrou por uma daquelas portas e nunca mais voltou.

— Nós sabemos disso e não temos medo – Marcelo respondeu. – Além do mais, é nossa única chance de sair daqui.

— Então – Júlio se juntou a Marcelo –, você topa?

Daniel se juntou aos dois enquanto esperavam a resposta. Seth olhava os três com preocupação. Sabia que aquilo era pedir demais, que não tinha o direito de colocar uma responsabilidade tão grande nos ombros daqueles meninos, mas só de pensar em se livrar daquela maldição, não podia resistir. Pensou ainda mais alguns minutos e convenceu-se de que não era realmente um perigo tão grande.

— Está bem, eu concordo! – ele respondeu. – Tragam-me o amuleto e vamos sair todos daqui!

— Ótimo! – exclamou Daniel. – Não temos tempo a perder. Quanto antes acharmos esse amuleto, melhor!

— Seth, você tem alguma ideia atrás de qual daquelas portas ele pode estar? – perguntou Júlio.

— Infelizmente, não! – respondeu Seth. – Sei que Althea entrou na terceira porta contando da esquerda, a partir da entrada.

— Como ela nunca voltou – disse Júlio – provavelmente não encontrou nada ainda.

— Então vamos escolher outra porta, assim temos mais chances! – sugeriu Daniel.

— Até logo, Seth! – Marcelo acenou e faz sinal para ser seguido. – Vamos lá, galera, temos uma missão pela frente!

— Adeus e boa sorte! Espero vê-los em breve! – Seth respondeu, seu olhar cheio de preocupação.

Assim que saíram, Seth começou a se arrepender de ter concordado com aquilo. Não era certo, ele sabia que podia ser muito perigoso. Quis gritar para que eles esperassem, para que não fossem, mas alguma coisa o impediu, não conseguiu encontrar a voz nem a coragem.

Na outra sala havia quatro portas e eles sabiam apenas que não deveriam entrar na terceira, contando a partir do lado esquerdo da passagem de entrada, mas daí a escolher a certa, seria muito difícil.

— E aí? – perguntou Daniel – Qual delas?

— Boa pergunta! – respondeu Marcelo. – Vamos escolher qualquer uma!

Embora fossem todas do mesmo tamanho e feitas de ouro, as portas não eram iguais. Cada uma delas tinha pedras diferentes, formando desenhos diferentes.

Daniel olhou longamente para todas elas. Não conseguia decifrar o que queriam dizer. Notou que em todas as portas havia alguma coisa predominante no centro. Em uma havia um pedaço de espelho ornado com diamantes, numa outra, o desenho de uma espada entalhada no ouro. Na porta em que Althea havia entrado havia uma figura de uma espécie de um medalhão, com um pingente azul no centro. Talvez por isso Althea a tivesse escolhido, aquele medalhão poderia ser o amuleto. Na porta bem à sua frente havia um grande rubi cravejado bem ao centro. Daniel resolveu confiar em sua intuição.

— Vamos entrar nessa daqui! – Ele apontou para o rubi. – Talvez essa pedra grande represente o amuleto.

Marcelo se aproximou tocando a maçaneta, que era uma esmeralda imensa. Girou a pedra até que se ouviu um pequeno estalo e a porta se soltou. Uma nuvem de fumaça saiu lá de dentro.

Marcelo, receoso, parou por um instante. Não conseguia enxergar o que havia lá dentro.

— Vá em frente! — Daniel o encorajou.

Marcelo abriu completamente a porta e eles entraram devagar. Não enxergavam nada, apenas aquela névoa que os rodeava. Permaneciam juntos, quando, subitamente, a porta se fechou e algo os levantou. Era como se estivessem no meio de um tornado. Seus corpos foram lançados para todos os lados, parecia que estavam voando. Tudo girava e uma luz brilhava ao redor. A luz ficava cada vez mais forte e eles giravam cada vez mais rápido, até que os três perderam os sentidos.

Nós realmente precisamos do amuleto...

A

cordaram lentamente. A fumaça, ainda no ar, se dissipou aos poucos. Daniel olhou para os lados e viu que estavam no chão, em terra firme. Marcelo estava recobrando os sentidos, logo ali bem perto, e Júlio já se levantava, um pouco mais à frente.

— O que aconteceu com a gente? – Júlio arrumou os óculos no lugar.

— Acho que saímos da floresta – respondeu Daniel, olhando para os lados.

Viram que estavam numa planície no alto de uma colina. Aglomerados de pedras descansavam sobre a relva alta e verde. Logo atrás de onde estavam, havia uma pedra grande com uma fenda. O sol brilhava intensamente e as nuvens, brancas e espessas, passavam rápidas no céu. Lá de cima viram, um pouco ao longe, num pequeno vale ao leste de onde estavam, uma vila com casas simples de pedra e um castelo no centro. A vila era cercada por um muro muito alto, rodeado por hera. Para o lado oeste, mais ao longe, no alto da maior montanha, havia um enorme castelo cinzento. Ao redor dele não havia nenhum tipo de vegetação viva, apenas árvores secas e pedras. O sol parecia não atingir aquela montanha. Aos fundos do castelo, um penhasco que dava para o mar. Como que nascendo no horizonte, havia um rio que cortava a paisagem bem no meio do caminho entre a pequena cidade e a montanha onde estava o castelo. Quando chegava bem perto da colina onde estavam, o rio fazia uma grande curva para o oeste e se dirigia, contornando ao longe a montanha, diretamente para o mar. À medida que ia chegando mais perto da beira do rio, a

vegetação ia se fechando, formando uma floresta, como uma barreira natural separando a cidade daquele castelo estranho.

— Onde será que nós estamos? – Júlio perguntou, ainda meio atordoado.

— Não sei, mas vamos saber em breve! – Daniel apontou para a vila. – Vamos pra lá!

— Bom, é melhor do que irmos pra lá! – Marcelo resmungou, apontando para o castelo cinzento.

Começaram a descer a caminho da vila. A vegetação ia ficando mais fechada à medida que desciam. Mais árvores e mais plantas rasteiras fechavam parcialmente a passagem. Quando já estavam na base da colina, encontraram um homem magro e com roupas surradas, carregando um saco nas costas.

— Senhor! Sabe nos dizer onde estamos? – Júlio gritou ao vê-lo.

O homem olhou espantado para eles, como se não esperasse encontrar ninguém naquele lugar.

— Ora! Como não sabem onde estão? – ele respondeu sem se aproximar. – No Reino de Anzus, como não poderia deixar de ser!

— Não somos daqui, viemos de um lugar distante e não conhecemos nada por essa região – Júlio disse, enquanto os três se aproximavam do homem. – Será que o senhor poderia nos ajudar? Viajamos muito tempo e estamos com fome e sede.

O homem colocou seu fardo no chão e olhou um por um de cima a baixo.

— Claro! – ele finalmente respondeu. – Serão muito bem-vindos em minha casa, desde que não venham em nome de Colimo.

— Em nome de quê? – Júlio olhou confuso para o homem.

— Em nome de quem, não de quê! – corrigiu o homem. – Em nome de Colimo.

— Quem é esse Colimo? – Marcelo perguntou.

O homem não respondeu, apenas virou-se e apontou na direção do castelo cinzento no alto da colina. Nesse mesmo instante, embora não estivesse chovendo e o céu estivesse totalmente aberto, um raio caiu no topo do castelo. Os três gelaram e entreolharam-se, assustados.

— Posso garantir que não temos nada a ver com esse tal de Colimo! – Júlio disse rapidamente. – Nem conhecemos ele!

— E pelo jeito, nem queremos conhecer... – sussurrou Marcelo baixinho, só para Daniel ouvir.

— Não me preocupo se o que dizem é verdade ou não – o homem levantou novamente o fardo de madeira –, pois a entrada da cidade dirá.

Em seguida o homem começou a andar, fazendo sinal para que o seguissem.

Andaram até a cidade. Durante toda a longa caminhada, permaneceram em silêncio. O homem andava pelo meio das árvores com destreza, sabendo exatamente que direção tomar. Em momento nenhum olhou para trás, nem mesmo para checar se os meninos ainda o seguiam.

O muro que cercava a vila era cortado por um imenso portão de ferro, guardado por duas sentinelas de pedra com o dobro da altura de uma pessoa. Estavam posicionadas uma de cada lado do portão, segurando uma espada, cravada no chão, e um escudo apontado para cima, como se estivessem defendendo a cidade de algo vindo do céu.

— Nossa cidade é cercada por este muro encantado que não permite que nada que venha de Colimo entre – o homem disse quando eles se aproximaram. – Portanto, ao passarem pelos portões saberei se o que dizem é ou não verdade. Sigam em frente.

— Que tipo de teste será esse? – perguntou Júlio. – Vai que uma dessas estátuas resolve sair correndo atrás da gente!

— A essa altura, já não duvido de nada! – Marcelo resmungou.

Aproximaram-se do portão com um pouco de medo. Daniel notou o homem repousar levemente a mão sobre a faca que levava à cintura, como se estivesse se preparando caso algo não desse certo.

Sem que fizessem nada o portão se abriu lentamente. Os três ficaram ali, parados no meio do caminho, sem saber o que fazer. Não sabiam se era só aquilo, se já havia terminado o “exame” do muro ou se ainda havia mais alguma coisa. O homem,

que vinha logo atrás, ficou feliz ao ver que eles não eram enviados de Colimo.

— Vamos, entrem! – o homem disse, claramente aliviado. – O que estão esperando?

Os três caminharam devagar, olhando o interior da cidade.

— Sigam-me, por favor! – tornou a falar o homem, passando à frente. – Meu nome é Demóstenes e vou levá-los à presença do nosso rei, Anzus, mas antes vamos até a minha casa para que possam comer alguma coisa, estão com cara de que não comem há um bom tempo!

— Ah! Isso seria ótimo! – disse Marcelo, que estava faminto e levando muito a sério o conselho de Júlio de comer sempre que houvesse comida!

Seguiram até a casa de Demóstenes. Durante o caminho, observaram a vila e os moradores. Todas as casas eram pequenas e feitas de pedra. Não havia carros, apenas cavalos atrelados às carroças. Viram porcos e galinhas andando soltos, enquanto um menino gritava atrás deles. As ruas eram estreitas e algumas pessoas vendiam frutas e legumes em grandes cestos de palha.

Ao passarem pelas ruas, as pessoas paravam o que estavam fazendo para olhá-los. Certamente estavam tão curiosos a seu respeito quanto eles estavam a respeito delas.

Não demoraram muito para chegar. A casa de Demóstenes também era de pedras, como todas as outras. Entraram em silêncio, enquanto Demóstenes chamava sua esposa.

— Esta é Dalina, minha esposa! – ele disse ao ver a mulher entrando na sala.

Era uma moça jovem e muito bonita. Sorriu e cumprimentou-os timidamente, secando as mãos no avental que levava preso à cintura.

— Estes jovens vêm de muito longe e precisam de algo para comer! – disse Demóstenes à esposa. – Faça o favor de prepará-lhes alguma coisa.

Dalina concordou com a cabeça e saiu em direção à cozinha, que ficava nos fundos da casa.

— Muito bem! – exclamou Demóstenes, apontando para algumas cadeiras de madeira. – Sentem-se que logo a comida chega. Espero que seja tudo do seu agrado.

— Muito obrigado, Demóstenes! – Daniel respondeu. – Agradecemos muito sua ajuda! Estamos mesmo há um bom tempo sem comer, tenho certeza que tudo vai estar uma delícia!

Não sabiam há quanto tempo haviam comido, mas pelo ronco na barriga de Marcelo, certamente parecia bastante. Estavam felizes de poderem aproveitar aquela oportunidade.

Sentaram-se à mesa e aguardaram em silêncio. Júlio limpava os óculos na manga da camisa, Marcelo limpava as unhas com os dentes e Daniel tentava disfarçar o nervosismo, olhando casualmente para os lados. Demóstenes observava os três com curiosidade.

— Se me desculpam a intromissão – ele falou –, posso perguntar de que reino vocês vêm? Suas roupas são muito diferentes!

Os três entreolharam-se sem saber o que responder. O que iam dizer? Que tinham vindo de uma porta dentro de uma caverna? Júlio limpou a garganta, olhou ao redor.

— Viemos do reino de Seth – ele disse. – Muito distante, o senhor provavelmente nunca deve ter ouvido falar. Rei muito poderoso, governa suas terras com mãos de pedra!

Daniel abaixou a cabeça tentando segurar o riso.

— Ah, sim! – Demóstenes respondeu, sem saber do que se tratava. – Acho que já ouvi falar. Sim, acho que já ouvi falar...

Nesse momento, Dalina entrou trazendo a comida. Uma sopa, alguns pedaços de frango, pão. Colocou tudo sobre a mesa e se retirou. Comeram como há muito não faziam. Não sobrou nada nos pratos. Demóstenes assistia maravilhado enquanto eles comiam.

— Se não estiverem muito cansados, gostaria de levá-los à presença do Rei Anzus agora – ele falou ao ver que tinham terminado.

Concordaram imediatamente e seguiram Demóstenes até o castelo do rei. Lá chegando, foram conduzidos a uma sala onde

deveriam aguardar serem chamados. Demóstenes seguiu com os guardas enquanto eles esperavam.

O castelo era grande, feito de uma pedra muito clara, quase branca, diferente das usadas na construção das casas da vila. Parecia que pequenos pedaços de vidro haviam sido encravados nas pedras, fazendo-as reluzir levemente à luz do sol. Embora muito grande, havia poucos móveis e objetos. As cortinas eram leves e transparentes e não bloqueavam a luz, que entrava pelas grandes janelas que iam do teto até quase o chão. O brasão da família real estava esculpido em todas as paredes. Havia entalhes recobertos de ouro acima de todas as portas e janelas, um trabalho tão delicado que parecia ter sido feito por mãos de fadas.

— O que vamos falar com o tal rei? – perguntou Marcelo, olhando com curiosidade uma armadura de metal ao lado da porta.

— Não sei! – respondeu Daniel. – Vamos tentar não falar muito, assim evita da gente falar alguma besteira.

— Temos que perguntar sobre o amuleto! – lembrou Júlio.

Antes que pudessem terminar a conversa, foram chamados por uma das sentinelas e conduzidos à presença do rei.

Entraram num salão oval, onde vários cavaleiros faziam a guarda ao redor. Algumas pessoas estavam em pé ao lado do trono, que ficava num patamar mais alto no fundo da sala. Lá, sentado, estava o rei Anzus. Um homem baixo e gordo com cara de bons amigos. A coroa em sua cabeça era fina, feita de ouro cravejado com pequenas pedras vermelhas. Parecia mais interessado no cesto de frutas à sua frente do que em falar com os visitantes. Vestia uma túnica branca que ia até o pé e por cima usava um cinto dourado que se cruzava na frente do peito. Ao perceber que todos aguardavam seu pronunciamento, disse, distraidamente, enquanto despachava com a mão o criado que segurava o cesto de frutas:

— Ah, sim! Então vocês são os visitantes! Sejam bem-vindos! A que devemos tamanha honra?

Os meninos se aproximaram do trono e tentaram fazer algum tipo de reverência. Não sabiam exatamente como, e o rei começou a rir.

— Não se preocupem com isso! – ele disse. – Podem ficar à vontade. Digam, o que fazem aqui? Demóstenes me disse que vieram do reino de Seth, mas nunca ouvi falar em tal rei.

— Sim, é um reino muito distante! – respondeu Júlio. – Seth nos enviou porque foi vítima de um encantamento e precisa de um determinado amuleto para poder livrá-lo do feitiço.

— Estamos em busca do amuleto de Aloni! – Interrompeu Daniel. – O senhor já ouviu falar?

Todos se agitaram. Um murmúrio percorreu o salão e as pessoas começaram a falar cada vez mais alto. O rei, olhando rapidamente para Demóstenes, pediu silêncio.

— Sim – ele continuou –, conhecemos este amuleto, mas lamento dizer que, infelizmente, é impossível que consigam levá-lo de volta ao seu rei. Ele pertence a Colimo, o príncipe das trevas e do mal. Nunca conseguirão pegá-lo!

— Mas quem é afinal esse Colimo e por que todo mundo tem tanto medo dele? – perguntou Marcelo.

— Colimo é um bruxo muito poderoso. Nossa vila é protegida contra sua magia, mas apenas aqui dentro dos muros da cidade estamos seguros. Lá fora, é ele quem reina. Não há nada que possamos fazer a respeito.

— Desculpe interromper, rei Anzus – Marcelo tentou ser o mais polido que sabia –, mas nós realmente precisamos do amuleto!

O rei olhou para eles, pensando no que poderia falar para convencê-los de que seria impossível conseguirem o que queriam.

— Sentem-se que vou lhes dizer por que é impossível que vocês consigam pegar o amuleto de Aloni. – Ele apontou para algumas almofadas no chão.

O amuleto que o protege é o que procuram...

“H

há muitos anos, todas essas terras que hoje são conhecidas como o Reino de Anzus, além dos limites dos muros da cidade, eram governadas por um rei que tinha dois filhos. Esses filhos eram muito diferentes um do outro e desde pequenos nunca conseguiram ser amigos. O rei, por ser um homem muito ocupado, confiou a educação de seus filhos a dois tutores, um para cada menino. Estes tutores foram escolhidos por sua grande sabedoria e conhecimento em todos os assuntos. Eram preparados em todas as matérias da vida, inclusive a magia. Porém, o rei havia lhes prevenido que não deveriam passar este tipo de ensinamento para seus filhos.

Os dois príncipes praticamente não se encontravam e a falta de convivência tornou-os ainda mais estranhos um ao outro. Cada um, com seu tutor, foi crescendo e formando seu caráter.

Colimo era o filho mais velho e tinha por seu tutor um homem chamado Lomak, que lhe ensinou tudo que um príncipe deveria saber, mas, contrariando as ordens do rei, ensinou-lhe também todos os segredos da magia. Colimo se interessou rapidamente por aquele assunto e logo começou a pôr seu dom em prática, secretamente.

O filho mais novo do rei, por sua vez, teve como tutor Voline, que também era um poderoso mágico, mas que, seguindo as ordens de seu monarca, ensinou ao seu filho apenas aquilo que o rei julgava ser honroso a um príncipe.

Muitas vezes, Colimo fazia suas mágicas para pregar peças no irmão mais novo, mas com o passar do tempo estas peças foram ficando cada vez mais perigosas e o verdadeiro caráter de Colimo

começou a aflorar. O rei, percebendo que alguma coisa estava errada com seu primogênito, mandou chamar Lomak.

— O que está acontecendo com Colimo? – o rei perguntou, preocupado com a honra de seu filho e o futuro de seu reino, uma vez que Colimo, sendo o filho mais velho, seria o sucessor da coroa.

— Não há nada com o que se preocupar, majestade! – Lomak respondeu com cinismo. – Ensinei a Colimo tudo o que sei, inclusive aquilo que vossa majestade mais temia.

— Lomak! Como ousa contrariar minhas ordens!

— Colimo é agora um homem muito poderoso, majestade, muito mais poderoso que seu próprio pai! – Lomak riu.

— Não admito a sua insolência, Lomak! – o rei disse, transtornado. – Guardas! Levem-no daqui imediatamente!

— Você acha que esses guardas serão suficientes para se livrar de mim? – bradou Lomak com raiva.

— Guardas! – repetiu o rei. – Levem-no daqui! Você nunca mais porá os pés nesse reino, Lomak, nunca mais!

Os guardas saíram escoltando Lomak, que prometeu se vingar.

Apesar de ter sido expulso, Lomak voltou ao castelo disfarçado e entregou a Colimo um amuleto que o protegeria e manteria seu poder. Lomak o convenceu de que aquele reino pertencia a ele e que já era hora dele tomar sua posição, tirando o poder de seu pai. Colimo, que havia se tornado um homem mal, aceitou a sugestão e resolveu destituir seu pai para assumir o trono e governar o reino da maneira que melhor lhe conviesse.

Voline descobriu que Lomak estava no castelo e o enfrentou, expulsando-o definitivamente das terras do rei com um encantamento.

Colimo usou toda a magia de que tinha conhecimento para tentar tomar o poder de seu pai, porém Voline combateu-o violentamente e os dois duelaram por vários dias. Voline era um mágico muito mais poderoso e experiente que Colimo, mas o amuleto que Lomak havia lhe dado o protegia e impedia que fosse derrotado.

A luta durou muito tempo, até que Voline conseguiu prender Colimo no alto daquela colina onde hoje está seu castelo. Usou um feitiço para imobilizá-lo temporariamente.

— Não conseguirei detê-lo por muito tempo, majestade! – disse Voline. – Mas vou proteger a vila de seu poder.

Um enorme muro, todo envolto em hera e com um portão encantado, cresceu do chão ao redor de toda a vila. Em frente ao portão, Voline colocou duas sentinelas de pedra que guardariam sua entrada. Disse ao rei que a muralha e o portão iriam proteger seu reino e que nada que viesse de Colimo conseguiria transpor aquela barreira. Ali dentro todos estariam protegidos, mas do lado de fora Colimo teria todo poder e força para derrotá-los.

Depois de proteger a vila, Voline voltou a enfrentar Colimo do lado de fora da muralha. Ele estava muito fraco, pois o feitiço que havia usado para proteger a vila havia consumido quase todas as suas energias e não conseguiu resistir por muito tempo. Colimo o derrotou e tentou entrar novamente na cidade, mas foi detido pelo muro, que o teria aniquilado se não fosse o poder do amuleto que carregava com ele.

Impedido de tomar o poder no reino, Colimo construiu seu próprio castelo e passou a viver no alto da colina, de onde controla todo o movimento da cidade.

O pobre rei viveu apenas mais alguns meses. Morreu de desgosto e hoje seu filho mais novo continua seu reinado.”

— Então o senhor é o filho mais novo do rei? – perguntou Daniel, assim que Anzus se calou.

— Sim, sou eu mesmo! – ele respondeu. – Sou irmão de Colimo e o amuleto que o protege é o que procuram. Como podem ver, este amuleto é muito importante para Colimo e por isso está muito bem protegido, o que torna a missão de vocês praticamente impossível.

Os três se entreolharam. Júlio parecia desesperado.

— Parece que esse Colimo é realmente muito poderoso! – ele disse.

— Sim, infelizmente, é verdade – o Rei respondeu com gravidade. – Ele tem uma arma muito mais poderosa do que

qualquer coisa que possamos usar para combatê-lo.

— O que fazemos agora? – perguntou Marcelo.

— Acho que a melhor coisa que vocês têm a fazer é descansar um pouco. Vocês viajaram muito e devem estar cansados. – disse o rei mudando o tom de voz.

Fez um sinal com a mão e pediu para que preparassem um quarto para recebê-los.

— Vocês serão meus hóspedes e enquanto estiverem aqui – disse – serão tratados com todas as honras.

Eu meti a gente nessa encrença...

D

aniel, Marcelo e Júlio foram levados a um quarto com três camas. Em cima de cada uma delas havia uma muda de roupa e botas para que usassem. Tomaram banho dentro de uma tina gigante, que criados enchiam com baldes de água quente. Vestiram as roupas que estavam em cima da cama e depois foram levados a um outro aposento onde havia uma mesa repleta de comida. Sentaram-se para comer rindo uns dos outros naquelas roupas estranhas.

— Você está parecendo um idiota, Júlio! – Marcelo caçoou.

— Ah sim! – respondeu Júlio. – E você tá muito lindo, sua besta!

Júlio jogou um pedaço de comida em Marcelo. Ele, por sua vez, jogou uma uva em Daniel. Já estavam começando uma guerra, quando ouviram um risinho.

Pararam para ver de onde vinha o barulho e notaram uma menina que estava sentada no chão, no canto da sala, observando-os. Vendo que havia sido descoberta, a menina se levantou.

— Vocês parecem porcos comendo! – ela disse com petulância.

— Quem é você? – perguntou Daniel.

— Sou Samara, a filha do rei! – ela respondeu com ar orgulhoso e empinou o nariz. – Quem são vocês?

— Sou Daniel e estes são Marcelo e Júlio – disse, apontando os amigos.

— O que fazem aqui? – A menina os olhou de cima a baixo.

— Somos hóspedes de seu pai. Viemos de muito longe à procura do amuleto de Aloni – respondeu Júlio.

A menina se aproximou e começou a andar ao redor dos três, observando, com ar muito superior. Sentou-se numa das cadeiras e continuou com olhar sério.

— Talvez eu possa ajudá-los. Sei tudo o que acontece nessa cidade, principalmente nesse castelo.

Samara era uma dessas meninas que são maduras demais para sua idade. Vivia metendo o nariz onde não era chamada. Sua mãe havia morrido quando ainda era muito pequena e o Rei, sempre atarefado, não tinha muito tempo para ela, mas sempre satisfazia todas suas vontades. Com isso, ela tinha tudo o que queria e muito tempo livre para se entreter com a vida alheia. Conhecia todos os empregados do palácio, conhecia as pessoas do povoado, toda a cidade e todo o castelo como a palma de sua mão. Geralmente nada acontecia dentro daquelas paredes sem que ela cedo ou tarde soubesse.

— Obrigado! – Daniel disse, sem dar muita importância. – Mas acho muito difícil que você possa nos ajudar...

— É, eu sei que você acha! – Samara se levantou e dirigiu-se à saída. – Mas isso nós ainda vamos ver.

Dizendo isso, saiu, fechando a porta atrás de si.

— Mas que menininha metida a besta! – falou Marcelo.

— Se ela sabe de tudo, por que faz tanta pergunta?! – completou Júlio.

— Ah! Deixa pra lá! – respondeu Daniel. – Vamos nos concentrar no que interessa: a comida!

Marcelo e Júlio se entreolharam.

— Como vamos fazer pra conseguir o amuleto? – Marcelo perguntou sério.

— Não faço a menor ideia! – Daniel enfiou um pedaço de frango na boca. – A gente vai ter que convencer o rei a nos ajudar. Talvez alguém da cidade, sei lá.

— Daniel, sinceramente! – disse Júlio. – Acho que você não está entendendo a gravidade da situação!

— Claro que estou! – respondeu Daniel. – Vocês é que se preocupam demais!

Júlio balançou a cabeça, desistindo de discutir.

Daniel olhou para Marcelo, procurando apoio, mas ele simplesmente abaixou a cabeça e continuou comendo.

Depois de jantarem, foram direto para o quarto, pois estavam cansados. Deitaram-se e Marcelo dormiu quase que imediatamente. Já era bem tarde quando Júlio reparou que Daniel ainda estava sentado em sua cama, pensativo.

— Tudo bem, Daniel? – ele perguntou baixinho para não acordar Marcelo.

Daniel, que estava pensando na conversa que tinham tido durante o jantar, se assustou, pois achava que os dois estavam dormindo.

— Tudo bem! – mentiu. – Não estou conseguindo dormir.

— É, eu também. Essas camas são muito moles! Mas fazer o quê, não é? Acho que vamos ter que começar a nos acostumar com isso... – Júlio disse, revirando-se na cama.

Daniel parou por um segundo para pensar no que Júlio havia falado. Virou-se para Júlio para dizer que eles iam sair dali, mas Júlio já estava de costas para ele, dormindo.

Daniel foi até a janela e olhou para fora. A lua brilhava no céu estrelado. Lá fora não havia nenhum movimento, todos estavam dormindo.

“Eles têm razão!” – ele pensou. – “Acho que não estou mesmo levando tudo isso muito a sério. Além do mais, é minha culpa estarmos presos nesse mundo maluco e metidos nessa roubada.”

Virou-se para dentro do quarto e olhou novamente Júlio e Marcelo dormindo.

“Se não fosse eu ter insistido tanto com aquela história da Mata...” – ele continuou pensando – “ainda estaríamos em casa assistindo filmes, sãos e salvos.”

Aproximou-se da cama de Júlio e disse baixinho:

— Eu meti a gente nessa encrenca e vou tirar a gente daqui. Prometo.

Entramos nessa juntos e vamos sair juntos...

N

o dia seguinte, logo cedo, Daniel procurou o Rei Anzus e lhe disse que estava disposto a sair da cidade e ir em busca do amuleto de Aloni, mesmo que para isso tivesse que enfrentar Colimo.

— Vocês não vão conseguir derrotá-lo, Daniel! – o rei Anzus disse.

— Vocês, não! – Daniel corrigiu. – Eu vou sozinho.

— Sozinho! – exclamou o rei. – Você só pode estar louco! Colimo é muito poderoso, Daniel.

— Eu sei, mas tenho que conseguir esse amuleto, nem que seja a última coisa que eu faça!

O rei ficou em silêncio. Seus olhos fitavam Daniel, que se sentia incomodado.

— Eu gostaria de saber – Daniel disse por fim – se o senhor poderia me ajudar de alguma forma.

— Infelizmente não posso mandar nenhum de meus homens para acompanhá-lo. Veja bem – ele continuou –, é um risco muito grande.

Daniel abaixou a cabeça.

— Eu entendo – ele disse.

— O que posso fazer é ajudá-lo a se preparar: posso lhe fornecer armas, vestimentas, tudo o que precisar, mas no momento em que você cruzar as muralhas da cidade, vai estar por sua própria conta. E saiba que Colimo não é o único perigo dessa floresta.

— Pois então que seja assim! – Daniel respondeu. – Aceito a ajuda que puder me dar e assim que estiver tudo pronto vou partir em busca desse amuleto.

Nesse momento, Júlio e Marcelo entravam na sala do trono e ouviram as últimas palavras de Daniel.

— O que você está falando? – perguntou Júlio.

Daniel olhou para Anzus e abaixou a cabeça.

— Estou falando que meti a gente nessa encrenca e agora vou tirar a gente daqui – ele falou. – Vou enfrentar esse Colimo e vou conseguir pegar o amuleto de Aloni.

— Daniel! – Júlio se aproximou. – Você não pode fazer isso! Esse Colimo é muito perigoso, você não vai chegar nem na porta do castelo dele!

— Bom – respondeu Daniel –, que seja. De toda forma, estou indo.

— O senhor não pode permitir isso! – Júlio se dirigiu ao rei.

— Desculpe, Júlio – respondeu Anzus –, mas não posso impedi-lo, se é isso que ele quer fazer.

— Pois está decidido, vou partir assim que tudo estiver arrumado! – Daniel disse, virando-se para sair.

— Espera aí! – Marcelo o segurou pelo ombro. – Você não vai a lugar nenhum...

Daniel se virou, pronto para protestar e afirmar que iria sim.

— Sozinho! – Marcelo completou e puxou Júlio para perto pela manga da camisa. – Nós vamos com você.

— Ah não! Vai começar tudo de novo! – Júlio revirou os olhos.

— Vocês não têm que vir comigo, é minha encrenca e dessa vez eu vou arrumar tudo. – Daniel tentou argumentar.

— Nós entramos nessa juntos e vamos sair dela juntos! – Marcelo disse sério. – Está decidido.

— Se é essa a decisão de vocês, se realmente têm a intenção de ir buscar o amuleto de Aloni e tirá-lo do poder de Colimo, é melhor que estejam muito bem preparados, pois não será uma tarefa fácil. Não posso mandar meus homens com vocês, mas posso treiná-los como se fossem um dos membros do meu exército. Vocês também receberão lições do boticário real, que podem ser úteis durante o seu trajeto – disse o rei Anzus. – Preparem-se, pois

começaremos ainda hoje com o boticário e amanhã bem cedo vocês começam o treinamento com os guardas.

A notícia de que iriam enfrentar Colimo e resgatar o amuleto de Aloni logo correu a cidade, levantando a curiosidade da população.

Mais tarde, naquele mesmo dia, durante um passeio pelo mercado, encontraram Demóstenes, que se aproximou de braços abertos.

— Meus amigos! – Ele os abraçou. – Como estão? Que prazer em revê-los!

As pessoas que passavam olhavam curiosas e Demóstenes parecia orgulhoso de estar ao lado deles.

— Por que as pessoas estão todas olhando com essa cara esquisita pra gente? – Daniel perguntou.

— Meus queridos! – Demóstenes respondeu entusiasmado, abraçando novamente os três. – Vocês são heróis aqui no povoado! Todos sabem que vocês pretendem ir buscar o amuleto de Aloni e tirá-lo de Colimo. Isso vai libertar o nosso povo, que vive preso dentro desses muros!

— Heróis! – Júlio encheu o peito. – Nada mal!

— Júlio, não viaja! – Marcelo deu um croque na cabeça de Júlio. – Nós ainda nem sabemos o que vamos fazer!

— Demóstenes! – interrompeu Daniel. – Ontem o rei Anzus comentou alguma coisa sobre os perigos da floresta, o que ele quis dizer com isso?

— Bom – Demóstenes suspirou, aproximando-se um pouco mais –, nessa região existem muitas criaturas diferentes. Algumas boas, outras más. O problema é que não é fácil saber quem é quem. Nem tudo é o que parece.

Daniel se calou, pensando a respeito da resposta que Demóstenes havia lhe dado. Notou que as pessoas continuavam a olhar e a fazer comentários. Percebeu, então, que o que teriam que enfrentar para poder voltar para casa seria muito mais complicado do que havia imaginado.

— Melhor voltarmos ao palácio! – Júlio puxou-o pelo braço. – O boticário do rei já deve estar esperando a gente.

Chegando no palácio, um guarda indicou onde deveriam ir para sua aula. Ao entrarem na sala se depararam com um senhor alto e magro, com olhos esbugalhados e um nariz fino e comprido. Ao vê-los, o homem fez sinal para que se sentassem. Havia uma mesa alta no meio da sala com vários vasos de plantas em cima, além de pedaços de raízes, folhas e flores. De um lado da mesa haviam três banquetas, onde eles se sentaram. O homem se aproximou e sentou-se num banco do outro lado.

— O rei Anzus falou sobre a jornada que vocês estão prestes a enfrentar e pediu que eu passasse um pouco do meu conhecimento para vocês – ele disse e fez uma pausa, respirando fundo antes de passar a mão pelos cabelos ralos e eriçados em sua cabeça. – Obviamente não será uma tarefa fácil, pois há muito o que ensinar e pouco tempo para aprender, então, faremos o que for possível...

Os três meninos assentiram com a cabeça.

— Vou mostrar para vocês algumas plantas que encontrarão pelo caminho que podem servir de alimento, outras que são venenosas, vamos falar um pouco sobre algumas criaturas conhecidas, enfim, vou tentar passar para vocês o máximo de informação possível dentro do limite de tempo que temos.

Sem maiores explicações, o boticário puxou um dos vasos que estava em cima da mesa e começou a falar sobre a flor que estava dentro dele. Sem parar um segundo, ele passava de uma planta para outra, de uma raiz para outra. Júlio rapidamente pegou um papel e uma pena que estavam no canto da mesa e tentou fazer anotações. Daniel e Marcelo, atordoados com tanta informação, tentavam, inutilmente, acompanhar o boticário nas suas explicações.

Vamos ficar sem luz já, já!

D

epois de jantar, já estavam em seu quarto deitados, quando Júlio falou:

— Estou sem sono! Vocês estão dormindo?

— Não! – respondeu Daniel se virando na cama.

— Que falta que faz uma televisão numa hora dessas! – disse Marcelo.

Daniel se levantou, pegou a vela na mesa de cabeceira ao lado de sua cama e foi olhar pela janela. Lá fora já estava tudo escuro e todos já haviam se recolhido. A pouca luz que havia vinha dos lampiões pendurados nos postes de madeira.

— Que tal se a gente for dar uma volta pelo castelo agora de noite? – Daniel sugeriu, virando-se para os amigos que ainda estavam deitados.

— Uah Ha Ha! Ótima ideia! – gritou Marcelo. – Vai ser sinistro! Vamos lá! Tô dentro!

— Ah pronto! – Júlio colocou o travesseiro em cima da cabeça em sinal de desespero. – Já estava demorando pra vocês começarem com ideias!

— Ora, Júlio! – falou Daniel enquanto calçava os sapatos. – Nós não estamos conseguindo dormir e quem sabe a gente não acha alguma coisa interessante por aí à noite?

— Lembrem-se que nós temos treinamento amanhã cedo, é melhor a gente dormir! – Júlio tentou argumentar.

— Relaxa, Júlio! É só uma voltinha! – Daniel respondeu.

— Além do mais – Marcelo pegou uma vela e seguiu Daniel em direção à porta –, você não precisa ir se não quiser, pode ficar aqui. – Ele deu uma pausa até abrir a porta e já no corredor completou – Sozinho...

Júlio parou para pensar um pouco e deu um pulo da cama, pegou sua vela e saiu atrás dos dois.

— Espera aí! – ele sussurrou, colocando os óculos. – Eu também vou!

Esgueiraram-se pelo corredor que levava até as escadas que subiam ao andar de cima, onde eram os aposentos de Colimo. Toda a ala superior esquerda do castelo tinha sido usada por ele e atualmente estava vazia. Enquanto andavam, usavam a luz das velas para iluminar os quadros e objetos que encontravam pelo caminho. Viram retratos de reis e rainhas que haviam pertencido a uma época diferente e pinturas do reino antes de existir o muro que cercava a cidade.

Aproximaram-se da escada principal e subiram para o andar de cima, em direção ao lado esquerdo do castelo. Foram andando até chegarem a uma antessala com mais um corredor e mais uma escada, mas essa muito mais estreita. As paredes eram cobertas de quadros com molduras douradas. Nas janelas, cortinas de veludo vermelho tampavam toda a luminosidade que vinha de fora. Os móveis eram pesados e escuros e o chão forrado de tapetes adornados com fios de ouro. Tudo estava coberto com uma grossa camada de poeira, mostrando que aquela ala do castelo não era usada e nem mesmo visitada. Teias de aranha ligavam os cantos das paredes, dando um ar assustador ao ambiente.

— Escuta – disse Júlio –, por que a gente não volta amanhã, durante o dia, junto com o rei Anzus? Tenho certeza que ele não vai se opor.

— Ah, Júlio! – Marcelo reclamou. – Larga mão de ser besta! Qual a graça de fazer isso durante o dia, sem emoção nenhuma?

Seguiram em frente e subiram os degraus estreitos da escada, um atrás do outro. A escada terminava numa porta de madeira escura, com encaixes em ouro maciço, que levava ao quarto de Colimo. Daniel, que ia na frente, tentou abrir a porta.

— Tá trancada! – ele disse.

— Como vamos achar as chaves? – Júlio perguntou.

Antes que tivessem tempo de dizer nem mais uma palavra, ouviram um barulho vindo da base da escada. Alguém estava

lentamente subindo os degraus. Não havia nenhuma luz, a não ser a das velas que eles carregavam e que não iluminavam muito.

Marcelo fez sinal para que todos ficassem quietos. Uma luz fraca subia pela escada, os passos morosos cada vez mais perto, mas não conseguiam ainda ver quem era. Já estavam espremidos contra a porta quando ouviram:

— Acho que seria mais fácil tentar abrir a porta com uma chave ao invés de empurrar até ela ceder...

Era Samara, vestida em uma camisola branca de algodão que ia até os pés. Ela segurava nas mãos uma vela acesa.

— Que susto, Samara! Você quer matar a gente do coração?

— Marcelo soltou o ar que estava preso dentro do seu peito desde que tinham ouvido o primeiro ruído.

— O que vocês estão fazendo aqui? Ninguém vem nessa ala do castelo. Aqui eram os aposentos do meu “tio” Colimo. — Samara torceu o nariz ao dizer o nome do tio.

— A gente só queria ver se achava alguma coisa que pudesse nos ajudar! — Júlio arranhou uma explicação, ainda não cem por cento recobrado do susto.

— Mas, como você percebeu — adicionou Daniel —, a porta está trancada.

— É, eu sei! — Samara sentou-se no chão, brincando com a chama da vela.

— Bom, acho que arrombar a porta está fora de cogitação, né? — Marcelo perguntou com um sorriso no canto dos lábios.

— Marcelo! — Júlio respondeu com um olhar de quem não acredita no que acabou de ouvir. — Dá uma olhada nessa porta! Você acha mesmo que a gente conseguiria arrombar? Além do mais o barulho com certeza atrairia a atenção dos guardas e a gente devia estar na cama.

Os três começaram a falar ao mesmo tempo, discutindo qual seria a melhor estratégia e a melhor decisão a se tomar.

— Eu sei onde está a chave! — Samara interrompeu sem olhar para cima, continuando a brincar com a chama da vela.

Os três pararam de falar e olharam para ela, que continuava fingindo estar distraída. Samara deixou a vela no chão e levantou a

cabeça com os olhos brilhantes de ansiedade.

— O que você está esperando então? — falou Marcelo. — Leva a gente até lá!

Samara pegou a vela do chão, levantou-se e desceu correndo as escadas sem olhar para trás. Inicialmente os meninos ficaram sem ação, mas segundos depois estavam correndo escada abaixo atrás dela. Ela seguia pelos corredores do palácio como se estivesse perdida. Virava aqui e ali, parecia estar correndo no meio de um labirinto.

Finalmente, entraram por uma porta e estavam dentro de uma cozinha enorme, cheia de armários com portas de todos os tamanhos. No centro havia uma mesa de carvalho que parecia muito antiga. Algumas panelas estavam penduradas em cima da mesa central e cestos de palha cheios de legumes e verduras estavam estocados num canto. O ambiente cheirava a uma mistura de carne assada com canela e ervas aromáticas.

Samara foi diretamente para uma das portas de um armário perto da janela que dava para o pátio central do palácio. Ajoelhou-se e de lá de dentro tirou uma pequena caixa de madeira clara, quase branca. Levou-a até o centro da cozinha e colocou-a em cima da mesa. Virou-se e foi para o outro lado da cozinha, perto da pia, onde abriu uma gaveta e lá do fundo tirou um pequeno objeto metálico. Voltou ao centro da mesa e parou em frente à caixa. Olhou para os meninos e levantou o objeto metálico que segurava nas mãos. Era uma chave de prata. Com ela, Samara abriu a caixa de madeira e de lá retirou uma outra chave, essa grande, pesada e feita de ouro. Um cordão de couro trançado estava preso em uma das extremidades da chave. Era a chave do quarto de Colimo. Samara a retirou de dentro da caixa como quem retira um ovo do ninho de uma galinha, como se ela pudesse se quebrar ao mais leve toque. Uma corrente de ar frio passou pela cozinha e todos sentiram um arrepio, embora nenhuma janela estivesse aberta.

— Ai, cacilda! — Júlio se contorceu com o arrepio. — Vamos logo abrir essa porta!

Seguiram Samara de volta pelos corredores do palácio até a escada que dava no quarto de Colimo. Ela parou no primeiro degrau

da escada e olhou fixamente para cima.

— O que foi? – perguntou Daniel.

Samara virou-se e olhou Daniel profundamente nos olhos.

— Eu nunca vim até aqui, nunca entrei no quarto do meu tio – ela respondeu.

— Como você sabia onde estava a chave? – perguntou Júlio.

— Vi meu pai escondendo. Eu sei tudo o que acontece nesse palácio, já falei! – Samara respondeu com ar petulante.

Júlio revirou os olhos. Alterando sua expressão, Samara respirou fundo.

— Esse é o único lugar em que ainda não estive e tenho um pouco de medo de saber o que vamos encontrar do outro lado daquela porta – ela acrescentou, respirando fundo mais uma vez e começando a subir a escada lentamente.

— As velas já estão quase no fim! – falou Marcelo. – Logo não teremos mais luz. É melhor acabarmos logo com isso antes que fique escuro.

Samara abriu a porta e deram alguns passos para dentro do quarto. Pararam logo na entrada, escutando se havia algum barulho. Nada. O mais perfeito silêncio, a única coisa que ouviam eram suas respirações ofegantes.

Como só tinham a luz das velas que carregavam, não conseguiam ver muito longe. Aos poucos seus olhos foram se acostumando com a penumbra e passaram a enxergar um pouco melhor.

Entraram devagar, próximos uns dos outros. O primeiro ambiente parecia ser bem amplo. Tinha algumas cadeiras e uma pequena mesa baixa no centro. Uma grande estante com livros empoeirados tomava toda a parede lateral esquerda. Para o outro lado, diagonalmente, havia duas passagens. Uma que dava para o quarto de Colimo e outra para a sala de estudos. Não havia nenhuma semelhança com o resto do palácio, com a parte ocupada pelo rei Anzus.

Dirigiram-se à primeira passagem, a que levava ao quarto de Colimo. No meio do caminho, Daniel, que ia à frente, tropeçou em alguma coisa no chão e caiu. Deu de cara com uma onça que

estava à entrada do quarto. O rugido dela ecoou por todo o quarto e, no segundo seguinte, tudo voltou ao mais completo silêncio. Todos gritaram e Daniel, mais do que rapidamente, levantou-se num pulo e juntou-se aos amigos, que estavam mais atrás.

— Que diacho foi isso? — ele perguntou assustado, sem ter certeza do que tinha visto e ouvido. — Uma onça? Ilumina lá, Marcelo!

Marcelo esticou o braço com a vela o mais que pode e aproximou-se um pouco. Viram, então, que havia mesmo uma onça na entrada do quarto, mas não de verdade, era uma onça empalhada. Não conseguiam entender de onde tinha vindo o barulho.

Não muito refeitos do susto e ainda olhando para a onça de rabo de olho, entraram no quarto de Colimo. Lá havia uma enorme cama de ferro com quatro pilastras, uma em cada canto, que iam quase até o teto e juntavam-se no centro. Por cima, um tecido preto descia pelas laterais, juntando-se nos cantos, próximo ao colchão, com grossos pedaços de cordel dourado. No chão, à beira da cama, havia uma pele de leão, cujos olhos brilhavam na penumbra.

Andaram por ali, olhando em todos os cantos. Não havia nada de interessante, apenas algumas roupas e livros. Júlio não tirava os olhos do leão no chão, só esperando a hora certa para sair correndo.

Voltaram pelo mesmo caminho, passaram pela onça, que continuava ali, como que a observá-los, e dirigiram-se à outra passagem. Na sala ao lado, que seria uma sala de estudos, encontraram o que pode se chamar de um laboratório de bruxaria. Vidros com líquidos de todas as cores, pedaços de pele de animais e penas. Muitos papéis estavam espalhados em cima de uma mesa central.

Em todas as paredes havia muitos quadros e espelhos, todos com molduras douradas.

Numa das paredes havia algumas prateleiras com mais vidros. Júlio chegou perto para ver o que eram e notou que não estavam vazios. Aproximou-se um pouco mais para enxergar

melhor e viu que havia um olho dentro de um deles. Aquilo o fez se lembrar dos laboratórios de biologia, onde já havia visto cérebros e pulmões conservados em formol. Esticou uma das mãos para pegar o vidro, quando de repente, antes que ele pudesse tocá-lo, o olho piscou. Júlio deu um grito e um pulo para trás.

Todos se assustaram com o grito e correram para ver o que havia acontecido. Júlio estava de boca aberta, olhando o pote.

— O que foi, Júlio? – Marcelo olhou para ele e em seguida para o vidro.

— O-o-o – Júlio gaguejou, apontando o dedo para o olho dentro do pote. – O olho!

— O que tem o olho? – Marcelo tornou a perguntar, já ficando aflito.

— E-e-e... Ele piscou pra mim! – Júlio falou atropelado.

— Como piscou? – perguntou Daniel, já desesperado.

— Não sei como, só sei que piscou! – Júlio respondeu, seus olhos arregalados de desespero.

— Acho melhor a gente sair logo daqui! – Marcelo olhou para os lados.

Embora não houvesse ninguém ali, tinham a sensação de que estavam sendo observados. Talvez fosse só fruto de sua imaginação. De toda forma, aquele lugar era de arrepiar os cabelos e, para ajudar, as velas estavam quase acabando.

— O quê, exatamente, nós estamos procurando? – Marcelo perguntou, confuso, afastando-se da prateleira com os vidros.

— Não sei! – respondeu Daniel. – Qualquer coisa!

Duas das velas se apagaram, apenas as de Júlio e Samara continuavam acesas.

— Seja lá o que for, acho melhor vocês andarem logo! – Samara falou com pressa. – Vamos ficar sem luz já, já!

Nem bem ela terminou de falar e sua vela apagou.

Júlio, aproveitando o pouco de luz que lhe restava, olhou pelo laboratório tentando encontrar alguma coisa importante. Notou um livro com capa de couro em cima de uma mesa num canto da sala de estudos. Estava parcialmente coberto por um pedaço de pano. Parecia um livro de anotações ou algo parecido. As folhas

sujas e manchadas já não se acomodavam umas sobre as outras, enrugadas pelo excessivo uso.

— Vamos embora! – Marcelo pressionou, dirigindo-se à porta. – Antes de ficarmos no escuro!

A vela de Júlio deu uma última tremulada e apagou. Antes que a luz se dissipasse completamente, Júlio pegou o livro de cima da mesa e colocou dentro de sua camisa.

— Vamos sair daqui! – Samara gritou, começando a tatear as paredes, tentando encontrar a porta que dava para a escada.

Depois de tropeçarem em metade da mobília do laboratório e quase saírem no braço com a onça, conseguiram achar a escada. Desceram como flechas e correram. Aos poucos seus olhos acostumaram-se com a escuridão e diminuíram a velocidade.

— Nós não trancamos a porta! – Marcelo parou de repente.

— E a chave? Ficou lá? – perguntou Daniel.

— Não! A chave está aqui comigo! – Samara levantou o braço e mostrou a chave pendurada em seu pulso pela trança de couro.

— Vamos ter que voltar? – Júlio perguntou, já imaginando a resposta.

— Deixa pra lá! – Samara respondeu, para a surpresa de Júlio. – Ninguém vai para aqueles lados mesmo. Não vão perceber que a porta está aberta. Vamos devolver a chave no lugar e pronto. É como se nada tivesse acontecido!

Ela sorriu e seguiu em direção à cozinha.

Júlio apalpou o livro dentro de sua camisa. Não ia falar, por enquanto, que estava com ele.

Grande mágico!

N

a manhã seguinte, logo cedo, Júlio ouviu alguém batendo na porta do quarto. Era o chefe da guarda avisando que o treinamento ia começar em meia hora. Os três pularam da cama e mal tiveram tempo de trocar de roupa e correr para o campo onde os homens da guarda estavam. No caminho passaram pela cozinha e pegaram algo para comer. Os soldados já estavam todos em forma quando eles chegaram. Marcelo escondeu a coxa de galinha que vinha comendo pelo caminho no bolso.

Passaram a manhã aprendendo a manejar espadas, arco e flechas e treinando movimentos de defesa pessoal. No meio da manhã já estavam exaustos. No final do treinamento, o chefe da guarda veio conversar com eles.

— Ótimo trabalho! – ele disse. – Vocês já haviam recebido esse tipo de treinamento no reino de vocês, não é?

Os três entreolharam-se espantados com o comentário.

— Ah sim! Temos horas e horas de treino! – Marcelo sorriu satisfeito.

— Continuem assim e Colimo não vai ter nenhuma chance! – o chefe da guarda disse, dando um tapinha no ombro de Daniel, antes de se retirar.

— Que história é essa de horas de treinamento, Marcelo? – Júlio perguntou assim que o chefe da guarda havia se afastado um pouco.

— Ué! – Marcelo encolheu os ombros. – Você acha que todas aquelas horas jogando vídeo game não serviram pra nada?

— Quem dera minha mãe estivesse aqui pra ver como a realidade virtual pode ser útil! – Júlio riu. – Deus abençoe os vídeo games!

Os três caíram na gargalhada.

Logo depois do treino, Júlio arranhou uma desculpa qualquer e foi dar uma volta sozinho pelos jardins do palácio. Queria ter a chance de dar uma olhada no livro antes de mostrá-lo aos outros.

O jardim parecia um paraíso. Fontes de diversos tamanhos, espalhadas por todos os lados, jorravam água cristalina que refletia sob a luz do sol como pequenos diamantes pairando no ar. Os canteiros de flores e os ciprestes, cortados como pequenos blocos, formavam labirintos, que levavam de uma fonte à outra. Júlio se sentou próximo à fonte principal, no centro do jardim, que era cercada por um pequeno lago onde peixes das mais variadas cores nadavam tranquilamente.

Aquele lugar fez com que ele se lembrasse da fonte central no centro da cidade, onde costumava se sentar nas tardes quentes para observar os peixes. Sentiu um aperto no coração, pensando na possibilidade de nunca mais saírem daquele lugar. Sacudiu a cabeça para espantar aquele pensamento e voltou a se concentrar no motivo pelo qual estava ali. Olhou para os lados para certificar-se que ninguém o havia seguido e retirou o livro de dentro da camisa.

Abriu-o cuidadosamente, como se algo pudesse pular lá de dentro, o que não era de se duvidar, depois do que haviam visto no quarto de Colimo. Logo na primeira página havia uma dedicatória escrita por Lomak numa letra rebuscada e cheia de detalhes. “Um guia para um talento nato. Um grande mago, futuro governador de todas as terras deste reino”, dizia a dedicatória. Júlio lia atentamente, virando as páginas devagar.

O livro era uma espécie de manual de bruxaria, escrito à mão e com letras distintas que pareciam pertencer a pessoas diferentes e épocas diversas. Cada parte havia sido escrita aos poucos, com o passar dos anos. Novas informações foram adicionadas por cada uma das mãos pelas quais o livro havia passado. Partes eram escritas em uma língua que Júlio não conseguia decifrar, outras pareciam latim. Algumas páginas tinham desenhos e ilustrações de homens fazendo feitiços, animais desconhecidos, plantas e ingredientes para bruxaria. Na maioria das

páginas, havia anotações que foram feitas depois, com a mesma letra, provavelmente pelo próprio Colimo durante seus estudos.

Júlio passou ali algum tempo tentando decifrar os textos, mas não obteve muitos resultados, pois a linguagem era muito difícil e a escrita, muito rebuscada. Alguns dos feitiços mais simples, como os que prometiam transformar pedras em ratos, fazer cobras voarem e coisas do tipo, Júlio conseguiu entender e marcou com cuidado as páginas para que pudesse se referir a eles mais tarde, caso precisasse.

De toda forma, aquele livro tinha sido importante para Colimo e provavelmente poderia ser útil para eles também, desde que eles conseguissem entender o que estava escrito nele. Guardou-o novamente dentro de sua camisa e voltou para o quarto.

Durante o dia não mencionou nada para ninguém e à noite, depois que todos já estavam dormindo, voltou a folhear o livro, procurando entender novos feitiços e memorizando os que já havia decifrado. Sem se dar conta do cansaço, acabou dormindo.

Na manhã seguinte, quando acordou, Daniel estava sentado ao seu lado, com o livro nas mãos. Júlio apoiou os cotovelos no colchão, levantando a cabeça para ver o que Daniel estava lendo. Ele estava numa das páginas com ilustrações sobre cobras e lagartos.

— Isso é muito complicado pra você! — Júlio voltou a deitar a cabeça no travesseiro e se espreguiçou.

Daniel levantou os olhos assustado.

— Não tinha visto que você estava acordado! — ele respondeu, ignorando o comentário. — Onde você arranjou isso?

— Eu achei! — Júlio respondeu.

— Achou? Como achou? Onde? — Daniel perguntou, olhando a capa do livro como se não acreditasse que algo do tipo pudesse estar perdido por aí em qualquer lugar.

— Peguei do quarto do Colimo naquela noite em que fomos lá. — Júlio se levantando da cama e tirou o livro das mãos de Daniel.

— Por que você não falou nada? — Daniel perguntou.

— Vocês não têm muita “aptidão” pra essas coisas. — Júlio colocou os óculos no rosto. — Achei que seria melhor eu dar uma boa olhada antes de falar qualquer coisa.

Nesse momento Marcelo entrou no quarto, voltando do banheiro, e encontrou os dois ali, parados, um olhando para a cara do outro.

— Que foi? — ele perguntou.

— O Júlio, que achou esse livro no quarto do Colimo e agora tá se achando o próprio mestre dos magos! — Daniel respondeu, fazendo piada com o assunto.

— Pra sua informação — Júlio fez uma careta —, esse livro deve ser muito importante. O próprio Colimo fez várias anotações nele e parece ser um guia ou manual de magia.

— “**Deve**” ser importante? “**Parece**” ser? — Marcelo tirou o livro das mãos de Júlio e começou a folheá-lo. — Afinal, você leu isso ou não?

— Bom — Júlio respondeu meio sem graça —, eu tentei ler, mas não consegui entender quase nada... Mais da metade está escrito em alguma língua esquisita ou algum tipo de código.

Marcelo começou a rir. Logo Daniel também estava rindo.

— Do que vocês estão rindo? — Júlio perguntou muito seriamente.

— Estamos rindo de você, ora! — Marcelo continuou a rir. — Está se achando! Tentou ler esse tal livro do Colimo, não entendeu nem metade e está se achando com poderes!

— Pois saiba que estou sabendo muito mais que você! — Júlio respondeu, indignado. — E tome cuidado com o que diz ou te lanço um feitiço!

— E o que você vai fazer? — Marcelo perguntou. — Me matar de rir?

Os dois continuaram rindo. Júlio tomou o livro das mãos de Marcelo e saiu do quarto resmungando.

Mais tarde, depois do café da manhã, encontraram-se com Samara. Marcelo já foi logo contando dos novos “superpoderes” de Júlio, que rapidamente começou a discutir com Marcelo.

Samara olhava com ar preocupado, mas não com a cena que se passava à sua frente, era como se estivesse vendo além.

— Por que você não nos mostra o que aprendeu, Júlio? – ela interrompeu, sem prestar atenção no que estavam dizendo.

Júlio olhou para Samara um pouco sem jeito, pois na verdade não tinha muita certeza de seus poderes. Aliás, sabia que não tinha poder nenhum!

— Mostre o que você aprendeu! – ela insistiu.

— Pode ser muito perigoso! – ele respondeu, tentando livrar-se do embaraço.

— Vamos lá! – Marcelo cruzou os braços. – Mostre seus poderes!

— Muito bem! – Júlio disse, ameaçador. – É melhor se afastarem um pouco, vou transformar esta pedra em um rato.

Marcelo, Samara e Daniel, que até então não havia dito nem uma palavra, afastaram-se um pouco e Júlio se posicionou em frente a uma pedra no chão. Fazendo movimentos com os braços, pronunciou algumas palavras que havia decorado das anotações de Colimo. Parou por um instante e observou a pedra. Nenhuma mudança. Ajeitou os óculos no rosto, arregaçou as mangas e tentou novamente. Repetiu as palavras, desta vez mais alto. Observou a pedra mais uma vez e nada. Continuava ali, parada, com mais cara de pedra do que nunca. Nem mesmo um pequeno rabinho havia crescido nela, nada! Desconcertado com o que havia acontecido e certo de que seria motivo de chacota pelo resto do dia, resmungou:

— Acho que preciso treinar um pouco mais...

— Grande mágico! – bradou Marcelo, colocando os braços nos ombros de Júlio e voltando-se para o interior do palácio. – Espero que a gente não dependa dos seus feitiços pra sobreviver!

Não abram a não ser em caso de extremo perigo...

F

inalmente, numa noite, um mensageiro veio bater à porta do quarto, dizendo que o rei os esperava na sala do trono. Para lá eles se dirigiram, imaginando o que o Rei Anzus poderia estar querendo. Assim que entraram, viram o olhar ansioso e feliz com que ele os aguardava. Toda a corte ao seu redor também esperava com ansiedade.

— Meus amigos! Que bom vê-los finalmente! Chegou a hora!
— o rei disse quando eles se aproximaram.

Anzus se levantou e dirigiu-se a um dos cantos da sala onde havia uma mesa, coberta com um pano. Ele se aproximou e puxou o pano, revelando o que havia ali embaixo.

— O equipamento está pronto! — ele exclamou e em seguida fez silêncio, contemplando os olhares ao redor do salão.

Em cima da mesa, havia três conjuntos de roupas feitas de fios trançados de ouro. Um trabalho que lembrava as antigas malhas de ferro dos cavaleiros medievais, porém, muito mais rico. Três pares de botas de couro estavam alinhadas embaixo da mesa. No lado oposto, estavam os equipamentos: uma corda trançada, feita de um material que lembrava seda; uma espada prateada, com a guarda dourada; um arco de madeira toda entalhada e uma aljava com flechas; uma adaga com um cabo retorcido, como uma cobra rastejante; e um escudo que brilhava tanto que chegava a ofuscar os olhos. Havia também três capangas de couro e três cantis.

Marcelo foi o primeiro a aproximar-se da mesa com os olhos arregalados. Esticou o braço para tocar os objetos, mas recolheu-o

de novo, apenas olhando admirado.

— Tudo isso foi feito especialmente para vocês! – o rei disse, aproximando-se e abrindo os braços. – Os melhores artesãos do reino trabalharam dia e noite para aprontar tudo para que vocês possam seguir seus planos com o máximo de segurança possível.

Anzus pegou uma das roupas e estendeu o braço na direção de Marcelo, que, segurando-a, espantou-se ao ver como era leve.

— Essas peças de roupa, por exemplo – continuou o rei Anzus –, foram tecidas com o mais fino fio de ouro, com uma trama especial que as torna resistentes, porém leves e confortáveis de serem usadas. À primeira vista, parecem frágeis, mas são, na realidade, muito fortes, sendo praticamente impossíveis de se romper.

— São capazes até de segurar o impacto de uma flecha! – exclamou Demóstenes, que estava parado ao lado da mesa.

Todos ao redor murmuraram palavras de admiração.

— Como um colete à prova de balas... – murmurou Daniel.

— Como o quê? – perguntou o rei, confuso.

— Nada! – interrompeu Júlio. – E as armas, rei Anzus, o que elas têm de especial?

— Ah sim! – Anzus virou-se para Júlio. – A espada, a adaga, a ponta das flechas e o escudo foram forjados com um metal precioso que é muito forte, porém leve, para que vocês possam manejá-los com facilidade. A corda, embora pareça ser feita da mais delicada seda, tem força suficiente para arrastar uma tonelada. Tudo foi feito sob medida, para que se adequem ao tamanho de vocês. Também terão as capangas para carregar comida e o que mais precisarem e os cantis para água fresca. Vamos! Podem tocar!

Daniel, Júlio e Marcelo se aproximaram da mesa. As pessoas da corte juntaram-se ao redor, todos falando ao mesmo tempo. O rei Anzus, que observava de fora, soltou um suspiro.

— Infelizmente, isso é o máximo que posso fazer por vocês – ele disse. – Temo que não seja suficiente contra os poderes de meu irmão...

O rei abaixou a cabeça com tristeza, pois sabia que a batalha que tinham pela frente era muito difícil, praticamente impossível de ser vencida, mas sabia também que não podia impedi-los de cumprir seu destino.

Daniel se aproximou.

— Rei Anzus – ele disse –, agradecemos muito sua generosidade e temos certeza que tudo isso vai nos ajudar muito em nossa busca pelo Amuleto de Aloni. Agora, com nossos equipamentos prontos, achamos que já estamos preparados para enfrentar nossa jornada. Não devemos mais perder tempo algum. Partimos amanhã pela manhã.

A noite foi longa, mas acabou tendo que ceder seu lugar ao sol e ao dia. Assim que amanheceu Daniel, Júlio e Marcelo vestiram suas roupas e começaram a se preparar. Júlio guardou o livro de Colimo dentro de sua capanga, prendeu a adaga ao cinto e segurou o escudo no braço esquerdo. Marcelo colocou a espada na bainha e pendurou a corda ao redor de seu peito, enquanto Daniel prendeu o arco e a aljava com as flechas no ombro. Guardaram a comida e certificaram-se de que os cantis estavam cheios de água. Marcelo colocou também alguns dos mapas dentro de sua capanga. Quando estavam prontos, pararam juntos em frente a um grande espelho. Olharam-se longamente, até que Daniel respirou fundo.

— É isso aí, chegou a hora! – ele disse.

Os três se entreolharam.

— Vamos lá! Tá na hora da gente dar uma liçãozinha nesse Colimo! – Marcelo virou-se em direção à porta e fez sinal para que os outros o seguissem.

— Ai, ai, ai, estamos fritos! – Júlio, que foi o último a sair, disse antes de fechar a porta.

Ao entrarem na sala do trono, viram que não era apenas o rei que estava ali esperando por eles. Toda a corte, Demóstenes e também muitos populares se reuniram para desejar boa sorte.

— Por favor, eu lhes peço mais uma vez – disse o rei Anzus –, sejam muito cuidadosos!

O rei fez uma pausa e olhou-os com pesar, como se quisesse dizer mais alguma coisa. Soltou o ar bruscamente antes de continuar.

— Lembrem-se que as portas da cidade estão e sempre vão estar abertas para vocês, não importa o que acontecer – ele disse.

Samara, quieta num canto, limitou-se a acenar aos amigos com lágrimas nos olhos.

Todos se despediram e eles saíram acompanhados por um cortejo de guardas, seguidos dos moradores da cidade. As ruas estavam todas enfeitadas e as pessoas se reuniam na beira das calçadas para vê-los passar, ou acenavam das janelas. Ouvia-se vários gritos de coragem e incentivo, pois todos sabiam da jornada que estavam para enfrentar e tinham esperança de que pudessem vencer.

Ao chegarem aos portões da cidade, quando já estavam prontos para partir, um senhor velho, com uma capa vermelha comprida que cobria sua cabeça e uma barba branca muito longa, se aproximou.

— Antes de partirem, gostaria que aceitassem um presente.

O homem retirou do bolso um pequeno saco de pano marrom, amarrado com uma fita vermelha, que estendeu para Daniel.

— Este – prosseguiu o velho – é um amuleto de proteção que os acompanhará em toda sua jornada. Não o abram a não ser em caso de extremo perigo.

O homem entregou o amuleto a Daniel, virou-se e sumiu em meio à multidão. Daniel ficou parado, sem ter tido sequer tempo para agradecer. Abaixou a cabeça olhando longamente para o pequeno saco em suas mãos e procurou ao redor para ver se via o homem, mas ele já havia sumido. Prendeu o saco com o amuleto em seu cinto e seguiu em frente.

Viraram-se ainda uma vez e acenaram antes de atravessarem os portões da cidade, que se fecharam atrás deles. Assim que chegaram ao outro lado, já não ouviam sequer um ruído vindo lá de dentro. Estavam sozinhos novamente.

Tem alguma coisa errada...

D

o lado de fora dos muros da cidade tudo parecia um pouco diferente, quase artificial. Era como se as cores tivessem sido pintadas em cima de uma fotografia preto e branco, como se estivessem vivendo num sonho que estava prestes a virar um pesadelo.

Os três se entreolharam como se um pudesse adivinhar os pensamentos dos outros.

— Agora que já viemos até aqui, vamos continuar em frente!
— Marcelo foi o primeiro a falar.

Andaram em direção à colina onde ficava o castelo de Colimo. Era uma longa jornada e não tinham tempo a perder.

A paisagem, apesar de estranha, era bonita, quase agradável. A vegetação tornava-se mais espessa à medida que se afastavam do castelo, mas nunca chegava a ser uma mata fechada como na Mata do Anátoma. Havia, entretanto, algo estranho no ar. O silêncio era quase palpável e dava a impressão de que alguma coisa ia acontecer a qualquer momento.

Continuaram pelo caminho, tensos e atentos. De repente, Marcelo se virou.

— O que foi? — perguntou Daniel.

— Não sei! — ele respondeu ainda olhando para os lados. — Estou com a impressão de que estamos sendo seguidos.

Os três pararam e observaram ao redor. Nada. Apenas o silêncio da mata os cercava.

— Deve ter sido impressão sua! — Júlio sentiu um arrepio lhe correndo a espinha. — Estamos todos com os nervos à flor da pele.

— Pode ser. — Marcelo continuou olhando para os lados, ainda desconfiado. — Estou com a sensação de que estamos sendo

observados desde que saímos da cidade.

— Vai ver que estamos mesmo! – Daniel falou, desta vez olhando para o céu. – Vai ver que Colimo está por aí em algum lugar, observando a gente.

— De todo jeito temos que continuar – interrompeu Júlio. – Não temos tempo a perder e quanto mais rápido pudermos voltar, melhor. Se ele está nos seguindo, paciência, ele já deve saber para onde vamos. Se ele aparecer, a gente vê o que faz.

Daniel e Marcelo olharam perplexos para Júlio.

— De onde saiu essa? – perguntou Marcelo. – Normalmente ele é o primeiro a querer voltar pra casa!

— Tenho a impressão que já ouvi isso antes... – Daniel falou vagamente – mas não me lembro quando...

— Fica quieto e anda! – Júlio disse, com cara amarrada e seguindo em frente. – Já que a gente se meteu nessa, temos que ir até o fim!

Continuaram andando em direção ao rio, que teriam que atravessar para chegar à montanha onde ficava o castelo de Colimo. Marcelo já havia consultado os mapas e estavam no caminho certo.

Mais alguns passos e sentiram como se uma rajada de vento passasse por eles.

— O que foi isso? – Marcelo levou um susto.

— Vento? – Júlio sugeriu com cara de dúvida, mais perguntando do que respondendo.

Novamente, sentiram a rajada passar, dessa vez para o outro lado.

— Que diacho! – tornou a falar Marcelo.

— Bom, acho que é isso! – Daniel passou o arco para uma das mãos, enquanto pegava uma flecha com a outra. – Acho que vai começar a diversão.

Marcelo e Júlio também ficaram tensos. Não conseguiam ver nada, mas sentiam a rajada de vento que passava de um lado para o outro. Pararam olhando ao redor. O vento passou novamente, dessa vez no meio das pernas de Júlio, que perdeu o equilíbrio e quase caiu. No mesmo instante ouviram um risinho.

— Quem está aí? – Marcelo gritou, olhando para os lados.

— Vamos, apareça! – gritou também Daniel.

— Nós estamos armados! – Júlio ameaçou. – E não temos medo de você... – completou com voz baixa e em tom de dúvida, olhando para os companheiros como que para ter certeza do que estava dizendo, porque ele mesmo estava morrendo de medo.

Ouviram novamente a risadinha. Desta vez vinda de mais perto. Continuavam olhando ao redor, mas não viam nada.

— Olha ali! Perto daquela árvore! – Júlio gritou de repente.

Daniel e Marcelo se viraram rapidamente, mas não viram nada.

— Ali, do lado, perto do tronco! – Júlio apontou.

Finalmente conseguiram ver. Ao lado de uma árvore próxima, meio escondida atrás do tronco, estava uma criatura que parecia uma fada, com asas de borboleta e flores no cabelo. A única diferença é que não era sólida. Eles conseguiam vê-la bem, agora que haviam percebido onde estava, mas ela era transparente, como que feita de vidro ou água.

A pequena criatura percebeu que havia sido descoberta e tentou esconder-se ainda mais atrás do tronco da árvore. Parecia tão frágil e era tão linda! Encantado, Marcelo se aproximou.

— Olá! Quem é você? – ele falou com voz suave. – Não vamos te machucar.

No momento em que ele se aproximou, a criatura voou para cima e ficou suspensa na altura da cabeça de Marcelo. Ela continuava rindo. Um barulhinho doce e encantador. Dava voltas ao redor de Marcelo e rodopiava pelo ar. Marcelo seguiu-a por entre as árvores e ela foi se afastando cada vez mais.

— Marcelo! – Júlio gritou. – Cuidado! É melhor você não se afastar muito!

Marcelo não tinha ouvidos, continuava seguindo a encantadora criatura, que, a seus olhos, tornava-se cada vez mais linda.

Júlio e Daniel começaram a ficar preocupados.

— É melhor a gente não se separar! – Júlio falou, olhando pra Daniel.

— Vamos atrás dele! – respondeu Daniel.

Correram na direção para onde Marcelo havia ido, mas já não conseguiam vê-lo, apenas ouviam o riso da fada.

— Marcelo! Marcelo! – começaram a gritar por entre as árvores.

Não havia resposta. Continuaram seguindo o som da risada doce da pequena fada. Andavam cada vez mais rápido, esbarrando nas árvores à medida que iam passando. Chegaram a uma clareira e viram Marcelo no centro e várias outras criaturinhas transparentes ao seu redor. Ele já não parecia tão feliz. Elas o atacavam e batiam nele. Os risinhos iam se tornando gargalhadas e os encontrões eram cada vez mais violentos.

— Parem com isso! Ai! – Marcelo gritou, tentando desviar das criaturas que pareciam divertir-se, vindo todas ao mesmo tempo para cima dele. – Me deixem sair daqui! Ai!

Elas riam ainda mais e continuavam o atacando. De repente, uma delas notou a presença de Daniel e Júlio e foi para cima deles, acompanhada de mais algumas. Queriam pegá-los também. Na tentativa de se desviarem, acabaram se separando. As fadas cutucaram e empurraram até que eles chegaram perto de Marcelo. Ficaram os três ali, cercados por aquelas criaturas, que riam e rodeavam e partiam para cima deles com chutes e pontapés.

Uma delas veio diretamente para cima de Júlio e ele, instintivamente, levantou o escudo para se defender. Ela vinha com toda a velocidade e no momento em que viu seu reflexo no escudo, gritou desesperada e saiu voando na direção oposta, sumindo por entre as árvores. Júlio tentou o mesmo com mais duas e viu que elas corriam desesperadas quando viam seu reflexo. Passou, então, a correr em todas as direções apontando o escudo para as fadas até que todas tivessem desaparecido.

Os três correram para o centro da clareira.

— Acho que elas não voltam mais! – disse Daniel, ainda sem ar.

— Júlio! – exclamou Marcelo. – Tu é feio mesmo, meu camarada! Elas olharam pra sua cara e saíram correndo!

— Engraçadinho... – Júlio retrucou, sentando-se no chão.

— Seja lá como for – Daniel bateu no ombro de Júlio –, você se livrou delas! Bem que o Demóstenes tinha falado que nessa floresta nem tudo é o que parece...

Levantaram-se, arrumaram suas coisas e começaram a andar, tentando achar o caminho de volta para a direção em que deveriam ir.

Seguiram andando por muitas horas e já estava quase anoitecendo quando chegaram a um descampado onde decidiram acampar para passar a noite. Continuariam a caminhada na manhã seguinte.

Arrumaram o acampamento e deitaram-se no chão, depois de comer, para esperar o tempo passar.

A noite já havia caído e a lua brilhava cheia no céu.

— Até que esse lugar é bonito! – Daniel falou, olhando para o céu estrelado.

— É, nem parece o reino de um feiticeiro! – disse Marcelo, tirando alguns mapas de dentro de sua sacola para conferir se estavam indo no caminho certo e planejar o que fariam no dia seguinte.

Júlio estava deitado um pouco mais afastado, tentando aproveitar a luz da lua para continuar a ler o livro de Colimo.

Não havia nenhum ruído. Daniel estava entretido com seus pensamentos. Olhou para os lados, olhou para o céu e para a copa das árvores.

— Tem alguma coisa errada! – ele disse. – Está tudo muito calmo. Se esse Colimo observa a cidade, ele viu quando saímos e está vendo que estamos indo em sua direção. Não é possível que ele não faça nada para nos impedir.

— Talvez ele esteja esperando a gente chegar mais perto – Júlio sugeriu, ainda com os olhos no livro.

— Ele não sabe o que queremos! – disse Marcelo.

— É isso! – exclamou Daniel. – Não falamos uma palavra sequer a respeito disso desde que saímos da cidade. Como seus poderes não funcionam lá dentro, ele não sabe o porquê de estarmos indo até ele.

— E é melhor que continue sem saber – falou Júlio – por isso não vamos falar claramente deste assunto para que ele não descubra nada.

— Boa ideia! – disse Marcelo, que ficou quieto de repente e fez sinal para que seus amigos também fizessem silêncio. – Escutaram isso? – Ele se levantou um pouco.

Daniel e Júlio também se levantaram, fazendo silêncio, mas não ouviram nada.

— Tenho certeza que ouvi alguma coisa! – disse Marcelo.

— É melhor dormirmos em turnos! – sugeriu Júlio. – Só por precaução. Vocês dois dormem primeiro e eu fico acordado. Quando estiver cansado, chamo um de vocês pra vigiar e assim por diante, durante toda a noite.

Júlio passou a primeira parte da noite acordado, enquanto os outros dormiam. Tentava pensar em problemas de matemática para distrair a mente do medo. Quando o sono começou a incomodar, chamou Marcelo para ficar em seu lugar. Marcelo ouviu alguns ruídos enquanto vigiava, mas nada se aproximou, portanto ele continuou suspeitando que Colimo havia mandado alguém ou alguma coisa para observá-los. Quando se cansou, chamou Daniel, que ficou acordado até o amanhecer.

Assim que o sol despontou no céu, Júlio e Marcelo acordaram. Daniel já estava terminando de arrumar as coisas para continuarem a jornada. Não havia muito tempo a perder. Detestava acordar cedo e estava morrendo de sono, por isso resmungava enquanto colocava tudo dentro da capanga.

Continuaram o caminho em direção ao rio. O chão estava coberto de folhas e ramos retorcidos, não se via a terra por baixo. Seus pés afundavam até o meio da canela a cada passo que davam. A vegetação continuava praticamente a mesma, arbustos baixos e algumas árvores altas, cujas copas se entrelaçavam no céu.

Caminhavam em silêncio, lado a lado. Cada um entretido com seus próprios pensamentos, ouvidos atentos. Ao passarem por uma parte do terreno onde havia uma quantidade maior de folhas secas, de repente, o chão saiu de seus pés e os três caíram num

buraco. Não era muito grande nem profundo, só o suficiente para que não conseguissem sair de dentro dele. As paredes, embora de terra, eram tão lisas e duras que não havia como escalar para subir. Não havia raízes ou qualquer outra coisa em que pudessem se apoiar.

— Ah, não! — Júlio se sentou no chão, depois de tentar sem êxito escalar as paredes. — Aposto que isso é coisa do Colimo! Vamos ficar presos aqui e quando nossa comida acabar, vamos morrer de fome!

Gritaram por socorro, mas ninguém atendeu. Continuaram tentando, inutilmente, escalar as paredes para sair do buraco, até que começaram a ouvir barulho de folhas sendo pisadas. Alguém estava se aproximando.

— Cuidado! — Marcelo colocou a mão sobre sua espada. — Alguém vem vindo aí! Se preparem!

Daniel pegou seu arco e flecha e apontou para cima, pronto para atirar.

Alguns segundos se passaram em silêncio até que uma cabeça apareceu na beira do buraco. Era Samara, com um sorriso nos lábios.

— Já se metendo em encrencas? — ela disse.

— Samara! — Daniel abaixou o arco. — O que você está fazendo aqui?

— Vim ajudar vocês! — ela respondeu, piscando os olhos e sorrindo. — Eu sabia que iam precisar de mim!

— Tira a gente daqui! — gritou Marcelo, jogando a corda para cima.

— Claro! — Samara pegou a ponta da corda. — Vou tirar sim, mas antes vocês têm que me prometer uma coisa.

— Prometer o quê? — perguntou Júlio, com olhar desconfiado.

— Coisa simples! — ela falou, balançando a ponta da corda. — Têm que prometer me deixar ir com vocês!

— Você tá louca! — exclamou Daniel. — Você sabe muito bem que a gente não pode fazer isso!

— Que pena! — Samara jogou a corda de volta para dentro do buraco. — Eu queria mesmo ajudar vocês a saírem daí, mas se

não vão me deixarem ir junto, infelizmente, não vou poder fazer nada...

Virou as costas e se sentou no chão como uma menina mimada.

— Samara! Volta aqui! – Marcelo gritou.

— Samara! – gritaram Júlio e Daniel juntos.

Ela colocou a cabeça novamente na beira do buraco como se nada estivesse acontecendo.

— Pois não? Me chamaram? – ela falou.

— Larga mão de ser besta e tira logo a gente daqui! – Marcelo gritou, jogando a corda para cima de novo.

Samara pegou a corda.

— Então promete que eu vou poder ir junto com vocês! – ela disse séria.

Marcelo torceu a cara e olhou para Daniel, pedindo ajuda.

— Não tem mais ninguém por aí! – ponderou Júlio. – Além do mais, do jeito que ela é cabeçuda, não vai desistir...

— Tá bom! – Daniel gritou. – Você pode vir com a gente, mas já estou avisando que vai ser perigoso e você vai ter que se cuidar, não vamos poder ficar servindo de babá pra você...

— É, dá pra ver mesmo quem é que precisa de babá aqui... – ela resmungou, afastando-se com a corda nas mãos.

Samara prendeu a corda numa árvore próxima, jogando a outra extremidade dentro do buraco e eles conseguiram subir.

— O que você está fazendo aqui? – Daniel perguntou à Samara, assim que estavam a salvo e em terra firme, enquanto Marcelo enrolava a corda. – Como saiu da cidade?

Samara olhou para Daniel com uma cara incrédula.

— Você estava dormindo? – ela disse. – Não me ouviu dizer que vim aqui pra ir com vocês resgatar o a...

Antes que ela pudesse completar a frase, Júlio pulou e colocou a mão na sua boca, impedindo-a de falar.

— Shhh! – ele falou, ainda tampando sua boca. – Não fala isso! Estamos evitando esse assunto. Colimo deve ter informantes pela floresta.

Samara fez que sim com a cabeça e Júlio soltou sua boca.

— Tinha me esquecido! – ela disse, arrumando o cabelo.

— Como assim, esquecido? – perguntou Marcelo.

— Eu ouvi ontem quando vocês combinaram isso! – ela respondeu, pegando uma maçã de dentro da capanga de Júlio e sentando-se no chão.

— Quer dizer que você está atrás da gente há um tempão? – perguntou Marcelo.

— Claro! Desde que vocês saíram do castelo! – Samara respondeu com a boca cheia.

— Então eu estava certo! – Marcelo gritou. – Tinha mesmo alguém seguindo a gente! Bem que eu senti!

— Alguém na cidade sabe que você está aqui? – Daniel interrompeu.

— Não, eu saí sem que ninguém percebesse. Provavelmente ainda nem deram por minha falta e quando perceberem que eu sumi, vão pensar que estou me escondendo em algum lugar do palácio ou da cidade.

— Ou seja – falou Daniel –, não vão imaginar que você está com a gente.

— Não. Pelo menos durante alguns dias. Isso nos dá tempo de sobra para conseguirmos o que queremos. Vocês sabem...– ela piscou um olho. – Aquilo...

— Essa menina só pode ser louca! – Marcelo resmungou, balançando a cabeça.

— Samara – falou Daniel –, acho melhor você voltar para a cidade, você é muito pequena e pode ser perigoso.

— De jeito nenhum! Vocês me prometeram. Não volto nem amarrada. Além do mais, tenho quase a mesma idade que vocês.

— Já perdemos muito tempo, vamos embora! – Júlio disse, dando por finalizada a discussão.

Começaram a caminhada novamente, Samara ia falando o tempo todo, contando como tinha saído do palácio, o medo que havia sentido quando eles se encontraram com as fadas encantadoras da floresta e como tinha sido engraçado ver os três morrendo de medo dela durante a noite.

A floresta tem olhos e ouvidos!

D

epois de algumas horas, chegaram ao leito do rio. A água era escura e a correnteza parecia forte o suficiente para levá-los. O rio não era muito largo, mas não sabiam se era fundo ou se daria pé para atravessarem.

Havia uma árvore caída na beirada, mas não era comprida o suficiente para levá-los até o outro lado.

— Que tal se a gente tentasse se segurar num dos galhos dessa árvore e depois ir dando as mãos uns pros outros até chegarmos o mais longe que conseguirmos? – sugeriu Daniel.

— Boa ideia, assim podemos ir verificando a profundidade aos poucos. Caso não dê pé, estamos presos uns aos outros e ao tronco desse lado! – falou Júlio. – Fica mais fácil voltar.

— Samara vai na frente, porque é a menor e, se der pé pra ela, dá pra todo mundo! – sugeriu Marcelo. – Eu fico na beira, pois caso tenha que puxar todo mundo de volta, sou o mais forte.

Entraram aos poucos na água. Marcelo segurou com uma mão num dos galhos da árvore tombada e a outra deu para Júlio, que segurou a mão de Daniel, que deu a mão para Samara, que começou a andar lentamente em sentido ao centro do leito do rio. A água corria com uma certa velocidade e ela tinha um pouco de dificuldade de se manter em pé. O nível da água foi subindo, ela continuou andando e esticou o braço o mais que pode. Quando todos já estavam com os braços esticados ao máximo, Samara já tinha passado do centro do leito e provavelmente da parte mais profunda.

— Parece que dá pé! – Marcelo gritou, ainda segurando firmemente no galho. – Volta Samara! Vamos ver como vamos fazer pra atravessar!

Samara voltou à beirada do rio e todos saíram da água.

— Acho que agora podemos fazer diferente – falou Marcelo.

– Eu vou na frente e tento laçar alguma coisa do lado de lá com a corda e depois vamos seguindo e nos puxando pela corda, assim não ficamos soltos na correnteza.

— Boa ideia, grandão! – disse Júlio.

Entraram novamente na água, dessa vez Daniel segurou-se no galho, seguido de Samara, depois Júlio e Marcelo na frente. Esticaram-se o mais que puderam. Marcelo, que havia preparado a corda com um laço ainda fora da água, lançou-a para o outro lado tentando laçar um toco de árvore seca. Não conseguiu.

— Calma, Marcelo! – Júlio gritou por cima do barulho das águas. – Se concentra!

Marcelo jogou novamente a corda e dessa vez conseguiu acertar. Puxou-a firmemente para que se prendesse.

— Acho que está firme! – ele falou. – Você vai primeiro, Júlio. Segura na corda e não larga por nada!

Júlio largou a mão de Samara e segurou-se na corda. Não foi muito difícil atravessar, porque Marcelo mantinha-a bem esticada.

— Vamos rápido! – Marcelo gritou. – Não sei por quanto tempo vou conseguir me segurar aqui sem apoio nenhum!

A correnteza tentava arrastá-lo, mas Marcelo lutava bravamente, resistindo.

Daniel ajudou Samara a chegar até onde Marcelo estava. Ela esticou as mãos para alcançá-lo, mas seus dedos desprenderam-se das mãos de Daniel antes que ela pudesse tocar Marcelo. A correnteza estava muito forte, Samara não conseguiu se segurar e começou a descer o rio.

— Samara! – Marcelo esticou o braço, tentando pegá-la.

— Não solta a corda, Marcelo! – Daniel gritou, largando o tronco e voltando para a beirada do rio. – Eu pego ela!

Daniel correu o mais rápido que pôde pela margem, enquanto Samara descia mais rápido ainda, sendo levada pela correnteza.

— Se segura no galho, Samara! – Daniel gritou.

Ela se agarrou com toda a força que tinha num pequeno galho que estava pendurado por cima da água. O galho era muito fino e fraco e não aguentaria muito tempo. Daniel chegou correndo a uma pedra que entrava um pouco para dentro do rio e deitou-se nela para tentar pegar Samara quando ela passasse por ali. Alguns segundos depois, o galho se rompeu. Samara veio descendo pelo leito do rio. No momento exato em que ela passou, Daniel esticou o braço e conseguiu agarrá-la. Samara se grudou em seu braço e, com muita dificuldade, ele conseguiu puxá-la para cima. Quando ele a colocou deitada sobre a pedra, ela já estava perdendo os sentidos.

— Samara! — Daniel bateu em seu rosto. — Você está bem? Acorda, por favor!

Alguns segundos se passaram antes que ela tivesse alguma reação. De repente, acordou e começou a tossir, engasgada com a água que havia engolido.

— Obrigada! — ela disse, entre uma tossida e outra. — Obrigada...

Daniel ajudou-a a se levantar. Marcelo havia se puxado pela corda para o outro lado e agora vinha correndo, junto com Júlio, pela outra margem.

— Vocês estão bem? — ele gritou.

— Sim! — Daniel respondeu. — Como vamos atravessar agora?

— Eu vou amarrar a corda numa árvore e em mim e vou até onde alcançar pra tentar pegar vocês! — falou Marcelo. — Você vem daí até onde conseguir.

Desceram de novo até o ponto onde estava a árvore caída. Marcelo entrou na água novamente, com a corda amarrada na cintura. Daniel veio pelo outro lado segurando Samara, que ainda estava muito fraca. Aproximou-se o máximo que pode de Marcelo, que conseguiu esticar os braços e pegar a mão dela. Segurou-a com força e veio puxando-a para o outro lado. Na margem, Júlio puxava a corda e quando chegaram perto, ajudou a retirar Samara da água. Marcelo voltou ao rio, dessa vez para ajudar Daniel.

Quando chegaram todos ao outro lado, sentaram-se cansados à beira do rio. Estavam molhados e com frio, e já estava começando a entardecer. Teriam sorte se não morressem de frio durante a noite.

— E agora? – perguntou Daniel, ainda sem fôlego. – Como vamos fazer pra passar a noite? Como vamos nos secar?

Marcelo retirou os mapas todos molhados de dentro de sua bolsa. A comida também estava toda perdida, com exceção de algumas frutas. Júlio retirou o livro de Colimo de sua bolsa. Não estava muito molhado porque Júlio o embrulhara no meio de outras coisas, mas mesmo assim, suas páginas estavam meio grudadas.

— Vou ver se acho alguma coisa aqui que possa ajudar... – falou, tentando virar as páginas do livro.

— Você está bem, Samara? – Daniel virou-se para o outro lado.

— Sim! – Ela encolheu os joelhos próximos ao peito. – Só estou morrendo de frio.

— Vamos caminhar mais um pouco pra ver se achamos um lugar melhor para acamparmos – Marcelo sugeriu. – É bom que também ajuda a esquentar.

Levantaram-se e foram se arrastando por mais alguns metros, mas estavam muito cansados, já não tinham forças para continuar. Sentaram-se novamente no chão, quando ouviram um ruído.

— Espero que não sejam aquelas fadas malucas de novo! – reclamou Júlio. – Eu não vou ter força nem pra levantar meu escudo contra elas.

Olharam ao redor e viram uma criatura estranha se aproximando. Seu rosto lembrava o de um gato, mas com as feições de um ser humano. Os olhos verdes brilhantes, com pupilas negras verticais e alongadas, pareciam atentos a todos os movimentos. O torso era como o de um homem, mas a parte inferior do corpo e as extremidades dos braços finos e compridos eram cobertas por uma pelagem longa e acinzentada.

Ele se aproximou devagar, andando com a elegância de um felino. A cabeça levantada cheirava o ar. Sentou-se como um gato,

a alguns passos de onde estavam e, para o espanto geral, disse com voz rouca:

— O que fazem aqui? Vão morrer de frio molhados desse jeito.

Os quatro ficaram boquiabertos, admirados com o que viam. Samara sabia que a floresta era cheia de criaturas encantadas, mas nunca em toda sua vida tinha visto uma e agora, nos últimos dias, esta já era a segunda!

— Quem é você? – ela perguntou, ainda de boca aberta.

— Me chamo Movik! – a criatura disse, levantando o braço e lambendo rapidamente a mão. – Sou um guardião do reino.

— Que reino? – perguntou Júlio, desconfiado.

— O reino de Anzus, é claro! – Movik disse. – Aqui deste lado há muitas criaturas, servos do m...

Movik parou por um instante.

— Servos de Colimo. – ele continuou. – Meu trabalho é impedi-los de chegar perto da vila. Sou como que um reforço às muralhas da cidade.

— E como você sabe que não somos enviados de Colimo? – perguntou Daniel.

— Bom – ele disse –, pra começar, vocês estão vindo do lado oposto do castelo do m... – Movik fez mais uma pausa e continuou. – C-Colimo, do castelo de Colimo. Depois, ficaram presos num buraco, quase se afogam no rio... me desculpem, mas vocês são muito amadores para estarem a serviço de Colimo.

Os três se entreolharam.

— Não dá nem pra falar que ele não tem razão... – Júlio resmungou.

— Sem contar as fadas da floresta que vocês também encontraram pelo caminho – continuou Movik. – Aliás, Júlio, você não é tão feio assim, elas correram de seus próprios reflexos no seu escudo e não de você... aquelas fadas são as Pairikas e elas parecem muito dóceis e bonitinhas por fora, mas seu reflexo mostra o que elas realmente são: monstros sanguinários. Se não fosse pelo reflexo no seu escudo, vocês não estariam aqui hoje.

— Como você sabe de tudo isso que aconteceu? – Samara perguntou, batendo os dentes de frio.

— A floresta tem olhos e ouvidos, minha cara! – ele respondeu vagamente, lambendo novamente a mão.

Movik ficou em silêncio alguns segundos, observando Samara.

— Posso oferecer um lugar quente para vocês passarem a noite, se quiserem! – Movik disse com olhar preocupado.

Todos se entreolharam desconfiados.

— Vocês estão todos molhados e vão morrer de frio durante a noite... – ele falou baixinho. – Mas a escolha é de vocês...

Acabaram resolvendo aceitar o convite e seguiram Movik pela mata.

— Aí Julião! – Marcelo cutucou Júlio enquanto andavam. – Você ainda tem alguma chance com as Pairikas!

Júlio, permanecendo em silêncio, apenas olhou atravessado para Marcelo, que seguiu em frente rindo.

Continuaram andando até chegar ao que parecia ser uma toca no chão. Entraram por um buraco na lateral do tronco de uma árvore e seguiram por um túnel estreito até chegarem, alguns metros à frente, à uma sala ampla. Era uma casa de madeira enterrada numa encosta. Apenas um dos lados ficava visível do lado de fora, com uma pequena janela disfarçada pela folhagem ao redor. Num dos cantos da casa havia uma lareira que esquentava o ambiente.

— Sintam-se à vontade! – Movik apontou para algumas almofadas de couro no chão. – Desculpem se as acomodações não são muito sofisticadas.

Aproximaram-se do fogo para se aquecer, enquanto Movik colocava um caldeirão sobre as chamas.

— Vou esquentar uma sopa! – ele disse. – Vocês devem estar com fome.

Sentaram-se no chão ao redor de um tronco bem grande que servia de mesa. Júlio colocou seu escudo encostado na parede juntamente com as outras armas.

Movik serviu a sopa em pratos de madeira e aguardou enquanto eles comiam.

— Então, o que vocês vêm fazer aqui? – ele acabou perguntando, enquanto lambia mais uma vez a mão. – O que procuram?

Daniel já ia abrindo a boca para responder quando Júlio interrompeu.

— Precisamos falar com Colimo! – ele disse. – Temos algo que é do interesse dele.

Daniel olhou espantado para Júlio, que fitou seus olhos e rapidamente desviou o olhar em direção ao escudo.

Discretamente, Daniel olhou para o escudo e viu que, no reflexo, Movik aparecia como um gato comum e não aquela criatura estranha que eles viam.

Continuaram tomando a sopa enquanto Movik lambia as patas nervosamente.

— O que é mesmo que vocês disseram que tem pra falar com o m... – Ele parou por um segundo e depois continuou. – Com Colimo?

— Nós não dissemos nada, Movik! – Daniel respondeu calmamente.

— Ah, sim... – ele murmurou. – Sim, não disseram.

Depois do jantar, quando todos já se preparavam para dormir, Movik se aproximou das capangas e tentou abri-las discretamente quando Marcelo o surpreendeu.

— Tá procurando alguma coisa aí, Movik? – ele perguntou.

O gato deu um pulo e soltou um miado.

— Não, não, só achei que tinha sentido cheiro de peixe... você tem certeza que não tem nenhum peixe na sua sacola?

— Não, não tem peixe aí, não! – Marcelo respondeu, acomodando-se próximo às capangas. – Pode ficar tranquilo!

Movik se afastou relutante e foi deitar-se perto do fogo.

— Qual será a desse cara? – Daniel disse, aproximando-se de Júlio.

— Não sei, mas alguma coisa está errada. Ele disse que é um guardião da floresta, mas ninguém nunca mencionou nada a esse

respeito. Por que ele sempre titubeia pra falar o nome do Colimo? Parece que ele ia falar alguma outra coisa e tem sempre que se corrigir. Fora a insistência em saber o que queremos com Colimo.

Daniel assentiu com a cabeça.

— Por que ele está tão interessado? – Júlio concluiu.

— Não sei – Daniel respondeu. –, mas acho melhor a gente ficar de olho nele! Realmente, nem tudo é o que parece nesse lugar...

Durante a noite, Daniel manteve-se acordado, vigiando Movik, que parecia bastante agitado e incomodado com o fato de ser observado.

Assim que o sol começou a despontar no céu, Movik se esgueirou pela passagem e saiu rapidamente da toca. Daniel tentou segui-lo, mas acabou perdendo-o de vista no meio da mata. Voltou para casa mais tarde e encontrou os amigos já acordando.

— Cadê o gato? – perguntou Marcelo.

— Não sei! – disse Daniel. – Sumiu no meio do mato.

Tio Colimo nos convida a entrar!

S

aíram da toca de Movik em direção ao castelo de Colimo. Subiram pela montanha, que era alta, porém o caminho não era muito íngreme.

À medida que se aproximavam da região do castelo, a vegetação ia dando lugar a pedras e grandes árvores secas. Embora o sol ainda estivesse alto no céu, parecia que o dia ia perdendo o brilho e que a noite se aproximava.

Havia mais árvores agora do que antes, mas todas secas e retorcidas. Quanto mais se aproximavam, parecia que mais elas se fechavam ao seu redor, formando um corredor que liderava o caminho. Chegaram num ponto onde estavam literalmente cercados pelas árvores. Já não viam mais a luz do sol. Como num passe de mágica, a noite havia chegado e a escuridão era quase total. Mais à frente havia uma passagem, cercada pelas árvores, que levava à entrada do castelo.

Continuaram andando, olhando para os lados, com a sensação de que algo de ruim estava prestes a acontecer. O silêncio era pleno. Júlio olhava para cima, tentando entender por que a noite havia chegado tão rápido, se há alguns minutos o sol ainda brilhava.

— Que lugarzinho! – ele falou, sentindo um arrepio na espinha.

— Shh! – Fez Marcelo levando a mão à boca e fazendo sinal para que ele ficasse quieto.

— O que foi? – Júlio sussurrou, já com os olhos arregalados e o coração na mão.

— Tem alguma coisa se mexendo! – Marcelo esticou o pescoço e apurou o ouvido.

Júlio parou para prestar atenção e também ouviu um barulho, como um rangido. Daniel e Samara, que vinham logo atrás, também ouviram e se aproximaram.

— O que será isso? – perguntou Daniel, tentando localizar de onde vinha o ruído.

Parecia estar ali, logo ao lado deles, mas não viam nada. Sem que eles notassem, as árvores ao seu redor estavam inclinando seus galhos em sua direção e fechando a passagem.

Seguiram ainda desconfiados, mas sem perceber o que estava acontecendo. Marcelo ia na frente, quando sentiu alguma coisa em seu pescoço. Passou a mão rapidamente e não havia nada.

— Para de gracinha, Júlio! – ele sussurrou irritado, virando-se para trás.

— Que gracinha? – Júlio se admirou. – Eu não fiz nada.

No mesmo momento, Marcelo sentiu novamente algo em seu pescoço, mas dessa vez não foi levemente. Alguma coisa tentava se enrolar e pegá-lo pelo pescoço. Ele se abaixou rapidamente, fugindo. Viu que um galho de uma das árvores descia e aproximava-se dele. Ao mesmo tempo, mais atrás, outros galhos também tentavam pegar Daniel e Samara.

— Cuidado! – Daniel desviou por pouco de ser apanhado e empurrou Samara para o chão.

— As árvores estão vivas! – Júlio gritou, também se desviando dos galhos.

Saíram correndo pelo estreito corredor formado em meio à floresta seca, que cada vez parecia diminuir ainda mais. As árvores, retorcidas como monstros, curvavam-se e lançavam seus compridos galhos sobre eles, que desviavam, abaixavam, corriam para frente, às vezes tinham que voltar um trecho, para conseguirem escapar.

Um galho passou por Marcelo e agarrou-o pelo pé, tirando-o do chão e sacudindo-o de ponta cabeça. Marcelo gritava e pedia ajuda. Daniel tentava soltá-lo, mas não tinha força o suficiente, além de ter que desviar e escapar de outros galhos ao mesmo tempo.

Marcelo se lembrou da espada, que estava em sua cintura. Desembainhou-a e, com um golpe firme e certeiro, cortou o galho que o prendia, caindo de costas no chão. Mal teve tempo de levantar-se e já havia outro galho tentando prendê-lo de novo. Usou novamente a espada para se defender.

Assim que se livrou, foi em direção a Samara, que também tinha sido pega e estava sendo sacudida no ar. Libertou-a e depois saiu furioso, à frente do grupo, cortando todos os ramos e galhos que via pela frente.

Correram o mais que puderam até conseguirem chegar a uma área onde as árvores já não eram tantas e, o melhor de tudo, não se mexiam.

Daquele ponto já avistavam a entrada do castelo. Ao seu redor, havia o que deveria ter sido um jardim, mas que agora não passava de um terreno sombrio, com o chão coberto de folhas secas e muitas pedras.

Nesse ponto, já era possível ver o céu novamente e os raios do sol lutavam para transpor a névoa cinzenta que cobria toda a região. O dia parecia já estar chegando ao fim.

Foram em direção ao castelo, do qual só enxergavam algumas partes envoltas pela neblina. Era alto, imponente e sombrio, construído em mármore negro, encravado nas rochas à beira do penhasco. Plantas secas e retorcidas subiam pelas torres e janelas, formando figuras horripilantes. Uma grande nuvem negra pairava por cima, tornando-o ainda mais assustador. Ao chegarem em frente ao castelo, pararam admirados.

— Nossa! Dá medo só de olhar. — Júlio não conseguiu se conter.

— Quem é que pode viver num lugar como este! — Daniel olhou ao redor.

— É melhor não ficarmos dando sopa aqui na frente muito tempo! — Samara fez sinal para que a seguissem.

Foram para uma pequena cobertura que havia numa das laterais da porta principal de entrada.

— Colimo provavelmente sabe que estamos aqui. — Samara continuou falando. — Ele deve estar nos acompanhando desde que

saímos da cidade, mas não sabe o que buscamos, por isso ainda não nos atacou diretamente. Provavelmente vamos encontrar algumas surpresas, pois aí dentro ele leva grandes vantagens sobre a gente.

— Eu diria que ele leva grandes vantagens sobre a gente em qualquer lugar! – falou Júlio.

— Sim – respondeu Daniel –, por isso temos que estar preparados para qualquer coisa.

— Temos algum plano? – perguntou Marcelo.

— É melhor não termos nenhum plano para não deixarmos Colimo avisado de nossos passos – respondeu Daniel. – Vamos apenas tentar ficar sempre juntos e com nosso objetivo em mente.

— Certo! – disse Marcelo. – Então vamos entrar!

— Provavelmente este será nosso primeiro problema. Vocês viram o tamanho daquela porta? – perguntou Júlio.

— Sim! – Marcelo respondeu. – Vai ser meio difícil e as janelas são muito altas para tentarmos pular.

— Vamos tentar a porta! – Daniel sugeriu.

Seguiram encostados na parede até chegar aos degraus que levavam à entrada. Subiram devagar e pararam em frente à porta, que era muito alta e larga. Sem que a tocassem, ela começou a se abrir, silenciosamente. Lá de dentro saiu uma leve fumaça branca e logo depois uma golfada de vento que levantou todas as folhas secas que estavam no chão.

— Tio Colimo nos convida a entrar! – Samara fez uma reverência aos amigos.

— É isso que me preocupa! – Marcelo torceu o nariz e tomou a frente para passar pela porta.

Por dentro o castelo era ainda mais assustador do que por fora. A primeira área em que entraram era um enorme salão que levava a várias outras partes. Muitas portas e saídas rodeavam a sala e, no fundo, uma escada majestosa e imponente, também de mármore negro, levava ao segundo andar. A iluminação lá dentro não era melhor do que do lado de fora, apenas uma luz fraca e amarelada que vinha de algumas tochas espalhadas pelo salão. Centenas de quadros forravam as paredes do chão até o teto.

Alguns com retratos de pessoas desconhecidas, outros com animais e monstros assustadores. Dois grandes espelhos cobriam completamente as laterais à esquerda e à direita da porta de entrada. Não se ouvia sequer um ruído.

De repente, um grande estrondo ecoou e todas as tochas se apagaram. Os quatro se juntaram ainda mais, dando as mãos. Ouviam gargalhadas e gritos de horror. No escuro, não enxergavam nada, até que raios prateados começaram a cruzar a sala, cada vez mais perto.

— Vamos sair daqui! – gritou Marcelo.

Antes que pudessem se virar e correr, a porta por onde haviam entrado se fechou violentamente e ficaram presos. Os raios já estavam passando bem perto deles, quando Júlio gritou:

— Fiquem perto de mim, vou tentar proteger a gente com meu escudo!

Correram juntos, protegidos pelo escudo de Júlio, para o outro lado da sala, passando por uma abertura que dava para um corredor estreito de paredes inacabadas. Ainda estavam correndo quando as tochas ao redor voltaram a se acender e os gritos cessaram. Os quatro pararam, ofegantes. Não havia mais nenhum barulho.

— Parece que Colimo quer nos assustar! – disse Marcelo enquanto tentava recuperar o fôlego.

— É! – falou Júlio. – E conseguiu!

— Mas isso não foi o suficiente pra vocês desistirem, foi? – Samara perguntou, aflita. – Temos que continuar!

— Mesmo que a gente não quisesse – falou Júlio, com a voz entrecortada, ainda sem ar –, agora não tem jeito de voltar, tem?

Olharam ao redor e viram que o corredor onde estavam era comprido e terminava numa pequena câmara. Seguiram até lá e viram um buraco na parede, próximo ao chão, que se comunicava com alguma outra parte do castelo. Marcelo abaixou-se metendo a cabeça no buraco para ver onde ia dar.

— É uma outra sala! – ele informou, ainda deitado no chão. – Vazia. Só tem um pedestal no meio com uma cúpula, mas não consigo ver o que tem dentro.

— Deve ser o amuleto! – Samara começou a saltitar.

Assim que ela terminou sua frase, ouviu-se um grande estrondo e o corredor por onde tinham vindo desmoronou parcialmente. A abertura que dava do corredor para o lugar onde estavam fechou-se com as pedras que caíram, tampando a passagem completamente. Com o susto, todos correram para o outro lado da câmara, empurrando Marcelo, que ainda estava deitado perto do buraco, para dentro da outra sala.

Depois de refeito do susto, Marcelo se levantou, verificando se não tinha quebrado nada. Uma luz iluminava o centro da sala. Ele aproximou-se devagar e viu que a luz vinha de dentro da cúpula, de uma joia de ouro com uma pedra vermelha, parecida com um rubi, mas com um brilho muito mais intenso. Marcelo mal podia acreditar no que estava vendo. Ficou tão empolgado que até esqueceu-se do que tinha acabado de acontecer.

— Ei! Tudo bem aí? – ele perguntou, abaixando-se ao lado do buraco.

— Bom, “bem” não é exatamente a palavra que eu usaria! – Júlio respondeu, batendo nas roupas para tirar o pó que tinha coberto todo mundo. – Estamos inteiros.

— Acho que achei! – Marcelo sussurrou do outro lado da parede.

Daniel abaixou-se enfiando a cabeça no buraco.

— Tem certeza? – ele perguntou.

— Acho que sim. Dentro daquela cúpula tem uma joia, com uma pedra vermelha, só pode ser o amuleto de Aloni. – Marcelo apontou para o centro da sala.

— Vou aí te ajudar! – Daniel respondeu, já passando pelo buraco para o outro lado.

Aproximaram-se da cúpula e Daniel viu o amuleto.

— Nossa! Como brilha! – exclamou impressionado.

— Vamos pegá-lo! – Marcelo aproximou as mãos.

Assim que ele tocou a cúpula, ouviu um pequeno estalido e o vidro se soltou sob suas mãos. No momento em que começou a retirar a redoma, uma fumaça se despreendeu e o amuleto começou a sumir, como uma ilusão de ótica.

— O que está acontecendo? – Daniel tentou pegá-lo antes que sumisse.

Uma risada estrondosa ecoou por todo o castelo.

— O que foi isso? – Júlio colocou a cabeça pelo buraco na parede.

— O amuleto sumiu! – Marcelo respondeu, ainda segurando o vidro da cúpula nas mãos.

— Mais uma gracinha do Colimo! – Júlio resmungou, voltando para dentro da outra sala. – E o pior é que agora ele já tem certeza do que a gente quer.

Daniel e Marcelo voltaram à outra sala.

— Bom, Colimo nos enganou. O que fazemos agora? – Marcelo perguntou, desanimado com o que havia acontecido.

Mais uma gracinha...

A

passagem que voltava ao corredor de onde tinham vindo estava totalmente bloqueada com pedras. Daniel tentou mover algumas, porém eram muito grandes e pesadas demais. Todos se aproximaram e tentaram em vão mexer as pedras de lugar. Todos menos Júlio, que estava do outro lado com olhar pensativo. De repente, ele começou a fazer uns alongamentos com os braços.

— Júlio! Nós não queremos atrapalhar a sua ioga, mas será que não dava pra você dar uma mãozinha aqui? – Marcelo grunhiu, enquanto tentava mover uma das pedras.

Júlio olhou feio para ele e continuou seus movimentos. De repente, parou. Olhou fixamente para as pedras e respirou fundo, indo na direção de onde estavam. Todos perceberam que algo estava acontecendo e, instintivamente, afastaram-se do caminho, olhando assustados para Júlio. Ele parou em frente às pedras e disse umas palavras estranhas, fazendo movimentos com os braços na frente do corpo.

— O que esse doido tá fazendo agora? – perguntou Marcelo.

— Espera um pouco! – Daniel levantou a mão, atento ao que Júlio fazia. – Eu acho que ele está tentando fazer aquele feitiço de transformar pedras em ratos!

— Ai, meu santo! – Marcelo se virou para o outro lado. – Nós não temos tempo a perder não, ô Merlin!

Júlio terminou e ficou olhando ansioso para as pedras. Nada havia mudado.

— Nossa! – Marcelo fez cara de espanto. – Parece que não funcionou! Que novidade... – completou sarcasticamente, andando em direção às pedras.

Assim que sua mão tocou numa delas, ela caiu e todas as outras foram caindo em seguida, transformando-se em ratos. No mesmo segundo, Samara gritou e os ratos, mais assustados do que ela, correram para a direção oposta, sumindo pelo corredor.

— Não acredito! – falou Marcelo, ainda paralisado pelo susto.
– Não acredito que você conseguiu!

— Nem eu! – Júlio respondeu boquiaberto.

— Vamos sair logo daqui! – Daniel entrou pelo corredor.

Samara continuava gritando.

— Samara! – Júlio gritou. – Os ratos já foram!

— Isso é tática de guerra. Ela tá tentando deixar o Colimo surdo! – Marcelo disse, seguindo Daniel. – Vamos embora!

Samara parou de gritar, um pouco envergonhada, e seguiu os outros pelo corredor estreito.

Júlio estava tão orgulhoso de si mesmo que ia pelo caminho falando sobre o que tinha acontecido.

— Vocês viram? – ele disse. – Eu consegui! Quero ver quem me segura agora!

— É melhor você ficar quieto antes que Colimo resolva mostrar quem é que manda por aqui! – Marcelo aconselhou.

Júlio, com medo de Colimo, achou melhor fechar a boca.

— Que estranho! – Samara comentou, olhando ao redor.

— O que foi? – perguntou Daniel.

— Não sei, esse lugar está parecendo meio diferente de quando a gente veio... mas deve ser bobagem minha...

— Diferente como? – Daniel tornou a perguntar.

— Não sei! – ela respondeu. – Parece que o corredor está ficando mais largo e também já devíamos ter chegado à sala de entrada do palácio. Já estamos andando há algum tempo. Não andamos tanto quando viemos.

— Deve ser impressão sua! – interrompeu Marcelo.

Nem bem ele havia terminado de falar e ouviu-se um estrondo. Uma parede de pedras começou a descer na frente deles, fechando a passagem por onde seguiam. Não havia tempo para todos correrem. Marcelo, que ia à frente, conseguiu passar para o outro lado da parede enquanto ela ainda estava abaixando. Sem

saber o que fazer, pegou sua espada e colocou em pé, impedindo que a parede continuasse a baixar. Enquanto isso, os outros se aproximaram.

— Corram, passem logo! – Marcelo gritou. – Não sei por quanto tempo isso vai aguentar!

Júlio abaixou-se e passou por baixo da parede, enquanto Daniel ajudava Samara e também passava ele mesmo.

Segundos depois de estarem do outro lado, a espada não resistiu e quebrou, permitindo que a parede descesse rapidamente até tocar o chão.

— Mais uma gracinha! – resmungou Júlio, levantando-se e arrumando os óculos.

— Vamos continuar! – Daniel também se levantou e seguiu em frente. – Ele não conseguiu deter a gente ainda!

Continuaram pelo corredor. A luz era muito fraca e não conseguiam ver muito à frente. Dessa vez, Daniel ia liderando o grupo. Deram mais alguns passos e o chão começou a tremer.

— O que é isso!? – Samara se segurou em Marcelo.

— Não sei! – ele respondeu, tentando se equilibrar. – Terremoto?

Daniel parou e bem na sua frente o chão se separou, formando um enorme vale entre o local onde estavam e o trecho seguinte. Depois que o tremor cessou, Daniel chegou perto da beira para ver o que havia lá embaixo e viu que o fundo do buraco se enchia lentamente com lava borbulhante.

— Ah! Que beleza! – Ele se virou. – Agora ele quer cozinhar a gente!

Marcelo se aproximou e olhou para baixo.

— E agora? Como vamos passar? – perguntou.

Sentaram-se no chão desanimados, sem saber o que fazer.

— Ai que saco! – Júlio colocou as duas mãos na cabeça. – Esse cara já está me irritando!

— Tive uma ideia! – Samara gritou. – Podemos amarrar a corda numa das flechas do Daniel e tentar acertar na parede do outro lado. Daí usamos a corda pra atravessar.

— Pode funcionar! – Daniel se levantou.

Marcelo retirou a corda que estava pendurada no seu peito e passou-a para Daniel, que a amarrou na parte de trás de uma de suas flechas.

Daniel foi o mais para frente que pôde, bem na beirada do buraco. Pegou seu arco e se preparou para atirar. A flecha voou para o outro lado, bateu na parede, mas não se prendeu.

— Acho que não vai ser tão fácil... – ele disse, virando-se para os outros.

Fez mais algumas tentativas, mas a flecha não se prendia à parede. Numa das vezes em que tentou puxá-la de volta com a corda, ela acabou escorregando de suas mãos e a flecha, com corda e tudo, caiu no buraco. Daniel ainda segurava a ponta da corda quando olhou para baixo e viu que o fogo da lava vinha subindo.

— Tá pegando fogo! – ele gritou. – Vamos perder a corda!

— Espera! Não solta! – Júlio aproximou-se e tirou sua adaga do cinto.

— Vou puxar o máximo que puder e você corta! – Daniel falou para ele, enquanto puxava a corda para cima até quase o fogo tocar suas mãos.

Júlio cortou-a centímetros acima, deixando que as chamas caíssem juntamente com o restante da corda.

— Agora não temos o suficiente! – Daniel falou, olhando para o que havia restado em suas mãos. – Não sei se vai dar...

— Tenta prender ela no teto! – Marcelo apontou para cima. – Assim a gente pode se balançar pro outro lado...

Todos se entreolharam. Ninguém disse nada, mas todos sabiam que se a corda soltasse ou se um deles não tivesse força o suficiente para se segurar, cairiam direto na lava quente.

— O que vocês querem fazer? – ele completou, vendo que todos o olhavam com caras assustadas. – A corda ficou curta pra gente prender ela do outro lado!

— Você tem razão! – Daniel suspirou. – Vamos tentar.

Daniel atirou uma flecha sem nada, para testar, e conseguiu prendê-la no teto. Amarrou o pedaço restante da corda em sua última flecha e apontou.

— Comecem a rezar! – ele disse.

Daniel mirou, esticou o arco o máximo e soltou a flecha. Ela voou como um raio para cima, levando a corda e se prendendo no teto mais ou menos a meio caminho entre os dois lados do buraco.

Todos gritaram com o êxito de Daniel. Marcelo, que segurava a outra ponta da corda, puxou-a para ver se estava firme. Puxou novamente, dessa vez com mais força, depois tentou colocar o peso de seu corpo.

— Parece que tá firme! – ele falou.

— Quem vai primeiro? – Júlio perguntou.

— Eu vou! – disse Marcelo. – Se aguentar meu peso, aguenta o de todo mundo.

Ele tomou o máximo de distância que o comprimento da corda permitia, respirou fundo e correu, pulando e balançando-se na corda pendurada no teto. Balançou diretamente para o outro lado, pulando no chão sem largar a corda.

— Hu! Hu! – gritou, comemorando. – Animal! O mais difícil vai ser mandar a corda de novo aí pra vocês.

— Amarra uma pedra na ponta, assim com o peso fica mais fácil – sugeriu Júlio.

Marcelo abaixou-se, pegou uma pedra meio comprida e amarrou na ponta da corda.

— Atenção! Vou mandar! – E deu um tapa na pedra, fazendo a corda balançar para o outro lado.

Daniel pegou a pedra e segurou-a juntamente com a corda.

— Acho melhor ir você agora, Júlio! – ele falou.

Júlio segurou a ponta da corda e correu, lançando-se sobre o buraco. Marcelo o ajudou do outro lado e quase deixam a corda escapar, mas conseguiram segurar no último segundo.

Marcelo mandou a corda novamente para Daniel e agora era a vez de Samara.

— Cuidado! – ele falou baixinho, tentando ajudá-la.

— Deixa comigo! – ela sorriu.

Samara tomou impulso e saltou, mas soltou-se da corda um pouco antes da hora, caindo muito na beirada do buraco e perdendo o equilíbrio. Acabou escorregando e já ia caindo, se não

fosse Marcelo agarrá-la pela mão. Júlio correu e segurou a corda antes que ela voltasse para o meio do buraco.

Depois de se recuperarem do susto, lançaram a corda novamente para Daniel, que se pendurou para atravessar, mas no meio do caminho a flecha começou a ceder, mal dando tempo de ele chegar ao outro lado.

— Ufa! — Daniel disse quando pisou em terra firme. — Essa foi por pouco!

Continuaram andando pelo corredor, esperando qual seria a próxima surpresa. Quando menos esperavam, estavam numa passagem que dava para um outro aposento do palácio.

Não é isso o que procuram?

E

ra uma sala com várias estátuas de guerreiros esculpidos em mármore. Cada um tinha pelo menos duas vezes o tamanho de uma pessoa. No lugar dos olhos, tinham esmeraldas e suas espadas e escudos eram feitos de ouro. Embora fossem de mármore, pareciam muito reais, como se seus olhos acompanhassem tudo ao redor. Em pé, lado a lado formavam um corredor no centro do salão.

Ao redor, em todas as paredes, havia vários espelhos. Cada um com um tipo de moldura diferente, umas douradas, outras prateadas, alguns com molduras muito maiores do que o próprio espelho e alguns sem moldura alguma.

A porta em que haviam saído os deixava bem no início do corredor formado pelas estátuas. No final, do outro lado, havia um trono, também de mármore, onde um homem magro, com aparência cadavérica e vestindo uma longa túnica azul, estava sentado. Ao seu lado, um gato cinzento lambia uma das patas.

— Finalmente nos encontramos pessoalmente! – ele disse, calmamente, assim que entraram na sala.

Sua voz era baixa e fria, quase um sussurro, mas isso não impedia que fosse ouvida do outro lado do salão.

— Quem é você? – perguntou Daniel, já imaginando a resposta.

— Ora! Quem sou eu? – o homem respondeu com sarcasmo.
– Sou aquele a quem querem destruir!

— Não queremos destruir ninguém! – gritou Marcelo do outro lado.

Colimo colocou a mão no bolso de sua túnica e de lá retirou um objeto. Era a mesma joia que eles haviam visto na cúpula. Mas

dessa vez, parecia brilhar ainda mais.

— Não é isto o que procuram? – Ele mostrou o amuleto.

Permaneceram em silêncio.

— Pois se querem meu amuleto de Aloni, querem me destruir! – Colimo gritou, irritado.

O gato deu um pulo e saiu pelos fundos da sala.

— Nós precisamos dele! – falou Daniel, mas foi ignorado pelo bruxo.

— Saibam que venho acompanhando vocês desde o início e que tentei barrá-los sem sofrimento, mas agora irei destruí-los como se pisasse em uma barata! – tornou a falar Colimo, levantando-se de seu trono.

— Deixe a gente em paz! – Samara gritou, colocando-se à frente de todos.

— Ora, ora! – ele disse em voz calma, andando de um lado para o outro e olhando fixamente para ela. – Quem vejo, então? Se não é a pequena e insolente filha do meu querido irmão!

Sentou-se novamente no trono e encostou-se calmamente.

— Que notícias me traz? – Colimo prosseguiu. – Ora se não morro de saudades de minha querida família! Você aqui, sem dúvida, é um presente especial! – Ele sorriu.

Samara não sabia o que responder e estava, na verdade, com medo, mas continuou firme encarando Colimo com um olhar desafiador.

Colimo se levantou mais uma vez. Esticou um dos braços, como se estivesse próximo de Samara, e uma névoa branca saiu de sua mão indo em direção a ela. A névoa aproximou-se de seu rosto, segurando seu queixo. Por mais que tentasse se livrar, sentia como se as mãos dele estivessem realmente em seu rosto.

— Terei especial prazer em destruí-la! – Colimo sussurrou com um sorriso fino nos lábios.

Samara virou o rosto, livrando-se da névoa fria que a envolvia e deu alguns passos para trás.

Marcelo deu um passo à frente, tentando proteger Samara.

— O que vamos fazer agora? – Júlio cochichou entredentes.

Nesse momento, Colimo fez um gesto com as mãos e pronunciou algumas palavras incompreensíveis. O chão começou a tremer. Samara perdeu o equilíbrio e caiu em cima de Marcelo. Daniel e Júlio tentavam manter-se em pé.

Quando se deram conta, perceberam que quatro das estátuas ao seu redor tinham tomado vida e estavam vindo em sua direção. Haviam se transformado em guerreiros de verdade, homens gigantes com olhos de esmeralda e armas de ouro.

— Ataquem! — gritou Colimo.

Júlio, com toda a sua sorte, foi o primeiro a ser atacado. Ele gritou e saiu correndo, passando por baixo das pernas do guerreiro que tentava pegá-lo.

Um deles foi na direção de Marcelo, que desviou no último minuto, fazendo um zigue-zague. O guerreiro tentou acompanhá-lo, mas como era muito grande e não tinha tanta agilidade, acabou caindo e espatifando-se no chão.

Embora a aparência deles fosse muito próxima à humana, de alguma forma ainda mantinham as propriedades do material de que eram feitos e estilhaçavam-se ao cair no chão com um impacto muito grande.

Cada vez que um quebrava, Colimo repetia seu feitiço e fazia com que outra estátua tomasse vida, continuando a perseguição.

Em meio àquela confusão, todos corriam para todos os lados, tentando escapar. Não tinham nenhuma arma para atacar. A única coisa que havia lhes restado era a adaga de Júlio, que não faria nem cócegas num daqueles guerreiros, e o escudo. Dar com o escudo na canela dos gigantes também não parecia boa ideia.

Um deles começou a andar na direção de Daniel. Ele vinha lentamente, com os olhos verdes e sem vida vidrados em seu alvo. Daniel se lembrou do presente que havia recebido do velho senhor na saída do reino de Anzus e retirou de seu cinto o pequeno saco de pano. Ao apalpar o saco, parecia vazio. Lembrou-se que o homem havia dito que só deveria usá-lo em caso de extremo perigo e achou que não haveria melhor hora do que aquela.

O guerreiro já estava se aproximando, seria uma questão de segundos até que chegasse perto. Daniel desamarrou o laço de fita

vermelha e colocou a mão dentro do saco. Sentiu que havia alguma coisa lá dentro. Segurou o que quer que fosse com firmeza e puxou para fora. Para seu espanto, uma enorme espada de metal saiu de lá de dentro. Era tão grande que Daniel quase não conseguia equilibrá-la. Espantado com o que estava vendo, ficou momentaneamente parado, admirando a arma em sua mão. Enquanto isso, o guerreiro já estava praticamente em cima dele. Só teve tempo de apontar a espada em sua direção. Assim que ela tocou o guerreiro e atravessou sua barriga, ele explodiu em milhares de pedaços. Daniel mal teve tempo de cobrir a cabeça para se proteger dos estilhaços.

Ficou meio atordoado, mas despertou quando ouviu Samara gritando. Ela tinha sido pega por uma das estátuas, que a chacoalhava vigorosamente acima de sua cabeça.

Daniel, com a espada nas mãos, correu em sua direção, lançando-se contra o guerreiro de mármore. Com um golpe da espada, cortou-o ao meio e no mesmo instante ele explodiu, caindo também em pedaços pelo chão. Samara voou para o outro lado do salão.

Depois de ter constatado o poder de sua espada, Daniel correu em direção a todos os outros gigantes e foi destruindo um por um. Colimo dava vida a outras estátuas, mas viu que aquilo era inútil, pois Daniel possuía uma arma mais poderosa. Ficou extremamente irritado com o que estava acontecendo.

— Vocês acham mesmo que são capazes de me derrotar? — ele gritou e deu uma gargalhada. — Vocês não passam de uns fedelhos metidos a besta e eu vou me divertir muito dando cabo de vocês! Nós estamos apenas começando!

Em sua arrogância, ele tinha certeza que poderia destruí-los num piscar de olhos, no momento em que quisesse, mas, por enquanto, queria divertir-se com eles.

Ergueu os dois braços no ar e apontou para frente. Raios prateados começaram a sair da ponta de seus dedos. Ele ria como um desvairado.

Samara foi sua primeira vítima, mas ela conseguiu esconder-se atrás dos escombros de uma das estátuas antes que ele pudesse

atingi-la. O raio destruiu parte das pedras que a protegiam. Marcelo, vendo que Colimo ia continuar até conseguir atingi-la, deu um grito para chamar sua atenção:

— Aqui, ô saco de ossos!

Colimo virou-se com fúria para ele, tornando a lançar seus raios, mas Marcelo foi mais rápido e correu, escondendo-se também atrás de alguns escombros.

Colimo ficou enfurecido e atirava para todos os lados. Cada raio que ele mandava destruía uma das barreiras que os protegia e eram obrigados a mudar de lugar. Durante alguns minutos ficaram nessa brincadeira, mas em pouco tempo restavam poucos lugares onde eles pudessem se esconder. Já haviam usado a única arma que tinham e agora não sabiam mais o que fazer.

Estavam todos juntos escondidos atrás do último pedaço grande de mármore. Colimo gargalhava, aproximando-se. Lançou um raio certeiro na pedra que os protegia, que se espatifou.

— O escudo! – gritou Samara. – Use o escudo, Júlio!

Júlio levantou o escudo a sua frente, tentando defendê-los. Os outros tentaram proteger-se atrás dele, enquanto Colimo continuava lançando seus raios, que iam pulverizando o que encontrassem pelo caminho. Alguns batiam de raspão no escudo e refletiam para o outro lado da sala. Já estavam perdendo as esperanças e Colimo parecia cada vez mais irritado e enfurecido. Mandava seus raios com mais e mais força, até que um deles atingiu em cheio o escudo de Júlio, jogando-o para trás e derrubando-o juntamente com os outros.

O escudo refletiu o raio, que foi em direção a uma das paredes do lado esquerdo do salão, batendo em cheio num dos espelhos, que, por sua vez, refletiu novamente o raio para a parede dos fundos, atingindo um dos menores espelhos. Ele era tão pequeno que não chegava a ser do tamanho do rosto de uma pessoa. Sua moldura, entretanto, era grande, mais de duas vezes o seu próprio tamanho. O pequeno espelho também refletiu o raio, que dessa vez foi atingir em cheio as costas de Colimo. Uma grande explosão aconteceu.

O bruxo, ao ser atingido, voou, caindo desfalecido no chão. Com a queda, o amuleto de Aloni, que estava em seu bolso, foi parar no centro do salão.

Aos poucos Júlio recobrou os sentidos, depois de ter recebido o impacto do raio, e foi se levantando.

— Você está bem? – Daniel, que estava ajoelhado ao seu lado, perguntou enquanto o ajudava.

— O que aconteceu? – Júlio perguntou, ainda atordoado.

— Você salvou a gente! – Samara, que tinha voado para o outro lado, respondeu enquanto apontava para Colimo deitado no chão.

Júlio olhou na direção em que ela apontava e assustou-se com o que viu.

— Eu fiz isso? – perguntou, boquiaberto. – Como?

Colimo estava deitado no chão, imóvel, com os olhos abertos e as mãos apontando para frente.

— Depois a gente explica! – interrompeu Marcelo, terminando de puxá-lo para que ele ficasse em pé. – Melhor sairmos logo daqui!

— Não se esqueça da sua espada, Daniel! – Júlio falou, coçando a cabeça. – Aliás, onde você arranjou essa espada?

Daniel pegou a espada e estendeu o saco de pano, abrindo-o e colocando-a novamente lá dentro. Ela desapareceu e o saco parecia vazio novamente. Daniel amarrou a fita ao redor dele e colocou-o no seu cinto.

— Saiu daqui de dentro na hora em que eu enfiei a mão! – Ele sorriu. – Também não sei de onde veio, mas que ajudou, ajudou!

— Vamos pegar o amuleto! – lembrou Samara.

Daniel correu até o centro do salão onde estava o amuleto e abaixou-se para pegá-lo.

— Nem o amuleto de Aloni foi capaz de defender Colimo de sua própria maldade. – ele disse.

— Vamos embora! – tornou a dizer Marcelo.

Começaram a girar, cada vez mais rápido!

A

ndando pelos corredores do palácio, que agora pareciam muito mais amplos e iluminados, não tiveram dificuldade para achar a sala por onde haviam entrado. Já notaram a diferença assim que puseram os pés para fora. Era dia e o sol brilhava. A névoa havia se dissipado. Ao começarem a descer a montanha, viram que as árvores já não pareciam tão secas e algumas já começavam a brotar. Em alguns trechos, a grama verde despontava por baixo das folhas secas. Era a energia macabra de Colimo que mantinha aquele lugar nas trevas e agora, com ele destruído, a natureza estava voltando com toda a força e a passos largos.

Seguiram sua jornada, felizes com o resultado de sua expedição. Agora, com o amuleto de Aloni em seu poder, voltariam para casa em breve.

A volta foi longa e cansativa. Levaram alguns dias para chegarem aos portões da cidade. Assim que entraram, notaram que não havia nenhum barulho, parecia que a cidade estava vazia. As casas estavam fechadas com panos pretos pendurados nas janelas.

— O que será que aconteceu? — perguntou Júlio, olhando para os lados.

— Não sei! — disse Daniel. — Vamos para o castelo. Lá vamos ficar sabendo.

Seguiram em direção ao castelo do rei Anzus. Lá chegando, viram a mesma situação, todas as janelas fechadas, panos pretos estendidos e nenhum sinal de alguém por perto. Foram entrando, Samara na frente, apreensiva com o que pudesse ter acontecido. Ao chegarem à sala do trono, viram que havia movimento lá dentro. O

rei Anzus estava sentado tristemente em seu trono, rodeado por várias pessoas da cidade. Samara entrou, seguida por Júlio, Daniel e Marcelo. No momento em que apareceram na porta, não foram notados inicialmente por ninguém, tamanha era a tristeza que pairava no ar. Demóstenes, que também estava lá, levantou sua cabeça ao ouvir um ruído e viu os quatro aproximando-se do trono pelo centro do salão.

— Vejam! – ele gritou. – A princesa está viva!

Todos levantaram suas cabeças, inclusive o rei, que mal pôde conter sua alegria ao ver sua filha de volta, sã e salva.

— Samara! – ele correu e abraçou a filha. – Por onde você andou? Pensamos que estivesse morta!

— Está tudo bem, papai! – Samara disse, abraçando o pai – Nós estamos de volta!

— Minha filha! Ficamos muito preocupados com você! E quanto a vocês – perguntou o rei, dirigindo-se a Daniel, Marcelo e Júlio –, como estão?

— Estamos muito bem! – Júlio fez uma reverência.

Estavam cansados, sujos e com fome, mas estavam felizes por terem conseguido resgatar o amuleto de Aloni e, com ele, sua própria liberdade.

Todas as pessoas presentes na sala estavam ansiosas por ouvir o que havia acontecido. Enquanto conversavam com o rei, a notícia de que haviam retornado espalhou-se pela cidade. Logo, todos que antes estavam recolhidos em suas casas, de luto pelo desaparecimento da princesa, agora estavam vindo em direção ao castelo.

Em poucos minutos a sala do trono estava tão cheia que seria impossível que todas aquelas pessoas permanecessem ali.

— Mas então – perguntou Demóstenes em meio à confusão que se formava –, vocês conseguiram? Tiveram êxito?

— Sim! – Júlio respondeu, triunfante. – O amuleto está em nosso poder agora!

— E Colimo foi destruído! – completou Marcelo. – Graças ao Júlio, que foi o grande herói dessa jornada.

Demóstenes olhou orgulhoso para Júlio, que ficou todo vermelho.

— Não tenho palavras para agradecer por tudo o que fizeram! – interrompeu o Rei Anzus. – Agradeço especialmente por terem trazido minha filha de volta sã e salva.

— Nós é que agradecemos, majestade! – Daniel inclinou-se. – Se não fosse por Samara, nunca teríamos chegado ao amuleto.

Todo o reino estava agora livre de Colimo e podiam viver em segurança e liberdade dentro e fora dos muros da cidade. O Rei Anzus mandou que fosse preparada uma grande festa para comemorar.

No final de todas as festividades, chegou a hora de partirem. Júlio envolveu o amuleto de Aloni em um tecido muito delicado, que havia sido presente do rei, e o colocou dentro de uma caixa em sua sacola. Depois de tudo preparado, colocaram as roupas com que haviam chegado e estavam prontos para partir.

Despediram-se de todos e seguiram junto com o rei, Samara e Demóstenes, que conhecia o ponto exato onde haviam chegado.

Logo reconheceram o caminho por onde tinham vindo, mas não sabiam como voltar. Andando ao redor, Marcelo apontou para a fenda na pedra próxima ao local onde haviam acordado.

— Talvez, se a gente entrasse nesta fenda, poderíamos encontrar a passagem de volta para a caverna – ele sugeriu.

— Vamos tentar! – disse Daniel.

— Sempre que precisarem de qualquer coisa, estaremos aqui, prontos a ajudá-los – o rei disse antes que eles partissem. – Seremos eternamente gratos por tudo o que fizeram por nosso reino.

— Não há de quê! – falou Daniel. – Nós é que agradecemos por sua ajuda e em especial pela ajuda de Samara, pois se não fosse por ela, estaríamos até agora presos naquele buraco.

Assim, Daniel, Júlio e Marcelo abraçaram Samara, o rei e Demóstenes e passaram pela fenda na pedra.

Assim que entraram, sentiram aquela mesma névoa que tinham visto quando abriram a porta dentro da caverna de Seth. Mal deram alguns passos e logo foram suspensos no ar e

começaram a girar, cada vez mais rápido, em meio a uma luz brilhante, até perderem os sentidos.

Pegou o amuleto... e saiu correndo!

Q

Quando acordaram, estavam novamente no interior da caverna, deitados em frente à porta de onde tinham vindo, que estava aberta, e de lá de dentro ainda saía um pouco de névoa. Enquanto Daniel se levantava e chamava os outros, a porta se fechou vagarosamente.

— Acordem! – ele disse. – Já estamos de volta!

Júlio e Marcelo acordaram, ainda tontos com a viagem, e levantaram-se devagar.

— Júlio, veja se o amuleto ainda está com você. – Daniel pediu.

Júlio abriu sua sacola e revirou-a até encontrar a caixa onde o havia guardado. Abriu-a e retirou de lá de dentro o pano onde ele estava.

— Sim! – Júlio mostrou o amuleto. – Está aqui. Vamos falar com Seth!

Sem que ele percebesse, o pássaro Mordip apareceu e, num pulo, pegou o amuleto de Aloni com o bico e saiu correndo. Júlio ficou perplexo com o ocorrido e não teve nenhuma reação. Marcelo, no mesmo instante, saiu em disparada atrás do Mordip. Daniel e Júlio correram também, no segundo seguinte, atrás de Marcelo.

O pássaro corria como um louco e os três não o perdiam de vista.

— Mordip, volte aqui! – gritou Marcelo.

— Vem aqui, seu pássaro maluco! – Júlio gritou, já sem fôlego para correr.

— Não o percam de vista! – disse Daniel. – Precisamos recuperar o amuleto!

Os três corriam o mais que podiam, mas o Mordip era muito rápido. Por mais que tentassem, não conseguiram alcançá-lo e o pássaro sumiu em meio à mata. Desolados, voltaram para a caverna.

— O que vamos fazer agora? – perguntou Marcelo.

— Não acredito que aquele Mordip fez isso com a gente! – Júlio sentou-se no chão para se recuperar do cansaço. – Tivemos tanto trabalho para pegar esse amuleto e agora isso! E eu que achava que o pássaro estivesse do nosso lado!

— Vamos falar com Seth! – Daniel se dirigiu à sala do trono. – Afinal de contas o Mordip é dele.

Daniel pensou que talvez Seth tivesse tido algum tipo de recaída e pedido ao Mordip para pegar o amuleto, assim não teria que cumprir sua promessa de tirá-los daquele lugar.

— Seth, acorde! – Júlio chamou, aproximando-se do trono.

Nenhuma resposta.

— Seth, acorde! Precisamos falar com você! – Júlio, então, insistiu, falando um pouco mais alto.

Seth despertou e, ao ver os meninos de volta, exclamou:

— Que bom que vocês voltaram! Estava muito preocupado, achei que algo tivesse acontecido. Fico muito feliz em vê-los bem. Vocês estão bem, não estão?

— Sim! – Daniel respondeu, com medo de contar a Seth o que havia acontecido, mas ao mesmo tempo desconfiado. – Estamos bem.

— Então me contem! – disse Seth entusiasmado. – Conseguiram o amuleto de Aloni?

— Sim – Júlio respondeu timidamente –, conseguimos.

— Ora! Que maravilha! – exclamou Seth. – Deixem-me vê-lo!

— Não podemos... – respondeu Júlio.

— Por que não podem? – perguntou Seth, indignado.

Ficaram muito sem graça e não sabiam como contar o que havia acontecido.

— Digam logo! Por que não podem me mostrar? – Seth insistiu, percebendo que havia algo errado.

— Seth – Daniel aproximou-se do trono –, nós encontramos o amuleto, aliás, tivemos muito trabalho pra isso! Trouxemos ele até aqui, mas quando chegamos, fomos surpreendidos pelo pássaro Mordip, que pegou ele da gente e fugiu.

Por alguns segundos, Seth permaneceu em silêncio.

— Não posso acreditar no que vocês estão me contando! – Seth exclamou, muito triste. – Pensei que fosse me libertar deste feitiço e agora estou preso para sempre!

Naquele momento, ao verem a dor de Seth, perceberam que se importavam realmente com ele, que não haviam passado por tudo aquilo apenas por sua própria liberdade. Entenderam que não seriam capazes de sair dali se tivessem que deixá-lo para trás.

— Calma, Seth! – Júlio aproximou-se, abraçando-o. – Nós vamos conseguir o amuleto de volta.

Daniel e Marcelo aproximaram-se e também o abraçaram. Sentindo o calor de seus corpos, Seth percebeu que não estava verdadeiramente sozinho. Viu a sinceridade em seus corações e ficou feliz por ter amigos que se importavam com ele. Há muito tempo não sentia uma sensação como aquela. Alguma coisa mudou dentro dele. Por um instante, ele achou que não se importaria de ficar ali para sempre, pois já estava acostumado com aquele lugar e poderia viver da mesma maneira que vinha fazendo há anos, mas lembrou-se que seus amigos precisavam voltar para casa e que ele havia prometido lhes mostrar a saída se trouxessem o amuleto.

— Meus amigos! – Seth disse, com a voz cheia de tristeza. – Eu sei que vocês me trouxeram o amuleto de Aloni e que não tiveram culpa dele ter sido roubado, mas infelizmente não poderei ajudá-los a sair daqui, pois sem o pássaro Mordip não tenho como lhes mostrar a saída. Estou preso aqui dentro pelo resto de minha existência, mas o que me deixa mais triste é não poder ajudá-los depois de tudo o que fizeram por mim.

Algumas pedras rolaram para o chão, como lágrimas.

— Gostaria muito de poder tirá-los daqui – repetiu. – Eu trocaria minha liberdade pela de vocês, se fosse possível.

Nesse instante, uma nuvem de fumaça apareceu no arco de entrada do salão e todos viram um homenzinho se aproximando. Era Komus, o duende da floresta que havia transformado Seth em pedra. Ele se aproximou, seguido de Mordip.

— O que faz aqui? – perguntou Seth.

— Vim visitá-lo! – Komus respondeu, aproximando-se.

— Olhe – disse Seth. –, estes meninos conseguiram encontrar o amuleto de Aloni para me libertar, mas o pássaro Mordip o roubou. Sei que você deve estar com ele e mandou que o pássaro o pegasse para impedi-los de me ajudar. Não tem problema, eu só peço que os ajude a sair daqui. Diga ao Mordip para guiá-los de volta para casa.

Komus percebeu que Seth estava sendo muito sincero em suas palavras e que seu coração realmente havia sido tocado pela amizade. Para ter certeza, disse a Seth:

— Você vai ter que fazer uma escolha, não posso ajudar a todos. Posso libertar os meninos, ou posso desfazer o seu encanto e libertá-lo juntamente com todos estes tesouros.

Seth permaneceu calado e pensativo por alguns instantes. Todos olhavam atentamente para ele, aguardando sua resposta.

— Pois então liberte-os! – ele disse, finalmente. – Eu posso ficar aqui e não preciso de nenhuma riqueza. Graças à minha ganância fiquei todo este tempo preso dentro desta caverna. Agora sei que existem coisas mais importantes na vida. Se você quiser, pode levar todo este tesouro com você. Só peço que os leve de volta para casa.

Komus, então, tendo certeza que Seth havia aprendido sua lição, colocou a mão dentro da túnica que usava e retirou algo de lá de dentro.

— Aqui está o que procuram! – Ele mostrou o amuleto.

Júlio aproximou-se e pegou o amuleto nas mãos. Ele parecia mais brilhante do que nunca.

— Seth demonstrou que aprendeu sua lição – falou Komus –, por isso vou libertá-lo. Basta que coloquem o amuleto em cima dele e o encanto será desfeito, mas antes gostaria de dizer-lhes que esta caverna é um portal mágico e que tudo o que presenciaram

aqui deve ficar em segredo para a segurança dos diferentes mundos que são guardados por ela.

— Mas como vamos manter isto tudo em segredo se estamos fora de casa há dias? — perguntou Marcelo. — Nossos pais devem estar desesperados atrás de nós! Quando chegarmos, vão querer saber por onde andamos, o que fizemos e tudo o que aconteceu.

— Não se preocupem, seus pais apenas estarão bravos porque vocês não apareceram para o jantar! — respondeu Komus.

— O que você quer dizer? — perguntou Júlio.

O pequeno homem andou de um lado para o outro e pediu para que Marcelo olhasse em seu relógio e lhe dissesse as horas.

— Me desculpe, mas meu relógio está parado. — Marcelo falou.

— Olhe novamente — pediu Komus.

Marcelo, sem saber o que estava acontecendo, olhou para o relógio, que continuava parado, porém desta vez estava marcando seis horas e trinta e dois minutos.

— Esse relógio está maluco! — exclamou Marcelo. — Agora está marcando outro horário diferente do anterior, mas ainda está parado.

— Seu relógio não está quebrado, Marcelo! — falou o homenzinho. — O tempo aqui dentro passa de forma diferente, por isso seu relógio é incapaz de se mover. Parece que está parado, mas continua marcando as horas, conforme o tempo está passando em seu mundo.

— Quer dizer que lá fora ainda estamos no mesmo dia em que entramos no bosque, apenas um pouco mais tarde? — perguntou Daniel.

— Sim, por isso não há o que temer e devem manter tudo em segredo, ou então colocarão em risco a caverna e os outros mundos que se escondem por detrás daquelas portas — disse Komus, apontando para o outro salão.

— Prometemos não contar nada do que vimos aqui! — Júlio falou, recebendo a aprovação de seus amigos.

— Pois então — disse Komus —, prossigam com sua tarefa e libertem Seth. O pássaro Mordip os guiará depois até a entrada do

bosque, e nunca se esqueçam do que prometeram.

Dizendo isso, Komus desapareceu da mesma maneira que havia surgido.

Júlio, que estava com o amuleto de Aloni nas mãos, aproximou-se do trono, subiu alguns degraus e colocou-o em cima da cabeça de Seth. Uma luz intensa e brilhante começou a sair do amuleto, iluminando toda a sala e envolvendo Seth, que foi tendo suas formas alteradas até que passou a ser um homem novamente. Terminado o encanto, o amuleto de Aloni, que agora estava em seu pescoço, parou de brilhar.

Seth, maravilhado por estar de volta à forma humana, saiu dançando e pulando pelo salão.

— Não sei como agradecer pelo que fizeram por mim! – ele disse, ajoelhando-se. – Muito obrigado mesmo! Estou tão feliz!

— Nós é que agradecemos! – disse Daniel. – Você ia sacrificar sua liberdade pela nossa.

— Não ia fazer nada além do que me mandava o coração! – Seth disse, abraçando os meninos. – Vocês foram muito bons comigo e não mereciam ficar aqui presos o resto de suas vidas.

— Pois bem – falou Júlio –, já que estamos todos bem, o que acham de sairmos daqui e voltarmos para casa?

— Então vamos embora! – disse Seth. – Vamos embora!

Agora é a nossa vez de contar uma história!

S

aíram da caverna e acompanharam o pássaro Mordip, que os guiou pelo bosque. Desta vez, foi muito mais fácil andar pelo meio do mato. Quando chegaram próximo da beira da mata, o pássaro correu para longe, desaparecendo, e os meninos, juntamente com Seth, saíram dali.

A primeira coisa que Marcelo fez foi olhar em seu relógio.

— Não acredito! – ele disse.

— O que foi? – Júlio perguntou.

— Meu relógio! – Marcelo respondeu, olhando para o braço.

— O que tem seu relógio? – Júlio perguntou novamente, já ficando irritado com o suspense.

— Voltou a funcionar normalmente! – Marcelo mostrou o pulso para os amigos.

Seth, Daniel e Júlio cercaram Marcelo para olhar o relógio.

— Isso comprova o que Komus nos explicou! – disse Daniel.

— Retornamos para casa e tudo volta ao normal! – exclamou Júlio.

— Finalmente estamos de volta! – falou Marcelo, comemorando. – Estou morrendo de fome!

— Até que foi bem legal a nossa aventura! – Júlio falou, animado.

— Bem que podíamos voltar um dia! – Daniel sugeriu, cheio de esperança.

— Acho que vocês três já falaram demais, não acham? – Seth abraçou os meninos enquanto caminhavam.

— E agora, Seth? – perguntou Daniel. – O que você vai fazer?

— Ainda não sei – respondeu Seth –, mas tenho uma ideia.

— Qual? – perguntou Júlio.

— Vocês se lembram que me contaram uma história de uma senhora chamada Aída? – Seth perguntou.

— Sim! – respondeu Júlio. – Ela que nos contou tudo a respeito da Mata do Anátoma.

— Pois bem – disse Seth –, quando vocês falaram, eu achei estranho, não quis dizer nada, mas minha filha mais nova chamava-se Aída e eu tenho a impressão de que esta senhora pode ser ela. Como existe uma diferença de passagem do tempo dentro do bosque, eu penso que talvez ela possa ser minha filha mais nova, que a esta altura já deve ser uma senhora muito velha, se ainda estiver viva.

— Será?! – exclamou Marcelo, admirado. – Vamos até a casa dela!

Encontraram suas bicicletas na beira da estrada, no local onde as haviam deixado. Seguiram, então, até a casa de Dona Aída.

— Acho melhor eu ir na frente pra preparar o terreno e tentar descobrir se ela é ou não a pessoa que procuramos. – Daniel falou assim que chegaram. – Vai que não é ela e aí vamos ter um trabalhão pra explicar tudo.

— Sim, acho que é melhor assim – falou Seth. – Nós esperamos aqui fora.

Daniel subiu os degraus e bateu à porta. D. Aída abriu bem devagar e só o suficiente para ver quem era.

— Daniel! – ela exclamou, terminando de abrir a porta assim que o viu. – O que faz por aqui? Entre, por favor! O que aconteceu com você, está todo sujo? Venha! Vou lhe preparar alguma coisa pra comer, está com jeito de quem tem fome.

— Olá, D. Aída! – Daniel respondeu, entrando na casa. – Não precisa se preocupar com nada!

— Não é trabalho nenhum! Aguarde apenas um pouquinho – ela disse – que eu já volto. É só um minuto.

Enquanto D. Aída estava na cozinha, Daniel viu algumas fotos que estavam em quadros pendurados na parede. Pensou que

talvez pudesse achar ali alguma pista.

— D. Aída! – ele gritou da sala. – Quem é esse homem com as flores nessa foto em preto e branco?

D. Aída voltou da cozinha com o guardanapo nas mãos e foi ver a foto de perto.

— Esse é meu pai! – ela respondeu com olhar triste. – É a única lembrança que tenho dele.

Daniel olhou novamente para a foto e teve certeza que aquele homem era Seth. Dona Aída era mesmo sua filha.

— D. Aída – Daniel falou, puxando-a pela mão para que se sentasse no sofá. –, eu tenho uma coisa muito importante pra falar com a senhora, mas antes, por que a senhora não se senta enquanto vou buscar uma coisa lá fora?

D. Aída se sentou, confusa com a atitude de Daniel, que saiu e chamou Seth, Júlio e Marcelo.

— Venham! É ela mesmo! – ele disse.

Entraram na casa devagar, Seth vinha um pouco mais atrás. D. Aída olhava sem saber o que esperar. Assim que viu Seth, reconheceu suas feições, embora não pudesse acreditar no que estava vendo.

— Meu Deus! Como você se parece com meu pai! – ela exclamou.

— Pois este é realmente seu pai, Dona Aída! – disse Daniel.

— Não diga besteira! – Ela abanou a mão em frente ao rosto. – Meu pai já faleceu há muito tempo!

— Pois muito bem, Dona Aída – Júlio se sentou na velha poltrona da sala –, acho que agora é nossa vez de contar uma história!

Então, Júlio contou tudo o que havia acontecido com eles e com Seth dentro da Mata do Anatema. Dona Aída demorou um pouco para entender e acreditar em algo tão fabuloso, mas ficou muito feliz por não estar mais sozinha. Ela e Seth se abraçaram longamente e choraram, emocionados com o reencontro.

Depois de tudo esclarecido, D. Aída voltou à cozinha e preparou o lanche que havia prometido. Depois, sentaram-se à mesa para comer.

— Bom! – Júlio respondeu depois de algum tempo. – O papo está muito bom, mas temos que voltar pra casa. Ainda temos uma bronca pra levar!

— É isso aí! – falou Marcelo. – É melhor nos apressarmos, ou vamos nos meter em **outra** encrenca!

— Muito obrigado por tudo! – disse Seth, abraçando mais uma vez os meninos. – Espero vê-los em breve.

— Com certeza! – disse Daniel. – Voltaremos mais vezes para visitá-los.

Despediram-se de Seth e de Dona Aída e pegaram o caminho de volta para casa.

Ao chegarem na casa de Daniel, sua mãe já estava esperando na porta, pois ele não tinha aparecido para jantar e já estava anoitecendo.

— Ainda bem que apareceram! – ela disse. – Já estava ficando preocupada!

Júlio e Marcelo ligaram para seus pais para avisar que estava tudo bem, que estavam na casa de Daniel e que jantariam lá. Enquanto isso, a mãe de Daniel preparou algo para que comessem. Não contaram que já haviam comido na casa de Dona Aída e sentaram-se à mesa. Bob veio correndo para o lado de Daniel para ver se ganhava alguma comida, mas dessa vez Daniel se levantou e colocou um pouco de ração na tigela do cachorro.

— Aqui, amigão, isso aqui é que é bom pra você! – ele disse.

A mãe de Daniel sentou-se junto com eles e observou enquanto comiam.

— Então, por onde estiveram o dia todo que não tiveram tempo nem de parar para jantar? – ela perguntou, curiosa.

E Daniel respondeu, piscando para os amigos, que caíram na risada:

— Por aí, mãe, estivemos por aí!

Em breve

O Resgate de Althea

O segundo livro da série

As Quatro Portas do Tesouro

Muitas vezes, a conclusão de uma história é o seu fim, mas outras tantas vezes, é apenas o começo...

Deixar o passado enterrado e esquecido não faz com que ele deixe de ter existido. De uma forma ou de outra, o que ficou para trás vai encontrar seu caminho e chegar ao seu destino.

Daniel achava que todas as aventuras que ele e seus amigos haviam vivido na Mata do Anatema eram apenas lembranças envolvendo um grande segredo, mas logo um sonho recorrente surgiu para lhe tirar o sono!

Um pedido de ajuda, um sinal de que alguma coisa estava errada. Um chamado que não podia deixar de ser ouvido.

Nesta nova aventura, Daniel, Júlio e Marcelo retornam à Mata do Anatema em busca de Althea, a esposa de Seth, que havia entrado por uma das portas encantadas da caverna do tesouro e nunca mais voltado.

"O Resgate de Althea", o segundo livro da série "As Quatro Portas do Tesouro", leva nossos amigos a Alius, um mundo habitado por vários povos diferentes e criaturas assustadoras, e governado por Átira, uma chefe de Estado muito além de perigosa, que mantém seu domínio através do medo que impõe.

Sem nenhuma pista e sem saber por onde começar a procurar, Daniel, Júlio e Marcelo, ainda mesmerizados com tudo o que estão vendo, são capturados e levados ao palácio, onde ficam sabendo que Althea é a Conselheira de Átira e foi sequestrada por um bando de rebeldes.

Átira promete poupar suas vidas, mas em troca, quer que os três libertem sua conselheira e a tragam de volta ao palácio. Zoia, uma serviçal, é escolhida para acompanhar Daniel, Júlio e Marcelo e

servir de guia durante sua jornada, mas, por algum motivo, ela parece não estar nada feliz em ajudar.

Para resgatar a Conselheira, nossos amigos terão que enfrentar monstros e criaturas apavorantes, além de vencer suas próprias limitações, usando conhecimento e criatividade como armas poderosas.

Mas raramente as coisas são tão simples como parecem e nem sempre tudo acontece como planejado. Nossos amigos se veem obrigados a mudar seus planos e enfrentar um inimigo muito mais perigoso do que haviam imaginado.

Uma aventura bem-humorada, cheia de surpresas e reviravoltas, onde nem sempre as coisas são exatamente o que parecem...

Acompanhe pelo site www.asquatroportasdotsouro.com as atualizações sobre o lançamento de "O Resgate de Althea", o segundo livro da série "As Quatro Portas do Tesouro"

E. Samuel

nasceu em São Paulo. Seu gosto pela leitura começou por volta de oito anos de idade, e a partir daí, nunca mais parou. Com cerca de doze anos se enveredou em sua primeira aventura literária, escrevendo um conto que, no futuro, daria origem ao que é hoje o livro "Em Busca do Amuleto de Aloni".

Cursou Engenharia Agrícola na UNICAMP, onde se formou em 1997. Em 2002 mudou-se para o Canadá, onde cursou, na Universidade de Waterloo, o Curso Avançado de Escrita de Ficção.

Em 2014, lançou no Canadá e no Brasil o livro ***Em Busca do Amuleto de Aloni***, o primeiro livro da série ***As Quatro Portas do Tesouro***.

Dentre suas obras, além de ***Em Busca do Amuleto de Aloni***, pode-se citar os títulos inéditos: ***O Resgate de Althea***, o segundo livro da série ***As Quatro Portas do Tesouro***; o romance para jovens e jovens adultos, ***Uma Janela na Praia***; e o romance ***Para Sempre Em Seu Olhar***.

Atualmente, E. Samuel mora com seu marido e filhos no estado de Nova Jersey nos EUA.

Para maiores informações, visite o site:
www.asquatroportasdotesouro.com

Siga a autora:

www.facebook.com/asquatroportasdotesouro

www.twitter.com/ES4muel

www.instagram.com/e.samuel

Table of Contents

Índice

Notas da segunda edição

Não chegamos mais perto que isso...

Como é possível não ser visto de canto nenhum?

Tá vendo... você criou um monstro!

Se tornaram amigos inseparáveis!

Podemos ir lá na sexta-feira...

Contando mais um de seus casos?

Teremos sorte se sairmos vivos daqui!

Isto é o que eu sei...

Que diacho foi isso?

A luz do dia parecia brilhar lá dentro agora...

É tudo meu! Preciso de tudo!

Temos uma chance!

Nós realmente precisamos do amuleto...

O amuleto que o protege é o que procuram...

Eu meti a gente nessa encrenca...

Entramos nessa juntos e vamos sair juntos...

Vamos ficar sem luz já, já!

Grande mágico!

Não abram a não ser em caso de extremo perigo...

Tem alguma coisa errada...

A floresta tem olhos e ouvidos!

Tio Colimo nos convida a entrar!

Mais uma gracinha...

Não é isso o que procuram?

Começaram a girar, cada vez mais rápido!

Pegou o amuleto... e saiu correndo!

Agora é a nossa vez de contar uma história!

O Resgate de Althea

E. Samuel